

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM ENSINO
DE CIÊNCIAS

BEATRIZ MARIA SANTOS MACEDO

Emoções nas Relações Interpessoais de Educadores: um
olhar para a pandemia à luz da Biologia do Amar

SÃO PAULO

2023

BEATRIZ MARIA SANTOS MACEDO

**Emoções nas Relações Interpessoais de Educadores: um
olhar para a pandemia à luz da Biologia do Amar**

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da
Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientadora: Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pelo Serviço de Biblioteca e Informação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo

Macedo, Beatriz Maria Santos

Emoções nas relações interpessoais de educadores: um olhar para a pandemia à luz da Biologia do Amar. São Paulo, 2023.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências.

Orientador: Profa. Dra. Maria Elena Infante-Malachias.

Área de Concentração: Ensino de Biologia.

Unitermos: 1. Biologia – Estudo e ensino; 2. Isolamento social; 3. Emoções; 4. Relação professor-aluno; 5. Biologia do Amar; 6. Humberto Maturana, 1928-2021.

USP/IF/SBI-088/2023

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi uma das maiores conquistas que um dia almejei alcançar, deste modo, não faria sentido não agradecer a todos aqueles que estão e estiveram comigo, ou que de alguma forma me incentivaram para a realização e concretização dessa dissertação. Primeiramente sou grata à Deus, que é meu apoio e suporte, meu conselheiro e guia. Sou grata aquela que me faz sentir apoiada, segura, por uma das pessoas mais especiais da minha vida, Gabi. Agradeço meu amor, por cada momento em que esteve ao meu lado, em que me auxiliou e deu forças para traçar essa jornada, que não se encerra aqui, você é especial e me inspira a continuar estudando e escrevendo hoje e sempre. Que nossa família seja tão frutífera, quanto o apoio a minha carreira profissional, e que este seja apenas o início dos milhares de sonhos que construímos juntas.

Sou grata a minha família, que sempre incentivou e aplaudiu minhas conquistas e desafios, estando dispostos a entender meus momentos de silêncio e dedicação. A eles agradeço por sua dedicação e carinho em me proporcionar espaços de aprendizado e convivência. A extensão da minha família, aquele que escolhi de coração, amigas que conheci na faculdade e que hoje são irmãs, agradeço por todo apoio, torcida, e principalmente por me ouvirem nos momentos mais difíceis, compartilhamos e compartilharemos sempre nossas vidas. Aos meus colegas de trabalho que fizeram parte dessa linda dissertação, que me doaram seu tempo, suas experiências e principalmente o seu carinho para fazer parte dessa profunda e verdadeira produção.

À Universidade de São Paulo, ao Programa de Pós- Graduação Interunidades e ao corpo docente que me receberam e proporcionaram momentos de muito aprendizado, maturidade e crescimento profissional. Estes anos na universidade foram essenciais para a construção dessa dissertação. Agradeço imensamente a minha orientadora Doutora María Elena Infante-Malachias pela dedicação ao longo desses dois anos de desenvolvimento deste trabalho, por seu apoio, incentivo e principalmente orientação de forma tão humana, graciosa e amorosa, que me fizeram perceber a importância de uma orientação respeitosa e pensada no protagonismo do mestrando. Agradeço professora por sua amizade, por sua entrega, por todos os ensinamentos e conselhos que me fazem desejar continuar os estudos e buscar sempre o melhor, este trabalho é um reflexo de sua orientação, gratidão.

Ao meus colegas do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia do Conhecer (GPEnCiBiC) por todo apoio e orientações ao longo dessa produção, durante nossas reuniões, que engradeceram meu trabalho e auxiliaram nas modificações necessárias e pontuais para uma escrita coesa e significativa. Nossas discussões foram e são sempre construtivas de forma profissional e pessoal, permitindo a reflexão e reformulação de diversos conceitos e experiências.

Agradeço também ao autor Humberto Maturana, por suscitar diversos pensamentos e proporcionar minha reflexão me levando da graduação ao mestrado e futuramente ao doutorado. O conhecimento é uma construção enriquecedora e diz respeito exclusivamente ao sujeito que a busca, no entanto, ao vermos os pensamentos dos outros nos sentimos instigados a procurá-lo e entendê-lo. Sendo assim, sou grata as suas inquietações e reflexões que me trouxeram aqui. Por fim, sou grata a mim, por não desistir e persistir sempre em meus sonhos, realizações e por encontrar na educação um caminho para a construção e desenvolvimento humano.

Cada vez que eu digo algo, eu os toco. Não os toco com meus dedos, mas com ondas sonoras que desencadeiam em vocês mudanças estruturais que têm a ver com vocês. (Maturana, 2001, p.94)

RESUMO

MACEDO, Beatriz Maria Santos. **Emoções nas Relações Interpessoais de Educadores**: um olhar para a pandemia à luz da Biologia do Amar, 2023. Dissertação de mestrado em Ensino de Ciências – Programa de Pós-graduação Interunidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Como seria se priorizássemos em nossas relações humanas a emoção ao invés da razão? De acordo com o autor estudado nesta dissertação, Humberto Maturana, os homínídeos pré-históricos eram cercados por relações que valorizavam uns aos outros e consideravam o cuidado mútuo, o descascar de sementes, o cuidado dos filhos, a sensualidade nos encontros, sendo todas estas ações movidas pela emoção que funda as relações sociais, o amor. Nesta perspectiva, os adultos têm total responsabilidade pela educação e pelos espaços de convivência das crianças e adolescentes. Contudo, recentemente a pandemia da Covid-19 provocou o isolamento social, e com ela, foram evidenciadas profundas mudanças nas relações e interações humanas. Dentro de todo esse cenário diversas emoções foram suscitadas e podem ter interferido nas relações interpessoais e influenciado no processo de ensino aprendizagem, visto que são as emoções que movem o humano. Dessa forma, a pergunta de pesquisa que conduziu esta investigação foi: como as emoções podem ter modificado as relações interpessoais no ambiente escolar após o período de isolamento social da pandemia da Covid-19 e quais suas possíveis interferências no processo de ensino e aprendizagem? Para responder essas questões, utilizamos uma abordagem de pesquisa qualitativa e exploratória por meio de entrevistas e questões abertas com professores e merendeiras de uma Escola Estadual do Estado de São Paulo, sendo estes, convidados a partilhar suas experiências relacionadas aos períodos pré, durante e pós isolamento social durante a pandemia da Covid-19. As experiências partilhadas foram gravadas e os dados transcritos, organizados e analisados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). A partir da análise dos relatos foram identificadas algumas relações que ocorriam no espaço escolar antes da pandemia, dentre elas a dificuldade de interação com os alunos, mas fica evidente que existiam trocas significativas que geraram experiências significativas. Os professores e merendeiras expressaram com facilidade suas emoções, estando entre elas, o medo, a ansiedade e a insegurança. As narrativas ficaram mais ricas, quando os alunos foram inseridos de forma indireta nas experiências. Os resultados indicam que, como adultos não fomos capazes de nos responsabilizar pelo espaço de convivência dos alunos durante a pandemia, pois, eles estavam inseridos em suas famílias e passavam por momentos que não poderiam ser controlados. No entanto, mesmo reconhecendo essa incapacidade, continuávamos responsáveis pelos caminhos nos quais os processos de ensino e aprendizagem poderiam ocorrer. Nesse contexto, diversas emoções foram suscitadas e estas geraram diferentes domínios de ação, trazendo o questionamento de o quão despreparados estamos para lidar com momentos que cobram nosso entendimento sobre nossas emoções. Dentro deste contexto é que perdemos o controle dos espaços educativos no período da pandemia. Concluímos que é necessário, criar momentos de diálogo e abertura no espaço escolar para que todos os atores sociais possam identificar e expressar suas emoções. Valorizar as experiências de todos os membros da escola favorece o exercício que legitima o outro, como proposto na Biologia do Amar de Humberto Maturana.

Palavras-chave: Isolamento social, Emoções, Relação Professor-Aluno, Biologia do Amar, Humberto Maturana

ABSTRACT

MACEDO, Beatriz Maria Santos. **Emotions in Educators' Interpersonal Relationships**: a look at the pandemic in the light of the biology of love, 2023. Master's Dissertation in Science Teaching – Interunit Graduate Program, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

What would it be like if we prioritized emotion over reason in our human relationships? According to the author studied in this dissertation, Humberto Maturana, prehistoric hominids were surrounded by relationships that valued each other and considered mutual care, shelling seeds, caring for children, sensuality in encounters, all of which are actions driven by the emotion that founds social relationships, love. From this perspective, adults have full responsibility for the education and living spaces of children and adolescents. However, recently the Covid-19 pandemic caused social isolation, and with it, profound changes in human relationships and interactions were evident. Within this entire scenario, several emotions were aroused and may have interfered in interpersonal relationships and influenced the teaching-learning process, since emotions are what move humans. Therefore, the research question that led this investigation was: how could emotions have modified interpersonal relationships in the school environment after the period of social isolation caused by the Covid-19 pandemic and what are their possible interferences in the teaching and learning process? To answer these questions, we used a qualitative and exploratory research approach through interviews and open questions with teachers and lunch ladies from a State School in the State of São Paulo, who were invited to share their experiences related to the pre, during and post periods. social isolation during the Covid-19 pandemic. The shared experiences were recorded, and the data transcribed, organized, and analyzed using Discursive Textual Analysis (DTA). From the analysis of the reports, some relationships that occurred in the school space before the pandemic were identified, including the difficulty of interacting with students, but there were significant exchanges that generated significant experiences. Teachers and lunch ladies easily expressed their emotions, including fear, anxiety, and insecurity. The narratives became richer when the students were indirectly included in the experiences. The results indicate that, as adults, we were not able to take responsibility for the students' living space during the pandemic, as they were part of their families and were going through moments that could not be controlled. However, even recognizing this incapacity, we remained responsible for the ways in which the teaching and learning processes could occur. In this context, several emotions were aroused and these generated different domains of action, raising the question of how unprepared we are to deal with moments that demand our understanding of our emotions. Within this context, we lost control of educational spaces during the pandemic period. We conclude that it is necessary to create moments of dialogue and openness in the school space so that all social actors can identify and express their emotions. Valuing the experiences of all members of the school favors the exercise that legitimizes the other, as proposed in Humberto Maturana's Biology of Love.

Keywords: Social isolation. Emotions. Teacher-Student Relationship. Biology of Love. Humberto Maturana

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos sem máscara, sentados em fileiras, utilizando os materiais escolares.....	49
Figura 2: Sala de aula com carteiras e lousa, sem o uso de computadores.	49
Figura 3: Representação do período de isolamento em que professor e estudante assistiam juntos aulas ao vivo preparadas por outro professor e interagiam via chat.	50
Figura 4: Alunos sem máscara, na fila para pegar a merenda.....	53
Figura 5: Pátio da escola vazio.....	54

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Símbolos utilizados na transcrição do grupo focal e da entrevista semiestruturada.....	55
QUADRO 2: Domínios e categorias empíricas elaboradas por ATD a partir da transcrição do grupo focal com professores e entrevistas com as merendeiras.	58
QUADRO 3: Organização dos dados em novos domínios e categorias.	59
QUADRO 4: Explicações, emoções e reflexões das experiências dos professores e merendeiras relacionadas aos alunos.....	61
QUADRO 5: Excertos que evidenciam explicações, emoções e reflexões sobre si dos sujeitos.....	78

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1. INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVOS	18
2.1. OBJETIVO GERAL	18
2.1.1. Objetivos específicos	18
3. REFERENCIAL TEÓRICO	19
3.1. O COMEÇO DE TUDO	19
3.2. EMOÇÃO, EMOCIONAR E EMOÇÕES	22
3.3. LINGUAGEM	25
3.4. CULTURA	28
3.5. BIOLOGIA DO AMAR	32
3.6. EDUCAÇÃO	34
3.7. COVID-19 E A ESCOLA	39
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
4.1. ROTEIROS	48
4.2. TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE	55
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICE A - Roteiro grupo focal	98
APÊNDICE B - Roteiro entrevista semiestruturada	102
APÊNDICE C - Transcrição grupo focal	104
APÊNDICE D - Transcrição - entrevista semiestruturada	140
APÊNDICE E - Excertos selecionados sobre o período de pré isolamento	149
APÊNDICE F - Excertos selecionados sobre o período de isolamento	151
APÊNDICE G - Excertos selecionados sobre o período de pós isolamento	154
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido do Grupo Focal	159
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da entrevista semiestruturada	161
ANEXO C - Termo de Autorização para coleta de dados feita na escola	163

APRESENTAÇÃO

Sou Beatriz Maria, tenho 28 anos. Venho de uma família pequena e apegada nos detalhes e na simplicidade. Quando era pequena, por volta de uns 10 anos, gostava de pegar os livros do meu irmão, que já estava no ensino médio, e ler tudo que tinha sobre biologia e outras matérias, sendo que tudo era mais “avançado”, é o que muitas vezes pensamos em relação aos conteúdos, mas conhecimento nunca é demais, me debruçava e viajava dentro de todas aquelas informações. Muitas vezes limitamos o entendimento do outro por achar que é complexo demais para ele, acredito que seja o que fazemos com as crianças.

No último ano do ensino médio me encantei, mais do que antes, com a Biologia e fui atrás de uma faculdade que se enquadrasse no que eu queria. Naquele tempo eu já pensava em ser professora e pensava que era preciso ter estado em um laboratório para ensinar sobre ciências na escola, então, precisava de uma faculdade que me desse essa possibilidade. Foi assim que me identifiquei com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, lugar em que a educação passou a ser 100% do meu interesse, da minha empolgação, do meu trabalho e desenvolvimento. Ler e buscar por novos conhecimentos sempre foi meu forte, com a faculdade a busca por conhecimentos gerais mudou para conhecimentos específicos de educação.

Meus olhinhos brilharam na licenciatura, e a minha ideia de que na escola estávamos distanciando os estudantes ao invés de aproximar ficou mais clara. Sempre pensei que queria voltar para a escola como professora e fazer diferente daquilo que achava que não era tão legal. Fiquei encantada com a ideia de que precisamos dar mais espaço para ouvi-los, do que dizer um monte de coisas, sempre foi o que senti como aluna, que gostaria de ser ouvida. Com todos esses pensamentos conheci e entrei em um grupo de pesquisa na universidade, que trabalhava com a Biologia do Conhecer do neurobiólogo Humberto Maturana.

E tudo aquilo que eu me questionava passou a fazer sentido, no entanto, novas dúvidas e questionamentos em relação a educação foram me tomando e me encaminhando para onde estou agora. Vejo, que todo esse olhar que tive ainda na graduação e que busco fazer como professora, dar espaço para ouvir mais do que falar, é o que me move atualmente, por mais que eu goste de explicitar minhas ideias. Ainda na faculdade pensei sobre muitas possibilidades, principalmente voltadas para o ensino de ciências e biologia, como propor novas aulas e discussões em sala de

aula, com o olhar teórico a partir dos autores que trabalhava. Em meu TCC de Licenciatura, trabalhei com uma proposta de sequência didática que trazia as discussões da autopoiese, conceito criado por Humberto Maturana e Francisco Varela que define a organização dos sistemas vivos, para dentro da sala de aula, uma nova perspectiva que tenta desfragmentar o raciocínio e o conhecimento dos estudantes.

Então, entrei em uma sala de aula e me deparei com diversos desafios que não são capazes de serem aprendidos na graduação. Passei a pensar sobre os tipos de avaliações que fazemos e nos objetivos que temos com os conhecimentos que estamos tentando construir dentro da sala de aula. Na teoria tudo é uma maravilha, na prática em sala de aula eu senti que é muito fácil se perder e encontrar diversas barreiras. Claro que quando queremos conseguimos fazer a diferença, depende mais da gente do que dos outros, mas foi nesse momento, em sala de aula com diversos questionamentos sobre mim e a educação, que me deparei com algo que na faculdade é abordado, mas não com o olhar prático que vemos no dia a dia e me chamou muito a atenção, a aprendizagem.

Sabemos que cada aluno aprende de uma maneira diferente e que cada indivíduo é único no seu processo de construção do conhecimento. Mas, mesmo sendo únicos venho me perguntando como posso auxiliar meus alunos na aprendizagem de ciências? Como aprendemos ciências? Como a complexidade dos seres vivos pode ser aprendida por crianças tão jovens? Tenho me perguntado se os conteúdos apresentados no ensino fundamental estão sendo trabalhados da maneira mais próxima da realidade dos alunos, e como saber mais sobre a aprendizagem pode ajudar a tornar a ciência mais próxima de um aluno no 6º ano, por exemplo.

Foi neste momento que me questionei o quanto eu precisava buscar novos olhares e que precisava voltar a estudar mais. Assim, neste contexto a minha vontade de fazer mestrado, que eu tinha deixado de lado quando sai da faculdade, pois buscava experiência e prática, voltou a piscar na minha cabeça. Eu entendia que não iria encontrar todas as respostas no mestrado, não foi por este motivo que percorri neste caminho, mas por querer levantar mais perguntas e compartilhar meus questionamentos e conclusões com outros profissionais da educação.

Dentro de todo esse universo eu procurava um programa que estivesse dentro dos meus questionamentos e daquilo que estava pensando, e encontrei no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências na Universidade de São Paulo, um caminho para tentar organizar todos esses questionamentos. Ao ingressar

no programa me deparo com a oportunidade de ser orientada pela Prof.^a María Elena, conhecida de nome por conta do grupo de pesquisa que participei na graduação, que trabalha com o autor que eu admiro e trabalho desde os tempos de faculdade, Maturana. Foi um encontro perfeito, os questionamentos, as orientações e os caminhos se tornaram cada vez mais fáceis, pois a familiaridade entre nossos conhecimentos proporcionava isso.

Desta maneira, busquei por disciplinas que pudessem agregar o conhecimento que eu já possuía, pois o que eu já tinha certeza era de que iria continuar com o mesmo autor e trazer ainda mais conexão com outras vivências que agora surgiam. Assim, escolhi uma disciplina da minha orientadora com o nome de Epistemologia de Humberto Maturana, pois sempre é bom se aprofundar ainda mais sobre conhecimentos que você já possui. Principalmente com pessoas que veem um referencial pela primeira vez, essa ligação entre o que eu já sabia e os colegas que ainda o estavam conhecendo foi essencial para me fazer aprender ainda mais sobre a Biologia do Conhecer, buscar textos que ainda não havia esgotado as possibilidades e ler outros que ainda não havia lido.

Junto com essa disciplina, cursei a de História Cultural da Ciência, que me levou para um lado que nunca havia traçado, pensar sobre a história, sua construção e o quanto a desconectamos da cultura. Além disso, me fez refletir sobre o quanto somos influentes em diversos dados e como tratamos a pesquisa. Esses conhecimentos foram importantes para que me fizessem dedicar um olhar mais cuidadoso aos meus dados nesta pesquisa, em buscar apresentar mais a experiência do sujeito do que a minha hipótese em pauta. Foram aulas que acrescentaram muito na minha bagagem profissional, interferindo nesta pesquisa e na minha perspectiva de sala de aula e de lidar com o outro.

Em meio a todo esse turbilhão de conhecimentos comecei a me questionar o quanto a pandemia tinha modificado as pessoas, principalmente dentro do ambiente escolar. De que maneira as mudanças que ocorreram de forma tão abrupta tinham nos modificado, pois era o que eu estava vivendo intensamente na minha sala de aula. Debruçada sobre as leituras de Maturana comecei a perceber que tudo isso se encaixava em uma visão dele sobre as mudanças que ocorrem nas relações por meio do emocionar. Então, minha pergunta passou a ser em relação a quais emoções tinham sido evidenciadas neste período que nos fizeram voltar para um ambiente escolar em que era preciso reaprender a ser professor e estudante.

Assim, no segundo semestre escolhi duas disciplinas diferentes, a de Natureza e Cultura, e a de Mapas Conceituais. Nas aulas de mapas conceituais foi possível pensar sobre a maneira como elaboramos e apresentamos mapas e no que eles consistem, além de utilizar de forma pessoal para compreensão e estudo, na possibilidade de seu uso em sala de aula, e quais suas perspectivas para avaliações. Em Natureza e Cultura que abordava sobre a perspectiva de diversos autores em relação a cultura e como ela é constituída, pude discutir sobre a linguagem e como se interliga a cultura, pensar no desenvolvimento da espécie humana e nas construções de sociedade que ainda configuramos atualmente. Esta discussão foi essencial para a minha compreensão sobre linguagem e cultura, entrelaçando aos conhecimentos que já possuía sobre os temas desde a graduação.

Por meio de toda essa construção identifico a importância de revisitarmos conhecimentos que já possuímos e elaborá-los ainda mais por meio do aprofundamento com novos olhares, novas discussões. Assim, acredito que onde cheguei é um intermédio do meu passado, entrelaçado com o meu presente e visando o futuro, que aos poucos se faz presente em novas ambições que são concebidas a cada passo. Percebo ao longo de todo esse trabalho uma transformação na pesquisadora que comecei a ser nos meus tempos de graduação, no meu modo de pensar e escrever dialogando com o leitor. É ainda mais claro em minhas percepções, que a Beatriz que eu fui, por meio de diferentes interações e perturbações foram essenciais para ocorrer mudanças em meu viver, sendo totalmente congruentes com a minha autoipse. Portanto, concluo que uma vez imersos em um mundo que nos faz construir novas aprendizagens, não conseguimos buscar algo menos grandioso do que estamos acostumados, e assim é para mim as leituras de Maturana, um fluir ininterrupto do meu viver, pensar e fazer, que se faz concreto aqui nesta pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

Muitas vezes pensamos que a razão é o que move a humanidade, no entanto, segundo Maturana (2002), o ser humano é movido fundamentalmente pela emoção e é a partir dela que constituímos as relações sociais, movidas por uma emoção específica - o amor. A emoção, então, para o autor corresponde a disposições corporais que definem diferentes domínios de ações. No entanto, o amor, que é a emoção que funda o humano na relação social, é a aceitação do outro na convivência, não uma emoção rara e restrita a interações específicas como relatamos em nosso dia a dia. É fundamentada nessa emoção, ou seja, nas relações sociais, que de forma entrelaçada surgem a linguagem e a cultura. A linguagem sendo uma rede de interações de coordenações consensuais recorrentes que só existem na fluidez da relação social, e a cultura correspondendo a uma rede fechada de conversações dentro de coordenações de ações e emoções (Maturana, 2002, 2001). Portanto, mudanças no emocional fazem com que linguagem e cultura mudem com ela, podendo assim desconfigurar uma relação do tipo social, quando a emoção muda de amor para qualquer outra.

Para Maturana e Dávila (2006), na evolução do homem há milhares de anos a cultura que fundava as relações era uma cultura matrística, com um olhar voltado para o compartilhar, e marcada pelo respeito e a aceitação do outro, que desta forma configurava uma relação social e conservava o nosso emocional biológico. Contudo, ao longo do desenvolvimento humano essa cultura foi asfixiada por uma cultura que irrompeu do amor para uma emoção de apropriação, enaltecendo a competição, a luta, o autoritarismo, sendo ela a cultura patriarcal. A cultura patriarcal é a que hoje identificamos na maior parte das relações humanas, já a cultura matrística é encontrada quase que exclusivamente em pequenos bolsões culturais e na relação entre mães e filhos, principalmente durante a primeira infância.

Assim, percebemos que a visão que Maturana propõe para emoção, linguagem e cultura, em específico, é diferente das concepções de cultura de outros cientistas, principalmente das ciências humanas e sociais. Perceba que a visão que ele traz é a partir de uma fenomenologia biológica, intrínseca ao humano (Maturana, 2014). Deixando claro que o fenômeno social é dependente do amor e não o oposto, pois este é biologicamente do humano e indispensável nas relações ditas sociais.

Deste modo, quando usamos essa conotação falamos de uma Biologia do Amar, afirmando que o amor é a fonte da socialização humana, e acontece por acontecer (Maturana, 2014). No entanto, nossa cultura atual caminha no sentido oposto a essa visão nos afastando da aceitação do outro. Corriqueiramente vivenciamos a competição e a dominação e nossas crianças desde pequenas se entrelaçam a essas relações, principalmente na convivência com os adultos, e dessa forma, se distanciam do respeito e da aceitação para consigo e com os outros.

Isto ocorre, pois, o aprendizado se inicia desde o nascimento e partimos em uma jornada de observação e repetição até o momento em que começamos a nos individualizar. Segundo Maturana e Dávila (2006), é por meio da convivência que aprendemos, e como adultos temos a responsabilidade pela educação e por promover espaços de convivência para que os nossos estudantes sejam autônomos e sociais. As emoções deste modo se mostram fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, sendo que por meio delas que concebemos as relações sociais (Da Fonseca, 2016, Maturana, 2001). Não obstante, essa perspectiva nos direciona a considerar importantes todos os adultos que participam da aprendizagem das crianças, reconhecendo-os como educadores. E são assim chamados por terem responsabilidades tanto quanto os professores na construção de cidadãos. Para Nias (1996), a emoção é indispensável na aprendizagem, pois se estabelece nas interações pessoais entre educadores e alunos, no entanto, sobre os docentes é posta a cobrança sobre o controle emocional, e a responsabilidade que possuem sobre o desenvolvimento dos estudantes. As emoções, então, ficam em evidência por serem suscitadas de diferentes maneiras, sendo modificadas por diferentes experiências e interações nas relações humanas.

A partir disso, percebemos que a educação é um fluir de mudanças, pois, aqueles que fazem parte dela modificam-se constantemente por meio do emocionar, e essas mudanças que poderiam ser ferramentas importantes no processo de ensino e aprendizagem fomentam mudanças a longo prazo. Porém, nos últimos três anos ocorreram mudanças significativamente grandes e expressivas a curto prazo na educação por conta da explosão da pandemia do novo coronavírus, que modificaram as relações afetivas e de trabalho, nos fazendo reconfigurar nossas interações com os outros (Souza, 2020). Durante este período aprendemos a nos relacionar quase que exclusivamente pelo meio digital, como forma segura para não transmitir o vírus,

desenvolvemos e estabelecemos novas relações dentro e fora do meio digital, no trabalho e no convívio familiar.

Desta maneira, as aulas que aconteciam de maneira presencial passaram a ocorrer com o chamado “ensino-remoto”, utilizando de tecnologias da informação e comunicação (TIC) e dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para que ocorressem tanto as interações quanto às aprendizagens. Entretanto, apenas a transposição do ensino presencial para o remoto não configurou modificações importantes na educação que promovessem um processo de ensino-aprendizagem comparável ao processo presencial. A aprendizagem é constituída pela transformação na convivência e essencial no espaço educativo (Maturana; Dávila, 2006), mas essa transformação nas relações interpessoais no período de pandemia afetou diretamente a convivência nos ambientes escolares nos quais se deveria promover a aprendizagem. No entanto, somos seres extremamente sociáveis, mas que dificilmente damos a devida importância às emoções, principalmente ao amor, que segundo Maturana (2002) é aceitar o outro como legítimo outro na convivência. O que normalmente fazemos é descrever ou caracterizar as emoções como uma distorção da razão que nos move.

No entanto, as emoções operam sobre o agir humano e são indispensáveis na qualidade e no tipo de relações que estabelecemos entre nós, principalmente em um espaço educativo, uma vez que, vivemos em comunidade e as nossas emoções configuram os cursos de nossas ações (Dávila, Maturana, 2009). Deste modo, nos perguntamos como o isolamento social pode ter influenciado nas emoções e conseqüentemente nas relações entre educadores e alunos na comunidade educativa durante o período da pandemia? E de que forma essas mudanças podem ter influenciado no processo de ensino-aprendizagem?

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar as mudanças nas relações interpessoais em uma comunidade educativa após o período de isolamento social da pandemia da Covid-19 a partir da Biologia do Amor de Humberto Maturana, e as possíveis consequências para os membros da comunidade educativa.

2.1.1. Objetivos específicos

- Identificar as emoções expressas ou reconhecidas pelos professores e merendeiras no período pré, durante e pós isolamento da pandemia da Covid-19
- Caracterizar as mudanças relacionais que ocorreram entre professor e estudante a partir da percepção dos professores
- Caracterizar as mudanças relacionais que ocorreram nos estudantes a partir da percepção das merendeiras

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O COMEÇO DE TUDO

A origem do ser humano ainda é incerta, sendo assim, estamos constantemente buscando saber de onde viemos, como surgimos e não apenas em relação a nós, mas a origem da vida em si. Na realidade, podemos dizer que estamos presentes no mundo assim como outros seres vivos, entretanto, nos diferenciamos dos demais seres vivos de alguma maneira. Pensando sobre os primeiros indivíduos de nossa espécie podemos supor que se encontraram rodeados de vida e, ao longo do tempo se diferenciaram. Nos distinguimos dos demais seres vivos presentes na história, não somente por nossa existência e rastros deixados pelo caminho, mas sim a partir do momento em que fomos dando e buscando sentido a pequenos gestos da nossa espécie. Nossa história como *Homo sapiens* começou a ser escrita a seis milhões de anos atrás, tempo em que um ancestral comum surgiu e iniciou nossa jornada (Harari, 2020).

Entre aparições e desaparecimentos, segundo Mithen (2002), ao longo dos milhões de anos que se passaram muitos atores da nossa espécie foram atuando nesse palco, e junto com eles diversos instrumentos foram deixados, tais como gravetos, machados, ossos, e tantos outros artefatos que encontramos ainda hoje. A partir desses registros relacionamos o manusear de instrumentos no período pré-histórico ao desenvolvimento do cérebro humano, e associamos este desenvolvimento com o uso da razão, isto é, por definirmos a ação humana por meio da razão (Mithen, 2002). O manuseio destas ferramentas foi de extrema importância para o nosso desenvolvimento até os dias de hoje, disso não temos dúvidas, entretanto, será que apenas por sua causa somos quem somos?

Nossos antepassados estavam além de apenas manusear ferramentas, possuíam destreza e sensibilidade manual que nos caracterizam como tal, e estas habilidades surgiram, de acordo com Maturana (2002), do descascar sementes e da participação destas mãos na sensualidade da carícia e no compartilhar dos alimentos. O cérebro humano e seu desenvolvimento estão, assim, além do simples manuseio de instrumentos, consistem ao estar juntos, as interações estabelecidas entre os

indivíduos do grupo, emergindo as emoções e fazendo por meio dela avivar a razão, a linguagem e a cultura.

Porém, as emoções no *Homo sapiens* moderno e ocidental são constantemente reprimidas e somos ensinados a resolver qualquer problema utilizando a razão. Usando uma visão racionalista, segundo Damásio (2021), deixamos nossas emoções de lado com o objetivo de alcançar os melhores resultados, não nos deixando prejudicar por ela, e deste modo nos tornamos o orgulho de Platão, Descartes e Kant, por não deixar as emoções interferirem em nossas ações. No entanto, será que realmente reprimimos nossas emoções e agimos com sua total privação em detrimento do que chamamos de razão? Segundo Maturana (2001, p.181,182), “o comportamento racional começou como uma característica do viver de nossos ancestrais com a linguagem no uso que faziam das abstrações ou coerências de seu viver cotidiano ao operarem como seres linguajantes”, e por estarem na linguagem estavam imersos em relações sociais, isto é, na emoção. Logo, a razão se constrói na emoção por meio da linguagem, na convivência, não a reprime. Assim, o domínio racional é especificado por bases emocionais para que possamos atuar racionalmente com os outros, portanto, a razão não é o que nos move, mas a emoção sim.

As emoções comunicam um significado ao outro, desta maneira, podem e são suscitadas por interações, por experiências do indivíduo (Damásio, 2021). Segundo Damásio (2021), a essência da emoção está relacionada ao corpo, a mudanças que ocorrem nele e induzem diversos órgãos a responderem a pensamentos ou acontecimentos. Somos assim movidos por um desencadear de emoções que se constroem da convivência com os outros e do funcionamento do nosso organismo em total sincronia. Assim como discutimos antes, nossos ancestrais estavam imersos em relações entre si e o meio, que suscitaram diversas emoções e os moveram de diversas maneiras. Deste modo, para Maturana (2002), podemos dizer que nossas emoções estabelecem nossas relações com o meio e constituem a linguagem e a cultura, por meio de uma emoção particular.

O que entendemos por linguagem está muitas vezes relacionado a ação de interagir com outra pessoa, ou em fazer a leitura de um texto como o fazemos agora, ou os símbolos que produzimos por meio dela. Para Clark (2000), a linguagem é

composta por processos individuais e sociais, e pode ser falada ou escrita e estar prevista em diversos cenários dependentes de quem faz parte dela. Contudo, a linguagem em si não é o que nos diferencia das demais espécies, pois seu uso não é único e exclusivo do humano. A linguagem está presente em diferentes espécies na forma de domínios linguísticos, por meio do fluir de suas ações, como a busca de recursos para a produção de alimento em uma colônia, como nas abelhas ou formigas, ou as danças de acasalamento de alguns pássaros ou insetos. Mas, podemos nos diferenciar das demais espécies na linguagem, uma vez que ela está imersa em uma emoção particular, que move o humano, mediante as relações sociais (Maturana, 2002).

É por meio dessas relações que podemos identificar a cultura, sendo esta ligada ao humano, que por sua vez é movido pela emoção. Alguns podem dizer que a cultura tem propósitos em si mesma, que ocorre nos acontecimentos comportamentais, que está localizada no coração do homem, ou ocorre por meio de ações aceitas por membros de um grupo (Geertz, 2008), o que todas essas possíveis definições nos trazem é a clareza de que cultura é um conceito polissêmico, e por assim dizer, devemos relacioná-la a quem a observa, aqueles que buscam entendê-la e explicá-la. Segundo Geertz (2008), a cultura não é um poder, assim, não podemos atribuir a ela comportamentos, acontecimentos sociais, instituições ou processos, pois ela é um contexto. Assim, para o autor, apenas aquele que faz parte dela é capaz de interpretá-la, e aqueles que a olham de fora sempre a entendem de forma diferente. Um exemplo é quando nos deparamos com alguém de outra cultura, que vive um espaço de convivência diferente do nosso e assim, possui uma linguagem diferente da que conhecemos, e pedimos que essa pessoa nos explique o que significa determinado gesto ou palavra, esta pessoa muitas vezes irá retratar por meio de uma história, um contexto dentro daquela cultura, elaborando uma explicação a partir da reflexão por meio da linguagem em que aquele gesto ou palavra surge (Maturana, 2001).

Podemos entender essas relações por meio da ciência, ela é uma construção social, assim, não apenas as ferramentas contam sua história, mas a comunicação, o lugar, o espaço, isto é, um contexto (Nyhard, 2016). Ao encontro deste pensamento, a autora Knorr-Cetina (1999) indica que a ciência tem em sua essência a comunicação e projeta-se no futuro por meio dela. Deste modo, a comunicação é o meio pelo qual

fazemos ciência, logo, esta é construída por meio do social e do cultural, na linguagem. Por isso, aqueles que estão inseridos nela são capazes de compreendê-la, enquanto, aqueles que não fazem parte dela precisam de explicações, ressignificações sobre acontecimentos que ocorrem dentro dessa cultura.

A partir de tudo que discutimos e introduzimos até aqui podemos perceber que a emoção é aquilo que move o indivíduo e que a partir dela surge a linguagem, a cultura e a razão. Olhar para esses conceitos nos dirige a diversos caminhos de compreensão da sociedade em que vivemos. No entanto, considerar a emoção como norte para as ações humanas é uma perspectiva que tem como embasamento as explicações biológicas fundamentadas por Humberto Maturana (1995, 2002, 2014) o que nos permitem compreender, conceitos conhecidos comumente, por uma perspectiva que considera o funcionamento do ser vivo e sua interação com o meio. Deste modo, nos distanciamos de uma explicação filosófica e procuramos entendê-los por meio de uma visão biológica nos próximos capítulos.

3.2. EMOÇÃO, EMOCIONAR E EMOÇÕES

Segundo Maturana (2001), o desenvolvimento do cérebro humano não pode estar simplesmente relacionado ao manuseio e aperfeiçoamento de ferramentas, pelo contrário, nossos ancestrais eram notáveis quanto ao descascar das sementes, ao cuidado com as crianças, ao sensualizar das mãos na carícia, portanto, ao estar juntos, e o que todas essas ações possuem em comum é o fato de estarem enraizadas na emoção. Assim, o desenvolvimento do cérebro humano não está relacionado a razão no manuseio e aperfeiçoamento de ferramentas, como discutimos no capítulo anterior, mas a emoção.

Geralmente se confunde a emoção com sentimento, mas a emoção tem, a partir de Maturana, uma conceituação biológica, isto é, “disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (Maturana, 2002, p. 15). Sendo assim, cada emoção implica em uma certa ação que classificamos no âmbito das emoções, referindo-se aos domínios de ação em que um organismo se move (Maturana, 2006). Junto à emoção, as interações recorrentes também são importantes para o desenvolvimento do cérebro humano, fazendo irromper, por meio de ambas, a linguagem, a cultura e a razão imersas no emocionar.

Segundo Maturana (2006), o emocionar de cada indivíduo é construído em congruência com o emocionar de outros seres vivos com quem convive, deste modo o emocionar está relacionado com a ação gerada por uma determinada emoção. As interações, evidenciadas com importância pelo autor, são profundamente presentes na vida dos seres vivos, e podem ocorrer entre o ser vivo e o meio, entre indivíduos de uma mesma espécie, ou indivíduos de espécies diferentes.

Para Maturana (2001), essas interações não são simples relações, mas vistas como perturbações mútuas que se caracterizam por causar mudanças estruturais em ambos os envolvidos, em um acoplamento estrutural, ou seja, uma convivência que os fazem mudar juntos em congruência. Para o autor, “se não há encontro, não há interação, e se há encontro, sempre há um desencadear, uma mudança estrutural no sistema” (Maturana; 2001, p.75), em que todos os envolvidos mudarão juntos. Desta forma, perturbações mútuas geradas pelo acoplamento estrutural, isto é, as mudanças compatíveis com a conservação mútua da vida desses seres vivos em convivência, gerados nas interações recíprocas, passam a ser chamados por Maturana de fenômenos sociais.

Os fenômenos sociais estão presentes na espécie humana, assim como em outras espécies, desde a sua concepção até a sua morte, contudo, nem todas as relações humanas podem ser consideradas como sociais, pois, ocorrem dentro de outros aspectos. Como podemos, então, diferenciar as relações sociais daquelas que não o são? De acordo com Maturana (2001), as relações humanas se fundam na aceitação mútua do outro, isto é, no amor, e sem ele não existem. Todas as relações que não aceitam o outro e o desconsideram na convivência não podem ser reconhecidas como relações sociais. Deste modo, relações de poder, de superioridade, de negação são identificadas pelo autor como sistemas hierárquicos ou de trabalho, como acontece em diversos espaços que convivemos, e são baseadas em outras emoções como a apropriação ou a competição nas relações de trabalho ou de negação, em sistemas hierárquicos, mantendo o seu foco no produto, não nos seres humanos.

Segundo Maturana (2001), o amor é a emoção que fundamenta e constitui as relações sociais. No entanto, atualmente compreendemos o amor como um sentimento, que pode representar um relacionamento, reduzido a um grupo seletivo

com o qual nos relacionamos, tal qual a família, ou alguns grupos de amigos, fazendo com que esta emoção perdesse ao longo do tempo o seu real significado, o de componente da vida humana, essencial na história evolutiva da linguagem do gênero *Homo* e fundamento imprescindível do social (Maturana, 2001). Não é apenas ao amor que atribuímos outros significados, mas as emoções em si, principalmente quando buscamos reprimi-las, pois, “pertencemos, no entanto, a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário” (Maturana, 2002, p. 52).

Nesta perspectiva, constantemente buscamos fundamentar nossas relações e ações humanas na razão, contrapondo a emoção, colocando-as em dimensões antagônicas. Ao colocarmos razão e emoção em confronto, isto é, posições opostas, invalidamos a possibilidade de que ambas estejam associadas, e principalmente de que a razão está fundamentada em um emocionar. Nós “estamos acostumados a explicar o que fazemos ou o que nos acontece com argumentos racionais, que excluem a perspectiva do emocionar” (Maturana; Verden-Zöller, 2021, p.53), contudo, a razão segundo Maturana (2006), é um conjunto de premissas aceitas a priori dentro de um domínio particular de ações em que queremos o que aceitamos e aceitamos o que queremos.

A razão está relacionada com alegações que são aceitas previamente e fundamenta-se nos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para justificar nossas ações e estão imersas em nossas emoções. Segundo Maturana (2006), a razão surge por meio das regularidades do operar na linguagem, desta forma a razão não existiria se não existisse a linguagem. Assim sendo, não é a razão que move o homem, como buscamos dizer, mas sim a emoção, e esta não invalida a razão, como ocorre quando enfatizamos o oposto (Maturana, 2002). Logo, para entendermos a emoção precisamos olhar para os domínios de ações que identificamos e distinguimos nas pessoas, buscando diferenciar as disposições corporais dentro de ações específicas no outro, evidenciando comportamentos relacionais (Maturana, 2001). As emoções, então, estão mais relacionadas ao que interpretamos das ações corporais do outro do que a processos fisiológicos isolados, pois, estão relacionadas a uma interação que envolve o todo do ser vivo. Desta maneira, podemos identificar as ações emocionais a partir de uma leitura ou análise da corporalidade do outro (Maturana, 2002).

Segundo o autor, relações que ocorram por meio da interação entre linguajar e emocionar no conversar e suscitam a reflexão, sendo ela sobre nós mesmos ou sobre o outro, podem fazer emergir emoções como a vergonha, nojo, ambição ou medo (Maturana, 2006). Por exemplo, quando observamos uma criança em um ambiente que acaba a luz inesperadamente, podemos perceber uma mudança comportamental que gera apreensão e isso podemos identificar como medo do escuro, de estar sozinho. Segundo Maturana (2006), o que observamos é uma mudança emocional, que em seu fluxo faz com que a criança passe de um domínio de ação a outro. O autor faz menção a como suscitamos outras emoções, como no caso do sofrimento, que se encontra em domínios contraditórios de ações em que ao mesmo tempo que nos aceitamos mutuamente também nos rejeitamos, ou quando apontamos o cumprimento insuficiente de algo, valor ou norma cultural nos deparamos com o emocionar da frustração e vivemos o sofrimento.

As emoções estão intensamente ligadas às relações, principalmente às relações sociais. Consequentemente, a peculiaridade do homem não está apenas no seu desenvolvimento por meio dos instrumentos que utilizava na pré-história, mas no entrelaçamento entre a linguagem e o emocionar (Maturana, 2002). Segundo Maturana (2006), tudo que o fazemos em nosso linguajar afeta nosso emocionar, e tudo o que fazemos em nosso emocionar afeta nosso linguajar. Por isso, as relações humanas que não são fundamentadas no amor, não são consideradas como relações sociais. As relações sociais, desta forma, só acontecem quando aceitamos o outro na convivência, e sem essas recorrentes interações, que legitimam o outro, não surgirá a linguagem (Maturana, 2002). As emoções, então, antecedem a linguagem, e esta se constitui quando incorporada ao viver. Assim, a linguagem está entrelaçada ao emocionar, e surgiu da convivência em coordenações de comportamento consensuais, passado de geração em geração de forma cotidiana no convívio (Maturana; Verden-Zöllner, 2021).

3.3. LINGUAGEM

A linguagem é uma característica humana, pois, podemos acompanhá-la no crescimento das crianças ao longo da vida, mas também, não podemos dizer que é uma característica exclusivamente humana, uma vez que a comunicação como

domínios linguísticos está presente em diversos seres vivos. Portanto, devemos estar atentos sob qual explicação pretendemos entender a linguagem humana, se a olhamos como fenômeno biológico precisamos observar de que maneira ela surge, como na história de interações dos seres vivos ela veio ter lugar (Maturana, 2001). Então, que linguagem é essa que se origina na história da espécie humana? É uma construção social que flui das coordenações consensuais de comportamento, na recursividade, e “(...) surgirá como condição inevitável (...). Não requer nada especial, e sim interações recorrentes, suficientemente recorrentes, e uma diversidade interna suficiente” (Maturana, 2001, p. 86), que aceite o outro.

Deste modo, não podemos simplificar a linguagem relacionando-a somente a símbolos, pois, está além deles e é anterior a eles. Segundo Maturana (2002), os símbolos são secundários à linguagem, visto que, ao observar duas pessoas conversando, sem ouvi-las, podemos dizer que o estão pelo modo como o fluir de suas interações se dão nas coordenações de ação. O símbolo, então, é uma interpretação do observador sobre as relações e interações no suceder da linguagem, que configuram domínios de ação, ditas pelo observador como conduta linguística, surgindo assim um mundo de ações e objetos com significado apenas no domínio social (Maturana, 2001, 2002). Sendo estes significados uma reflexão do observador, uma mera referência, não um elemento na linguagem (Maturana, 2001).

As reflexões são suscitadas por meio das interações, segundo Maturana (2006), somos levados a descrever, refletir, quando inseridos em um domínio de observação, assim, refletimos na linguagem sobre o mundo que vemos e vivemos de modo a aceitá-lo ou desaprová-lo conscientemente. No entanto, se não estivermos na linguagem a reflexão não ocorre, dado que só ocorre por meio de nosso operar como sistemas vivos, logo, a reflexão é parte do nosso operar na linguagem, visto que somos seres humanos na linguagem (Maturana, 2006). Segundo o autor, a reflexão acontece quando nossas interações nos fazem descrever situações que nos causam um movimento e pode ocorrer de duas maneiras; quando há falha no fluxo de nossas ações em nossa cultura afetando nosso acoplamento estrutural, ou em nosso operar no amor em que a simpatia, o afeto e a preferência nos levam olhar e valorizar as situações em que nos encontramos. A primeira forma de reflexão está relacionada ao social, enquanto a segunda ao fundamento do humano, a emoção do amor, que em qualquer uma de suas formas expressa a socialização humana.

Deste modo somos observadores ao observar ao nosso redor e a nós mesmos e o somos por sermos humanos, e só podemos o ser na linguagem, por assim dizer, somos multidimensionais (Maturana, 1995). Quando observamos trazemos para a linguagem objetos que antes nunca estiveram nela, e estes se tornam objetos por meio de nossas descrições, reflexões e explicações. Logo, estamos constantemente reformulando experiências e introduzindo-as à linguagem, explicando-as, pois, as experiências em si não estão na linguagem, mas nós e a explicação sim. A explicação é uma reformulação da experiência, deste modo, quando tentamos explicar nossas ações adentramos na experiência.

Para Maturana (2002), existem dois caminhos de explicação, a primeira o autor denomina como **caminho explicativo da objetividade-sem-parênteses** e o outro como **caminho da objetividade-entre-parênteses**. No primeiro caminho, da objetividade-sem-parênteses, o observador não faz reflexões sobre suas habilidades e as coloca como constitutivas suas, assim, o objeto é posto como preexistente a sua análise, deste modo, ele sempre esteve ali e é usado para validar o seu explicar. No segundo caminho, da objetividade-entre-parênteses, o observador reconhece suas percepções sobre o objeto e exercita constantemente a reflexão sobre suas habilidades, reconhecendo-a como uma reformulação da experiência em que o objeto não é independente dele, mas uma referência a elementos de sua experiência, havendo muitas verdades em diversos domínios (Maturana, 2002). Consequentemente, percebemos que a explicação só existe na linguagem.

A linguagem, então, surge do compartilhar e não é uma conduta ou gesto corporal por si só, não está no cérebro, mas em um fluir consensual (Maturana, 1995, 2002), portanto, “se há na história dos seres vivos algo que não pode surgir na competição, isso é a linguagem” (Maturana, 2002, p.24). De acordo com o autor a linguagem tem a ver com toque, no exato momento em que digo algo eu te toco, não com os dedos, mas com palavras que provocam mudanças estruturais, que só tem a ver com você. Deste modo, ao nos tocarmos, mudamos nossa fisiologia, pois mudanças estruturais ocorreram decorrentes dos encontros que as palavras desencadeiam em nós, elas estão em nós nas ações, definidas nos domínios de ações (Maturana, 2002). Então, quando nos referimos ao conversar, estamos lidando com essas mudanças mútuas, que são coordenações consensuais de conduta aceitando o outro na convivência.

Para Maturana (1995), conversar significa dar voltas com o outro, nos fazendo relacionar a linguagem com uma dança, em que os integrantes estão ativamente interligados e são movidos pela emoção que se entrelaça com a linguagem. O autor ainda define e distingue outros termos que estão presentes em nosso cotidiano, a conversação e as conversações. A conversação está em um fluxo de coordenações consensuais no linguajar e emocionar, isto é, em um fluir de uma rede particular de linguajar e emocionar, enquanto, as conversações são diversas redes de coordenação entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar ao convivermos como seres humanos (Maturana, 2001).

Compreendendo que é a emoção que movimenta e direciona o homem, como acontecem as mudanças de nossas ações e interações? Justamente pelas emoções, pois, são elas que mudam e modificam nossas interações e nossas ações. Assim, se queremos entender a espécie humana precisamos nos debruçar sobre suas emoções e linguagem no envolvimento com o conversar, e desse modo poderemos entender suas ações (Maturana, 2002, 2006). Quando mudamos o emocionar podemos mudar não apenas as ações e interações, mas a linguagem, pois “todo linguajar se apoia num suporte emocional que pode mudar com o seu curso” (Maturana; Verden-Zöllner, 2021, p.10). Consequentemente, ao mudarmos a emoção e a linguagem podemos mudar a cultura. Cultura, compreendida aqui como uma determinada rede de conversações, que surge com a linguagem e que se mantém de geração em geração por meio da convivência.

3.4. CULTURA

A cultura que discutimos no capítulo inicial não é a definição que Maturana apresenta, o autor possui uma perspectiva diferente, ele conduz o nosso olhar para a cultura como uma rede fechada de conversações dentro da convivência humana, com uma rede de coordenação de ações e emoções (Maturana, 2001). Logo, a cultura é uma construção entre aqueles que fazem parte dela, e que juntos contribuem para mantê-la. É importante enfatizar que esta conceituação está voltada para uma visão biológica, proposta pelo autor, pois, relaciona a emoção e a linguagem, como já discutimos anteriormente.

Fica evidente que, desde esta perspectiva, a cultura se estabeleceu há milhares de anos por meio das conversações e da sua conservação, de modo particular envolvendo o compartilhar, a ternura, a sensualidade (Maturana, Verden-Zöller, 2021), logo, está relacionada a aceitação do outro por meio da emoção indispensável na relação social, o amor. Maturana ainda aponta que:

[...] nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos etc.) são constituídos como diferentes redes de conversações cada uma definida por um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence (Maturana, 2001, p.131).

Portanto, cada cultura pode ser constituída por um emocional particular, que direciona as ações dos seus integrantes e se conserva por meio de ações e aprendizados vividos pelas crianças. Cultura não é algo engessado, pois ao mesmo tempo em que gera os seus membros eles a realizam de modo a caracterizá-la com suas conversações a definindo e constituindo (Maturana, Verden-Zöller, 2021). Pensando por este lado podemos trazer diversos exemplos para compreender a cultura e como ela se constrói nas relações humanas, como abordamos anteriormente, a ciência é uma cultura.

No entanto, para Maturana (2001), se a constituição dinâmica e conservação de uma cultura é rompida, esta se acaba, ou seja, se mudamos o emocional a cultura muda. Algo que pode ter acontecido ao longo dos anos com nossa cultura. Segundo Maturana (Maturana; Verden-Zöller, 2021), duas culturas em particular se encontraram ao longo do desenvolvimento humano, a cultura matrística e a cultura patriarcal. A cultura matrística, faz parte das relações humanas há milhares de anos, sendo conhecida por meio de artefatos arqueológicos e ainda presente em poucas comunidades até hoje. Esta cultura consiste no compartilhar, no respeito e na aceitação mútua do outro fundamentando-se no emocional. Já a cultura patriarcal, que domina a maioria das relações humanas hoje, nos modificou de tal forma que nos fez valorizar a competição, a luta, as hierarquias, a dominação e a apropriação. As emoções predominantes nestas duas culturas são diferentes, logo, percebemos que as redes de conversações presentes na cultura patriarcal são contrárias às conversações que se estabelecem na cultura matrística.

Mas afinal, o que essas culturas têm a ver com o que estamos discutindo até aqui? Ao olharmos a cultura matrística, em particular, que sucede de um compartilhar, centrado na vida cotidiana e no respeito mútuo, constatamos que as relações estabelecidas entre seus membros são relações sociais, em outras palavras, estão centradas no amor. Segundo Maturana (Maturana; Verden-Zöllner, 2021), a cultura matrística está mergulhada em uma convivência e coexistência com a natureza, em que seus membros fazem parte de um fluir no todo.

A partir de todo esse fluir na origem do *Homo sapiens*, as emoções não eram negadas e se encontravam em um entrelaçar entre a linguagem e o emocionar, como já havíamos apontado. Segundo Maturana e Dávila (2006), a forma como estes seres humanos viviam o cotidiano e o bem-estar que veio com este modo de viver fez com que espontaneamente surgisse o amar e como o fundamento de um conviver desejável. Assim, o amor segundo os autores é “como o fluxo da água, que em seu fluxo não é o resultado de um esforço por parte da água, mas é sua condição natural” (Maturana; Dávila, 2006, p. 42). Para os autores, além desse conviver desejável, que de maneira espontânea surge o amor, este ambiente tem que ter sido gerador de conversas e reflexões de um viver e conviver coerente com o mundo natural, sem qualquer esforço, enaltecendo a colaboração de um modo de viver cultural no uso de instrumentos, no cuidado com as crianças e na busca dos alimentos.

Portanto, percebemos que na cultura matrística, que os autores salientam, temos a base de nossas relações sociais, há uma harmonia entre a transformação da natureza e o respeito a ela, o respeito mútuo e que é indispensável a participação, inclusão, colaboração, compreensão, acordo, co-inspiração, enaltecendo um pensar humano de forma sistêmica (Maturana, 1995). No entanto, em um dado momento esta cultura foi reduzida e dominada por outra em que a emoção principal, o amor, modificou-se para emoções como a apropriação, o desejo, o temor e a segurança, que passaram a mover o humano neste período promovendo a reorganizando grande parte das redes de conversações que eram estabelecidas, gerando uma nova cultura, a cultura patriarcal (Maturana; Verden-Zöllner, 2021).

Para Maturana e Dávila (2006), esta cultura emergiu de uma consciência da manipulação do prazer e da expansão das habilidades manuais, apoderando-se de outros modos de viver através da autoridade, que se emprega a obediência pelo medo

e a dor. Além da apropriação, em sua construção, a cultura patriarcal foi desenvolvendo a valorização da procriação, a guerra, a competição, a subordinação, na autoridade e obediência, no entanto, “enquanto as mulheres e crianças, juntamente com os homens, tornavam-se patriarcais (...), a biologia do amor deve ter permanecido a base de seu estar juntos como família” (Maturana; Verden-Zöllner, 2021, p.61) mantendo a cultura matrística viva. Assim, por mais que a cultura patriarcal tenha dominado outras culturas e dentre elas a cultura matrística, esta manteve-se oculta nas relações entre as mulheres, nas interações mãe-filho, na família, não se extinguiu, sobrevivendo também em bolsões culturais.

Quando olhamos atentamente para a cultura patriarcal nos identificamos com as redes de conversações que estabelecemos no nosso dia a dia, e com a maneira como estabelecemos nossas relações com o outro. No entanto, nos damos conta de que esse tipo de cultura favorece a expressão de emoções que não configuram relações sociais, como discutido por Maturana (2001, 2002), pois, instauram a discriminação e dominação, negam o outro na convivência e conseqüentemente o amor. Desta forma e, de acordo com os autores:

[...] o patriarcado como modo de vida não é uma característica do ser do homem. É uma cultura, e, portanto, um modo de viver totalmente vivível por ambos os sexos. Homens e mulheres podem ser patriarcais, assim como ambos podem ser, e foram, matrísticos. (Maturana; Verden-Zöllner, 2021, p.59).

Assim, tanto a cultura matrística, quanto a cultura patriarcal são extremamente essenciais para compreendermos as relações humanas estabelecidas na atualidade. Sendo que uma retrata o nosso lado biológico, que compõe um emocional a partir do amor, e a outra nos mostra as principais relações que estabelecemos no cotidiano. Deste modo, uma cultura é uma complexidade de conversas definindo um viver, que orientam o âmbito humano e não humano, envolvendo agir e emocionar, e o modo como crescemos no agir e no emocionar (Maturana, 2006). Assim sendo, nascemos no cuidado materno de uma cultura matrística e crescemos imersos em uma cultura particular, que diz respeito a cada um de nós e que influencia nossas ações, mas não as determinam. E esta pode ser modificada com as nossas emoções, como a cultura matrística foi modificada para cultura patriarcal por meio das emoções suscitadas

neste encontro. Logo, olhar para essas culturas podem nos levar a refletir sobre o lugar em que estamos, e em que direção desejamos ir, assim como, para as emoções que nos modificam, em ações e em linguagens.

3.5. BIOLOGIA DO AMAR

Tendo em vista o que conversamos até aqui, podemos perceber que Maturana tem uma proposta que se fundamenta na biologia para conceitos como emoção, linguagem e cultura. Ele propõe discutir essas visões a partir de uma fenomenologia biológica, que, no caso da Biologia do Amar, é algo intrínseco ao ser humano. Interessante construir uma história do *Homo sapiens sapiens* voltada para suas redes de relações e o modo como o curso de seu emocionar caracteriza e determinam o humano. Deste modo, o fenômeno social é exclusivamente dependente do amor e não o oposto, sendo assim, o amor não é decorrência deste fenômeno, mas indispensável para que as relações sociais persistam (Maturana, 2001, 2006). O emocionar é inerente ao humano, e por assim ser quando tratamos desta emoção em particular falamos sobre a Biologia do Amar.

Este termo é abordado pelo autor em diversos trabalhos, e podemos encontrar referências intitulado “Biologia do Amor”, ou mais recentes com “Biologia do Amar”. O próprio autor justifica esta mudança, ao fato de o verbo ser mais importante que o substantivo, fazendo a substituição da palavra amor para amar. Desta maneira, neste trabalho utilizaremos o termo Biologia do Amar para nos referir aos fenômenos indispensáveis a vida humana. Assim, ao tratarmos da Biologia do Amar estamos nos reencontrando com a nossa origem, e evidenciando que o nosso emocionar é o que move nossas ações (Maturana, 2002). Sendo o amor a fonte da socialização humana, olhar por meio dele para as relações humanas pode ser o caminho para evidenciar o emocionar em contraponto a como a razão sempre é enaltecida. Podemos constatar que o amor, na visão de Maturana (2001), não é um sentimento transcendental que somos ensinados a conhecer, algo especial e restrito a algumas pessoas ao nosso entorno, mas uma emoção é uma disposição orgânica que faz parte do fenômeno biológico do humano, então, para o autor:

[...] o amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em coexistência conosco, em um domínio particular de interações. Como tal,

o amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece (Maturana, 2014, p.221).

Desta forma, este emocionar em específico é o que nos caracteriza como tal, como animais humanos. E é no emocionar que a linguagem ocorre. Na visão biológica ela só pode ocorrer quando as relações entre dois indivíduos geram ações mútuas e consensuais. Por assim dizer, a linguagem é um fluir que pode gerar harmonia entre as interações desses indivíduos, e conseqüentemente respeitar suas estruturas estabelecendo um acoplamento estrutural mútuo (Maturana, 2014, 2002). Logo, o emocionar é indispensável na linguagem, pois crescemos imersos no linguajar e emocionar dos outros, formando um ambiente de convivência e:

[...] ao movermo-nos na linguagem em interações com outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história de interações que tenhamos vivido, na qual surgiu nosso emocionar como um aspecto de nossa convivência com outros fora e dentro do linguajar. Ao mesmo tempo, ao fluir nosso emocionar num curso que é o resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínio de ações e, portanto, muda o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar (Maturana, 2014, p. 206).

Então, o humano é dependente dessa convivência particular em relações sociais em um fluir na linguagem, na Biologia do Amar. Ao negarmos culturalmente esta emoção que nos move, estamos nos negando, negando ao outro. E ao fazermos isso, segundo Maturana (2002), criamos uma barreira na legitimidade da convivência, como quando criamos a consciência de guerra em uma luta com o outro, negamos o outro, o amor e assim nosso emocionar se volta para a indiferença, a rejeição, permitindo a destruição do outro, quando fazemos o oposto à Biologia do Amar destruimos o inimigo. Por meio disso, é ela que nos salva dos abusos, das tiranias, que nos permite sair destas situações, reconhecendo o outro como legítimo outro na convivência, aceitando-o, respeitando-o, amando-o (Maturana, 2001).

“A Biologia do Amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela” (Maturana, 2002, p.32), no entanto, em detrimento a este emocionar, que é intrínseco ao humano, vivemos uma cultura que a nega e fortalece relações de dominação, negação, opressão, submissão e controle do outro, como já discutimos antes. Assim, a cultura patriarcal predomina e a cultura matrística, se faz

presente em nós de forma biológica. A cultura patriarcal se consagra em relações de trabalho, de poder, que não constituem relações sociais. Relações estas que podem estar presentes em diferentes meios em que haja interações humanas, que não estabeleçam uma emoção em particular, o amor, pois, nós seres humanos não somos sociais o tempo todo (Maturana, 2002).

Desta forma, a cultura em que vivemos exalta altos níveis de exigência em busca do sucesso (Maturana; Dávila, 2006), enaltecendo relações não sociais, contudo, como seres humanos nos desenvolvemos quando crianças por meio da convivência com os adultos em seu modo de viver (Maturana, 2002), e se esta se estabelece por meio de uma relação não social, como podemos educar nossas crianças a aceitação e respeito entre si, quando o nosso emocional nos volta para relações de poder, submissão e controle do outro? Segundo Maturana e Dávila (2006, p. 36), “o amar é o fundamento da autonomia e da convivência”, assim, como adultos devemos gerar espaços de convivência em que a realização do ser social se estabeleça enquanto se vive na aceitação e respeito por si, tanto quanto na aceitação e respeito pelo outro (Maturana; Dávila, 2006, Maturana, 2002).

Portanto, para educarmos é imprescindível uma postura reflexiva do mundo em que vivemos, aceitando e respeitando a si e aos outros, e se assim o fizermos podemos aprender sobre tudo (Maturana, 2002), conseqüentemente, aprender está relacionado com a nossa transformação na convivência, direcionando a responsabilidade da educação para todos nós (Maturana; Dávila, 2006).

3.6. EDUCAÇÃO

Segundo Maturana (2001, p.102),

[...] a palavra *aprendizagem* vem de *apreender*, quer dizer, *pegar*, ou *captar algo*. No entanto, (...) a aprendizagem não é a captação de nada: é o transformar-se em um meio particular de interações recorrentes.

Deste modo, podem ocorrer em diferentes meios e fluir por meio de diversas experiências sendo trabalhadas na convivência. Este olhar fica extremamente perceptível quando voltamos nosso foco para a escola e vemos no desenvolvimento

das crianças, um aprendizado direcionado pelo compartilhar de experiências e convivências com diferentes situações, que de alguma forma recriam espaços sociais e relações expressas pela sociedade. Evidenciando, assim, que a aprendizagem está relacionada diretamente com o desenvolvimento e o ensino por meio de um âmbito relacional (Zucoloto, 2021).

Segundo Maturana e Dávila (2006), aprendemos a partir de uma transformação na convivência, isto é, por meio de perturbações mútuas que ocorrem do professor para o aluno, do aluno para o professor e entre os próprios alunos, esta visão tira do educador a exclusividade de educar para também ser educado (Freire, 2011). Por meio de reflexões como essas, Freire (2011), nos direcionou a considerar os alunos como participantes ativos do processo de ensino e aprendizagem e a percebermo-nos como seres inacabados no processo de educação. Este pensamento deixa explícito que devemos proporcionar espaços de convivência para que os estudantes possam aprender sendo autônomos e sociais (Maturana; Dávila, 2006). Além de reconhecer a educação como processo presente na relação professor e aluno, para Maturana (2002), educar é conviver com o outro, e o nosso viver se faz congruente com o outro na convivência, sendo assim, a educação é um processo contínuo, “[...] como vivemos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivermos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver” (Maturana, 2002, p.30).

Logo, a aprendizagem é um processo contínuo, segundo Jarvis (2021), ela ocorre por meio de combinações ao longo da vida que configuram uma pessoa em mudança. Aprender é mudar e mudamos constantemente, pois, nos encantamos com o fazer do outro, com o nosso fazer, simbolizamos e experienciamos dando significado a realidade (Freire, 2023). Para Bondía (2002), neste processo refletimos e então damos sentido e significado ao que nos acontece, e o que nos acontece é a experiência, que nos passa e nos toca, e este que aprende e experiencia é o único capaz de se abrir para o processo de transformação. Deste modo, a experiência e a aprendizagem estão inteiramente interligadas, e não somente para com os alunos, mas para os educadores em si e suas práticas educativas.

Segundo Madalena Freire (2023), como professores aprendemos por meio dos vínculos criados com nossos alunos, e a partir deles podemos crescer e nos

desenvolver como educadores. Para a autora, não somos apenas responsáveis pelo aprendizado de nossos alunos, mas também pela construção de seus seres sociais e humanos, influenciando no modo como convivem e aprendem. Este pensamento vai ao encontro ao de Jarvis (2021), de que devemos considerar o corpo e a mente do ser humano, considerando a pessoa inteira, deste modo, conseguimos entender os processos de ensino e aprendizagem com maior complexidade considerando os diversos caminhos que podem percorrer para que ocorram. Assim, na convivência todos estamos aprendendo, aprendendo a conviver e experienciar, aceitando a si e ao outro em um processo contínuo de amar.

No entanto, vivemos em uma sociedade que exige êxito com relações de dominação e controle, que podem estreitar a inteligência, criatividade, autonomia e respeito (Maturana; Dávila, 2006), ou seja, em nossas relações temos negado o outro na convivência. Para Madalena Freire (2023), ao negar o outro estamos gerando indiferença e nela não há vínculo, portanto, este é um ato de violência. A nossa cultura atual tem separado a dimensão cognitiva e técnica da emocional e afetiva, promovendo uma escola racionalista, barrando os afetos (Freire et al., 2014). Este modo de pensar a educação tem impedido que saibamos conviver e aprender com nossas emoções, aceitando-as e compreendendo-as como indispensáveis nas relações sociais e na aprendizagem. Segundo Alves (2012), não estamos considerando a ousadia dos estudantes, ou seja, não os ensinamos a se aventurar e errar para aprender, mas que existem respostas certas para dar. Estamos ensinando nossas crianças mergulhados em emoções de desejo, temor, nos conduzindo a relações de dominação, apropriação e competição.

Deste modo, muitas vezes as relações estabelecidas em sala de aula entre professor e aluno podem não configurar uma construção do conhecimento. Como dito por Freire (2011), as relações em sala de aula muitas vezes podem estabelecer uma educação bancária, em que o professor desconsidera os conhecimentos do aluno e centra-se apenas em seus conhecimentos. Maturana (2002) caracteriza este tipo de relação como não social, e ao direcioná-la para além da sala de aula. Portanto, não é somente a relação dentro da sala de aula que configura uma relação não social, mas todas aquelas que esperam do outro um comportamento adequado e esperado dentro das suas expectativas. Pois, em seu íntimo, relações deste tipo não aceitam o aluno legitimamente na convivência, possuindo intencionalidade apenas no conteúdo

externalizado por ele, no bom comportamento, distanciando-se da emoção fundante do social, o amor, impedindo que seja considerada uma relação social.

Para Zucoloto (2021), a educação não tem apenas o papel de construção do conhecimento, mas o de desenvolver a pessoa ampliando os seus conhecimentos e capacidades promovendo uma relação intrínseca entre desenvolvimento, aprendizagem e ensino, e isto se dá por meio de relações. Este olhar para a educação pode se tornar perigoso quando passamos o antigo centro do professor para o aluno, tratando-o como protagonista de sua aprendizagem e desconsiderando as relações de convivência, que constituem o espaço educativo. Ao escolhermos mais uma vez um centro desconsideramos a aprendizagem como um processo de convivência e de contínua interação humana, que se estabelece por meio das experiências entre adultos e crianças. Sendo assim, ao deslocarmos o olhar do professor para o aluno, negamos a interação necessária entre ambos para que a educação aconteça. Para Jarvis (2021), a aprendizagem começa com a experiência e esta sempre é social, logo, a educação está relacionada às pessoas que participam do processo de aprendizagem (Dávila; Maturana, 2009), não possuindo um centro e sim um meio.

Quando olhamos para o processo de ensino e aprendizagem nos aproximamos da relação professor e aluno considerando apenas esta relação como parte dessa construção. No entanto, ao compreendermos o processo de ensino e aprendizagem para além dos conteúdos, adentramos em um espaço que não leva a construção apenas do conhecimento, mas do ser humano, cidadão, que ocorre na convivência e engloba muitos outros atores presentes no espaço escolar. Segundo Dávila e Maturana (2009), ao considerarmos esses diversos atores, como gestores, pessoal da limpeza, merendeiras, agentes de organização escolar como participantes na educação de nossos estudantes, nos direcionamos para a escola como comunidades educativas. E nessas comunidades, segundo os autores, todas as pessoas adultas são responsáveis pelo espaço de convivência e tem papel fundamental para que os alunos convivam em bem-estar, levando-os a serem responsáveis, reflexivos, éticos e livres ao mesmo tempo.

Assim, neste trabalho a expressão educadores recebe um significado além do sentido de professor, responsável pela construção do conhecimento escolar específico do aluno, ele considera os adultos que fazem parte desse processo de

ensino e aprendizagem como um todo do estudante. Desta forma, consideramos educadores aqueles que participam da construção do conhecimento e do ser humano pela convivência, estabelecido em comunidades educativas, como abordado por Dávila e Maturana (2009). Ao reconhecermos e darmos voz a diversos adultos que participam da educação das crianças, dentro da comunidade educativa, percebemos a importância desses espaços formativos e de interação humana para além da sala de aula. Por meio dessa perspectiva evidenciamos que o significado social é incorporado, dentro de nós, por meio da aprendizagem ocorrendo no viver e conviver, como abordado por Jarvis (2021), sendo a aprendizagem existencial e experiencial.

Não podemos esquecer que nessas comunidades educativas o que nos move é a emoção, pois, ela funda as relações sociais e esta é intrínseca ao humano. De acordo com Da Fonseca (2016), as emoções presentes nas interações sociais são essenciais para a aprendizagem, assim, ao longo do nosso desenvolvimento somos movidos pelo emocionar. Pensamento que vai ao encontro do que é dito por Maturana (2001), ao abordar que a aprendizagem ocorre por meio da convivência, por meio do modo de vida e que a emoção é o que nos move. Ainda para Da Fonseca (2016), a emoção se torna extremamente primordial por conta da relação entre professor e aluno, sendo indispensável para a aprendizagem, que não ocorrem fora dela, sendo assim importante para todos aqueles que participam desse processo.

No entanto, segundo Nias (1996), o ensino se estabelece por meio de interações intensas e pessoais onde se exige dos docentes um controle emocional para exercer a responsabilidade que possuem no desenvolvimento dos estudantes. Esta cobrança é um equívoco, visto que, não devíamos controlar ou anular nossas emoções para exercer responsabilidades e sim entendê-las e compreendê-las de forma que firmemos relações sociais. Contudo, em nossa cultura somos ensinados a anular essas emoções, como a própria autora destaca, e evidenciar a razão para tomar decisões, assim, professores, alunos e todos que fazem parte da comunidade educativa não são capazes de conviver emocionalmente, mas são ensinados a deixar essas emoções de lado. Além desta cobrança, segundo Freire et al. (2014), outros diversos desafios são postos aos professores atualmente, tanto pela instabilidade, quanto pela imprevisibilidade e avanço das tecnologias que surgem para as novas gerações.

Deste modo, existem movimentos na educação que buscam acrescentar novos instrumentos e tecnologias, visando a melhora da aprendizagem. Entretanto, segundo Dávila e Maturana (2009) os instrumentos e tecnologias são secundários às relações de convivência, portanto secundárias a educação, e se desejamos que as crianças sejam éticas, responsáveis, livres, e criativas, é fundamental considerar as emoções. Consequentemente, as emoções são intensamente vivenciadas e relacionadas ao ambiente escolar, principalmente nas relações interpessoais entre professores e alunos, alunos e alunos, alunos e outros agentes atuantes no quadro escolar. Logo,

[...] as emoções dão sentido à vida humana enquanto nos adaptamos, aprendemos, temos sucesso e fazemos amizades, mas igualmente elas também emergem enquanto enfrentamos episódios, eventos e situações que nos esmagam, magoam, ridicularizam e nos frustram e entristecem, por tudo isto, as emoções e as expressões faciais e gestuais fornecem informações adaptativas de enorme relevância para a aprendizagem, elas são fenomenológicas porque são subjetivamente experienciadas e vivenciadas (Da Fonseca, 2016, p. 366).

Então, diferentes momentos e situações podem suscitar diversas emoções dentro do ambiente escolar, que não são previstas, premeditadas, esperadas e podem ser vivenciadas por todos aqueles que formam o ambiente escolar, podendo assim ser modificada por meio da mudança do emocional, como tratado por Maturana (2002). Podemos citar como exemplo a pandemia da Covid-19, que acometeu a China no final de 2019 e se estendeu ao mundo inteiro de 2020 a 2022, ainda se mantendo com novas variantes, mesmo após a 4ª dose da vacina, atualmente.

3.7. COVID-19 E A ESCOLA

A educação sempre buscou mudanças e inovações, mas todas em um período a longo-prazo, pensando no futuro. Contudo, no início de 2020 o mundo se deparou com uma nova realidade, a pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto do novo coronavírus como tendo uma importância internacional. A educação precisou se reinventar em um espaço curto de tempo para solucionar algo urgente, como ficaria o ensino de milhares de alunos, sendo necessário o distanciamento social e o isolamento? Nesta situação

a realidade da maior parte da humanidade mudou, o que antes era feito em locais específicos, como empresas, escolas, parques etc., passou a ser realizado em casa com toda a família, com todas as dificuldades decorrentes da adaptação de espaços não escolares para espaços escolares. Segundo Souza (2020), novas relações afetivas e profissionais foram constituídas e ressignificadas a partir da pandemia, o que de certa maneira nos obrigou a modificar nossas relações interpessoais e o respeito a nós mesmos e aos outros.

O que era aparentemente para durar algumas semanas ou meses, tomou dois anos do mundo e da vida escolar, e ainda neste momento estamos em um processo de convivência com a doença. Essa profunda alteração, nas interações humanas assombradas pelo vírus, gerou a necessidade de transferir um ensino que era exclusivamente presencial para o ensino remoto e *on-line*, mudando assim drasticamente as relações e interações entre alunos e professores e a comunidade educativa. As interações que antes ocorriam por meio de linguagem verbal e não verbal, falas, gestos, olhares, passou a acontecer por meio de mensagens e vídeo chamadas síncronas, ou por vídeo aulas muitas vezes assíncronas. Entretanto, em muitos casos os professores não conseguiram contato com seus estudantes, por falta de acesso a tecnologias necessárias para essa comunicação. Segundo a PNAD (IBGE, 2018), 99,2% dos domicílios possuem aparelho celular, que na maioria das vezes é o único equipamento compartilhado entre os familiares. Já o TIC Kids Online Brasil (CETIC, 2019) mostrou que 11% das crianças entre 9 e 17 anos não possuíam acesso à internet.

Desta maneira, um dos grandes desafios de natureza técnica no período da pandemia foi a acessibilidade dos alunos de escolas públicas às plataformas que a escola disponibilizava para a continuação dos estudos. Neste período a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo disponibilizou aos alunos e professores da rede a plataforma Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) para dar continuidade as atividades escolares (Da Silva, 2021). Esta plataforma visava a educação a distância e a formação dos profissionais da rede, mostrando-se uma tecnologia inovadora conversando com as necessidades do século XXI. Segundo Da Silva (2021), as competências digitais mostram-se essenciais no ensino, e neste período de pandemia ganharam maior visibilidade, no entanto neste período também foram evidentes as dificuldades técnicas e a fragilidade de acesso à tecnologia.

Segundo Stevanim (2020), neste período de isolamento social por parte da escola ficou evidente a preocupação com a entrega de conteúdos, expondo a exclusão digital e evidenciando a entrega de tarefas apenas, como garantia de um processo de ensino e aprendizagem escolar.

Além da dificuldade de acesso à tecnologia, este período deixou evidente a importância das comunidades educativas como espaço de convivência. As escolas são de extrema importância para socialização dos alunos, elas são espaços de debates, pluralidades, pensamentos e acima de tudo realidades diferentes (Stevanim, 2020). Durante o isolamento social estes espaços foram fechados e novos espaços virtuais foram estabelecidos por meio das aulas digitais, portanto, essas relações já estabelecidas precisaram se reinventar em meio a diversas imprevisibilidades. Para Da Silva (2021) e Stevanim (2020), uma das maiores dificuldades deste período, além da distância, foram as dificuldades encontradas para ter acesso à educação de forma, tanto por parte dos alunos como professores. Neste período não houve garantias de que todos os alunos acessaram essas plataformas, e mesmo aqueles que acessaram tiveram dificuldades no acompanhamento de suas aprendizagens. Deste modo, por mais que o intuito do ensino remoto tenha sido não parar a educação, diversos obstáculos foram expostos, que ainda hoje apresentam reflexos na escola, mesmo o isolamento social tendo ficado para trás.

De acordo com Souza (2020), a maior preocupação foi a transposição de um ensino que era presencial para um ensino online, utilizando as TICs e os AVA para o então chamado “ensino-remoto”. Não houve reestruturações ou momentos de preparação para o ensino-remoto, houve a transferência de um ensino presencial para o remoto de forma que a mudança se deu pelo formato digital das aulas, sem tempo para uma discussão ou uma preparação tanto dos estudantes como dos professores e da comunidade escolar em geral. Desta forma, as cobranças permaneceram as mesmas, tanto para os alunos quanto para os professores, enaltecendo a tecnologia como solução para os problemas enfrentados. Este espaço proporcionou um avanço para a Educação a Distância (EAD) no ensino básico, adotando de forma drástica um ensino precário, sem investimentos precisos em uma educação que já se encontrava enfrentando inúmeros problemas (Stevanim, 2020).

No entanto, percebemos que muito se fez pensando na continuação do ensino, dos conteúdos que seriam perdidos, mas pouco se falou sobre as pessoas e as emoções que foram desencadeadas por esse período de isolamento, tanto em professores como em alunos, ou na comunidade educativa em si. Refletindo sobre este período, a partir do olhar de Maturana (2002), percebe-se que negligenciamos as pessoas, as negamos, e as engolimos com os discursos da educação contínua, que a educação não podia parar. Sendo que a educação, o ensino e a aprendizagem são feitos por pessoas e para pessoas, e ocorrem por meio das relações sociais imersas em emoções. Contudo, durante o isolamento as emoções não foram trabalhadas, pelo contrário, estiveram presentes e emergiram de diversas experiências, mas foram esquecidas e ignoradas, mesmo sendo diferentes das emoções antes suscitadas no espaço escolar.

A partir disso, percebemos que novas emoções foram geradas e estas se modificaram com o tempo de acordo com as necessidades que a pandemia fazia surgir. Professor e aluno, passaram por momentos pessoais difíceis, no entanto, outras figuras dentro do ambiente escolar também passaram por estas vivências e por momentos muito complicados, inclusive no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Stevanim (2020), a saúde física e mental dos alunos e dos professores foi prejudicada, pois não estavam nem preparados, nem capacitados para essas mudanças, assim como a comunidade educativa como um todo. Para Maturana (2002), ao mudarmos uma emoção mudamos a cultura, pois como discutimos em capítulos anteriores a cultura para o autor são casos particulares de comportamento comunicativo com uma rede fechada de conversações. Assim, a comunidade educativa é uma cultura e possivelmente com as mudanças de emoções ocorridas no período da pandemia podem ter sido alteradas as relações, os comportamentos e conseqüentemente modificado essa cultura.

Assim a configuração do ensino mudou, e ao mesmo tempo com ele mudaram a aprendizagem e o desenvolvimento, que precisam de interação e convivência e foram prejudicados por meio do isolamento, que perdurou por mais de um ano (Zucoloto, 2021; Maturana, 2002). Neste caso,

[...] se quisermos compreender como ocorreu uma mudança de cultura histórica, teremos de imaginar as condições de vida que tornaram possível a

modificação no emocional sob o qual se deu tal mudança, dando origem a uma rede de conversações que começou a se manter como resultado de sua própria realização (Maturana; Verden-Zöller, 2021, p.54).

Para compreender o que ocorreu neste período e quais emoções podem ter sido responsáveis pelas mudanças causadas neste período em que como humanidade vivemos em isolamento social, precisamos nos voltar para as emoções que foram evidenciadas por esta situação em particular. Segundo Maturana (2002), para que haja uma história das interações tem que haver uma emoção que a constitua, pois existem diferentes tipos de emoções que resultam em relações humanas diferentes. Dado que essas relações foram modificadas com a pandemia do Covid-19, devemos destacar, que a aprendizagem não é um ato solitário, e assim foi prejudicada neste período (Zucoloto, 2021).

Também precisamos destacar que vivemos e convivemos em uma comunidade, e dependendo de nossas emoções podemos ter ações com um sentido ou outro, e como adultos somos os responsáveis por modular o espaço de relações dos estudantes (Dávila; Maturana, 2009), então, as emoções de professores e estudantes podem ter sido influenciadas neste período de isolamento. Para Dávila e Maturana (2009), devemos proporcionar o que eles chamam do processo Amar-Educa, que, de acordo com os autores:

[...] é um convite para gerar um espaço de transformação reflexiva na convivência, que permita a abertura de um “espaço de bem-estar” baseado no “entendimento humano” e, como tal, libertador das condições de dor em que grande parte dos membros das comunidades educacionais – professores, alunos, trabalhadores e pais – vive dentro delas (Dávila; Maturana, 2009, p.138).

Assim, podemos dizer que pouco foi trabalhado sobre as emoções e a aceitação do outro na convivência durante a pandemia, principalmente no ambiente escolar. Segundo Zucoloto (2021), precisamos levar em consideração a saúde do professor, dos estudantes, e todos os envolvidos neste processo de aprendizagem, pois diversos relatos de consequências negativas durante a pandemia foram veiculados, demonstrando a importância de se pensar em todas as partes essenciais para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra. Portanto, isso nos move a proporcionar a reflexão desses momentos vivenciados antes, durante e após o

isolamento social agora em que o retorno presencial dos estudantes às escolas tornou-se uma realidade, levando em consideração as ressignificações que foram construídas ao longo de todo esse período.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa busca-se compreender as emoções vivenciadas e as mudanças nas relações interpessoais no ambiente escolar após o isolamento social na pandemia e suas possíveis interferências no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Maturana (2002), são as emoções que movem o homem e não a razão, desta maneira, as emoções vivenciadas em todo o processo de isolamento podem ser importantes para compreender as dificuldades que foram e estão sendo encontradas no processo de ensino e aprendizagem escolar desde então. Assim, seguiremos uma abordagem de pesquisa qualitativa e exploratória por meio de entrevistas e questões abertas em um grupo focal de professores do Ensino Fundamental II, e entrevistas semiestruturadas com merendeiras, ambos de uma Escola Estadual do Estado de São Paulo.

Entende-se por pesquisa qualitativa aquela que proporciona um conhecimento mais profundo, subjetivo, e exploratório ao estimular o pensamento científico. De acordo com Moraes (2003, p. 191), "(...) a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa deste tipo de informação (...); a intenção é a compreensão." Portanto, a utilização de entrevista é uma forma de se alcançar o conhecimento por meio de interações sociais e diálogos construtivos que contribuem para uma maior compreensão e caracterização do pensamento e das emoções dos sujeitos da pesquisa. Este método busca captar informações específicas sobre o assunto escolhido, mantendo assim uma abertura a novos temas que podem ser levantados pelos entrevistados. Desta maneira, segundo Manzini (2004), uma entrevista, é uma interação social, uma maneira de obter informações orientadas por um objetivo.

Como abordado por Maturana (2002), uma relação social apenas existe quando aceitamos o outro na convivência, isto é, em uma entrevista é necessário manter-se aberto às colocações do outro e minimizar as conduções por parte do pesquisador como abordado por Manzini (2004). Além da interação, em uma entrevista faz-se necessário que o pesquisador tenha cuidado com a linguagem; adequando sua linguagem a do entrevistado, minimizando o desconforto e a distância entre a pesquisa e o sujeito, tendo cuidado com as perguntas que faz, devendo ser o

mais claro e direto possível; não utilizando perguntas grandes que possam confundir o entrevistado (Manzini, 2004).

Existem diferentes formas de entrevista, dentre elas, estão a entrevista estruturada, semiestruturada e a não estruturada. Logo, uma entrevista estruturada é diretiva ou fechada, em que o pesquisador não está aberto a novas possibilidades dentro da interação, a entrevista não estruturada é totalmente aberta e não diretiva, apostando na improvisação, enquanto a entrevista semiestruturada é conhecida como semidiretiva ou semiaberta, em que o pesquisador possui uma estratégia de interação que é maleável de acordo com o entrevistado (Manzini, 2004). Portanto, as entrevistas sempre estão indo em alguma direção, pois, possuem um propósito delimitado pelo pesquisador, a partir de um objetivo.

Dentre as diversas formas de entrevista, neste trabalho optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada, para que houvesse um planejamento e ao mesmo tempo uma abertura às colocações dos sujeitos de pesquisa, que como característica principal apresenta a elaboração de um roteiro. De acordo com Manzini (2004), o roteiro tem o papel de auxiliar o pesquisador na condução da entrevista, no entanto, também se torna imprescindível para a organização e coleta de informações precisas por parte do entrevistado. Logo, um roteiro precisa compor perguntas direcionadas e intencionadas que estejam relacionadas ao objetivo do trabalho, e que possam ajudar o pesquisador a coletar informações cruciais sobre o assunto que está sendo trabalhado.

Pensando em contribuir ainda mais com a discussão do tema colocado em questão, neste trabalho optou-se pela realização de um grupo focal para a obtenção do *corpus* dos dados da pesquisa. O grupo focal é um método de investigação para a obtenção de dados qualitativos onde se busca identificar pensamentos, sentimentos e percepções de um grupo em particular sobre um determinado assunto. Segundo Dias (2000), o propósito de um grupo focal é gerar novas ideias e estimular o pensamento do pesquisador, sendo assim, o grupo é selecionado seguindo características importantes para o pesquisador. Neste caso, era de extrema importância que os sujeitos participantes desta pesquisa tivessem vivenciado o período de isolamento social a partir de um contexto escolar para poder retratar

situações que os acometeram neste período. Deste modo, a construção do grupo gera mais diversidade e profundidade de respostas.

Para Aschidamini (2004) e Iervolino e Pelicione (2001), um grupo focal consiste naquele em que acontece a maior interação entre os participantes e o pesquisador com uma discussão focada, que produz dados específicos e diretivos, além de levantar e enfatizar a compreensão de problemas por meio de um grupo social. Desta maneira, um grupo focal faz-se pertinente, por proporcionar maior interação com momentos vivenciados por todos, como no caso do período de isolamento. Para compor o grupo focal foram selecionados quatro professores; um professor de Biologia/Ciências, um professor de Língua Inglesa, uma professora de Língua Portuguesa e uma professora de Matemática.

Para a entrevista semiestruturada foram selecionadas duas funcionárias merendeiras, todos pertencentes à mesma escola pública do Estado de São Paulo, que se encontra no município de Francisco Morato em um bairro periférico. Esta escolha se deu para que pudéssemos compor um grupo diversificado, formado por professores de diferentes componentes curriculares, e desta forma enriquecer as vivências, experiências e emoções retratadas nesta pesquisa. Junto a isso, foi pensado que para retratar o ambiente escolar precisamos de outros atores envolvidos na convivência deste espaço, podendo assim dar voz a outras figuras importantes no desenvolvimento dos estudantes e na interação com eles. A escolha desta escola se deu pelo vínculo empregatício da pesquisadora, o que facilitou o contato e a interação com os professores e as merendeiras.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Conselho de Ética da EACH-USP sob o número 59444022.6.0000.5390. Os professores e merendeiras selecionados foram orientados e receberam o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” apresentados no **Anexo A e B**, explicando a liberdade para retirar-se da pesquisa a qualquer momento, além de assegurar e resguardar a identidade dos participantes durante todo o processo de transcrição e análise dos dados. Para a instituição escolar, foi solicitada a autorização na qual se apresentam os termos para que a coleta de dados fosse realizada, a partir do termo de autorização de pesquisa apresentado no **Anexo C**.

Desta maneira, os professores se encontraram presencialmente, em uma data definida em como um acordo por todos os sujeitos, e em um grupo focal realizado como uma roda de conversa, socializaram suas vivências referentes às perguntas pré-elaboradas por um roteiro exibido no **APÊNDICE A**. Com as merendeiras foi decidido uma data específica com cada uma, para facilitar a entrevista e não dificultar o trabalho de ambas, visto que, são contratadas de uma empresa terceirizada e encontram-se em turnos diferentes de trabalho. Contudo, foi utilizado para ambas o mesmo roteiro de entrevista semiestruturada exibido no **APÊNDICE B**. Tanto o grupo focal, quanto a entrevista semiestruturada foram gravadas por vídeo e áudio para posterior transcrição e análise.

4.1. ROTEIROS

O roteiro elaborado para a realização do grupo focal da pesquisa teve o intuito de orientar a coleta de dados por meio de discussões sobre perguntas pré-elaboradas, para discutir as emoções que foram vivenciadas no período pré, durante e pós isolamento, suscitadas por materiais de apoio que relembassem estes momentos, como o uso de imagens, vídeos, músicas, poesias, entre outros, no intuito de auxiliar os professores a expressarem as suas emoções e sentimentos nestes recortes de tempo. Assim sendo, o roteiro foi dividido em três partes: **período pré isolamento**, **período de isolamento** e **período pós isolamento**.

A conversa no grupo focal se iniciou com uma apresentação feita pela pesquisadora em que explicou brevemente o intuito da pesquisa, lembrou o termo de consentimento livre e esclarecido e orientou como ocorreria a discussão. Após este momento os professores fizeram uma breve apresentação, contando um pouco sobre si. Ao final das apresentações individuais iniciou-se as perguntas sobre a primeira parte da pesquisa relacionadas ao período de pré-isolamento. O **período de pré-isolamento** foi um marco importante de como a relação professor e estudante era estabelecida antes do isolamento social. Sendo assim, a partir dele podemos observar as mudanças que podem ter ocorrido nas relações interpessoais com o isolamento social e caracterizá-las a partir das reflexões suscitadas entre professores. Para isso, foram projetadas imagens que representavam este período, para que os professores pudessem se expressar e caracterizar este momento. Neste intuito, a **Figura 1**

apresenta uma professora em sala de aula com seus alunos, utilizando materiais escolares para o desenvolvimento de alguma atividade, o que era muito comum no período pré pandêmico.

Figura 1: Alunos sem máscara, sentados em fileiras, utilizando os materiais escolares.



Fonte: LANÇADO (2021)

Para retratar o ambiente na **Figura 2** vemos as disposições das carteiras e uma lousa, uma sala com pouca tecnologia, que era o cenário mais acessível aos professores da escola pública. Estas imagens foram selecionadas buscando aproximar a realidade que era encontrada nas salas de aula desses professores em uma escola pública de periferia.

Figura 2: Sala de aula com carteiras e lousa, sem o uso de computadores.



Fonte: DEBATE (2021)

As **Figuras 1 e 2** apresentam momentos que vivenciávamos como membros da comunidade escolar antes do isolamento social. Assim, estas imagens visavam proporcionar aos professores uma reflexão sobre como era a sala de aula e a relação com os estudantes antes de entrarmos em um isolamento social. O **período de isolamento** foi marcado na educação como um momento difícil, em que foi necessário repensar as estratégias de aprendizagens e utilizar as TICs como ambientes para a aprendizagem, como abordado por Souza (2020). Sendo assim, o ensino que era totalmente síncrono e presencial, passou a ser online, podendo ser assíncrono, com vídeos gravados ou síncrono, com chamadas ao vivo.

Para caracterizar este período foi selecionada a **Figura 3** por representar a principal ferramenta utilizada pelos professores da rede estadual no período de isolamento, o aplicativo CMSP. Os professores acompanhavam as aulas de outros docentes que estavam na plataforma em um horário específico, junto com os estudantes de sua turma orientando-os por meio do chat sobre os temas que o professor da aula ao vivo estava abordando.

Figura 3: Representação do período de isolamento em que professor e estudante assistiam juntos aulas ao vivo preparadas por outro professor e interagiam via chat.



Fonte: Página do Reedit (2020)

Continuando neste contexto a música “Tamo junto” escrita por Carlinhos Brown com a participação da cantora Lexa, foi uma música que marcou este período de isolamento, pois, os estudantes estavam desmotivados com a realização das atividades escolares em casa e iniciou-se uma preocupação com um possível crescimento da evasão escolar.

Tamo junto (Não desista) (part. Lexa) - Carlinhos Brown

Mais, cara, mais, cara (oh, oh)
 Mais, cara, cara, mais, cara, cara
 Mais, cara, mais, cara, cara
 Não abandone o seu futuro (oh)
 Dê duro, lute por ele (você não tá sozinho)
 Não abandone o seu destino
 Só o ensino te leva lá (você não tá sozinho)
 Não abandone você mesmo
 Recarregue pra recomeçar (você não tá sozinho, você não tá sozinho)
 Agora tá difícil, irmão, aprender com a escola de mão
 Mas vai passar, mas vai passar
 Quem não parar, vai chegar lá
 Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação
 Se não dá pra ir pra escola agora
 Não deixe a escola ficar longe de você
 Ligue, clique, se conecte
 Não desista do direito, seu direito de aprender
 Ruxell No Beat
 O mundo parou, parou
 Mas ninguém vai te parar, parar
 Tá chato, tá (tá, tá, tá, tá, tá, tá)
 tá dureza, tá (tá, tá, tá, tá, tá, tá)
 Mas uma certeza tenho, tenho
 Quem não parar, vai chegar lá, meu bem
 Meu bem
 Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação
 Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação
 Não abandone o seu futuro
 Dê duro, lute por ele (resista, resista)
 Não abandone o seu destino
 Só o ensino te leva lá (resista)
 Não abandone você mesmo
 Recarregue pra recomeçar, ah, ah
 Agora tá difícil, irmão, aprender com a escola de mão
 Mas vai passar, vai passar
 Quem não parar, vai chegar lá

Fonte: Brown et al. (s/ data)

Apresentar os desafios decorrentes do isolamento por meio de momentos vivenciados pelos professores, como na **Figura 3** e na música é uma forma de resgatar as emoções que foram vivenciadas neste período, para trazer os principais pontos que tocaram esses professores e suas relações com seus estudantes.

O **período pós isolamento** foi uma readaptação da sala de aula, em que os professores precisaram lidar com seus estudantes e com diversas questões socioemocionais, principalmente com a perda de diversas pessoas que eram importantes para ambos. Neste período, professor e estudante precisaram reaprender a estar em uma sala de aula, presentes fisicamente e ainda a lidar com a inserção de diversas tecnologias que foram acrescentadas por conta do avanço tecnológico a partir da pandemia. Pensando em resgatar este momento de retomada o poema “A escola é” atribuído à Paulo Freire é um retrato da sala de aula, ambiente atemporal que absorve diversas situações e apresenta também diversos desafios.

Poema: A Escola é (Paulo Freire)

Escola é ...
 o lugar que se faz amigos.
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é sobretudo, gente
 Gente que trabalha, que estuda
 Que alegre, se conhece, se estima.
 O Diretor é gente,
 O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!
 Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Fonte: Atribuído à Paulo Freire (2018)

Pensando em relacionar o grupo focal de professores com a entrevista semiestruturada realizada com as merendeiras, o roteiro referente a entrevista também foi dividido em três momentos: **período de pré-isolamento**, **período de isolamento** e **período pós isolamento**, no entanto, apresenta questões voltadas para a realidade das merendeiras. Assim, para iniciar a entrevista foi solicitado que os sujeitos de pesquisa fizessem uma pequena apresentação sobre quem são e o que fazem na escola. Após essa breve apresentação iniciou-se o primeiro momento da entrevista, relacionada ao período de pré isolamento, em que se buscou saber como era o trabalho delas antes e como elas se sentiam em relação aos estudantes neste período.

No intuito de auxiliar a reflexão sobre este período foi selecionada a **Figura 4** que caracteriza as filas que são formadas no período do intervalo e representam o momento de maior interação entre as merendeiras e os estudantes.

Figura 4: Alunos sem máscara, na fila para pegar a merenda.



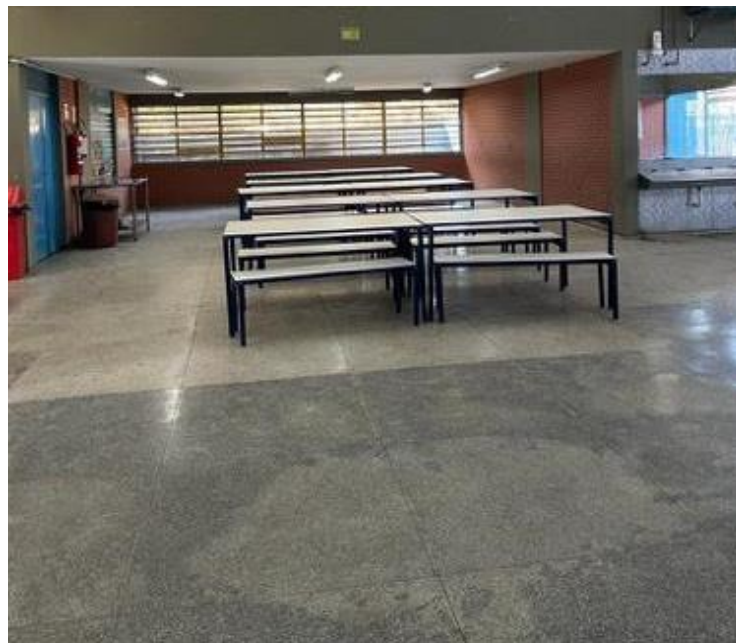
Fonte: autoria própria

No que se refere ao período de isolamento social optou-se por levantar brevemente a emoção das merendeiras em relação a este momento, levando em

consideração suas vivências pessoais, o que escutam de colegas e dos estudantes. Deste modo, complementando a pergunta anterior, foram questionadas sobre terem tido contato com algum estudante neste período e como esse contato ocorreu. Para fechar este recorte de tempo foi acrescentada uma pergunta sobre a sensação de ver o pátio da escola vazio por conta do longo período em que permaneceu assim, visando facilitar a visualização deste momento foi escolhida a **Figura 5**, que apresenta este ambiente vazio.

Para finalizar a entrevista entramos no **período de pós isolamento**, e iniciamos com perguntas sobre quando retornaram à escola e como se sentiram ao fazê-lo. Após as respostas, foram introduzidas perguntas referentes aos estudantes, quando eles retornaram e quais foram as sensações delas referente ao retorno dos mesmos. Assim, para conseguirmos caracterizar este retorno por meio do olhar das merendeiras foi perguntado como esses estudantes retornaram e se eles estavam diferentes de antes do período pandêmico.

Figura 5: Pátio da escola vazio.



Fonte: autoria própria

Buscando elucidar as emoções que foram desencadeadas por este período, foram questionadas quanto aos possíveis desafios que vêm enfrentando neste momento após a pandemia. Ao final da entrevista foram orientadas a acompanhar a leitura de um trecho que trata de educação. Este trecho foi escolhido para retratar o

momento que estão vivenciando agora, relacionando a educação com os desafios da convivência. O texto selecionado foi o seguinte:

[...] educar é um processo de transformação na convivência de todos os atores envolvidos e, se queremos que nossos meninos e meninas cresçam como seres autônomos no respeito por si mesmos e com consciência social, temos que conviver com eles respeitando-os e respeitando-nos na contínua criação de uma convivência na colaboração a partir da confiança e do respeito mútuos (Tradução Livre de Maturana; Dávila, 2006, p.30-39).

Desta maneira, tudo que foi dito, expresso e sentido pelos professores e pelas merendeiras ao caracterizar os desafios que vivenciaram antes, durante e após o período de isolamento social foi transcrito em um documento literal e são apresentados no **APÊNDICE C e D**. A transcrição literal dos dados coletados, ocorreu por meio do uso dos vídeos e áudios gravados no dia da reunião do grupo e da entrevista semiestruturada.

4.2. TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE

Para a descrição foram utilizadas as pontuações gramaticais de acordo com norma ortográfica usual, que segundo Ramilo e Freitas (2001) facilitam a compreensão e o entendimento para a posterior análise. No entanto, foram estabelecidas pontuações determinadas pela pesquisadora para trechos específicos da transcrição, e para transposição dos dados, como por exemplo momentos em que o áudio ou o vídeo são inaudíveis, ou momentos em que ocorrem pausas repentinas. Esta pontuação é apresentada no **QUADRO 1**. Estas escolhas se dão para facilitar a compreensão no momento de análise, e possibilita uma leitura mais precisa em relação aos dados (Ramilo; Freitas, 2001).

QUADRO 1: Símbolos utilizados na transcrição do grupo focal e da entrevista semiestruturada.

SITUAÇÃO	SÍMBOLO GRÁFICO
Som inaudível	[.]
Pausas curtas	—
Complemento da fala	/
Completar a fala do outro	//
Interromper a fala do outro	-
Perguntas	?
Exclamação	!
Conclusão de pensamento	.
Parte do contexto desconsiderada	(...)

Após a transcrição o documento recebeu uma pré análise para organização e facilitar a análise dos dados. Segundo Moraes (2003), a utilização de códigos é extremamente importante para identificar a origem dos dados. Assim, a organização se deu pela divisão do documento referente aos três momentos planejados no roteiro e para identificação de qual tema era abordado quando ocorreram as falas dos participantes. Deste modo, foi adicionada uma letra em maiúscula depois da identificação do sujeito de pesquisa para exemplificar este período. Portanto, o **período pré - isolamento** recebeu a sigla **A** que significa **antes**, o **período de isolamento** recebeu a sigla **I** que significa **isolamento**, enquanto o **período pós isolamento** recebeu a sigla **P** que significa **pós**. Para proteção da identidade dos sujeitos de pesquisa o nome de cada um dos participantes foi substituído por um nome fantasia, seguido por uma numeração que vai de 1 até 247, representando a posição em que a fala de cada participante apareceu ao longo da discussão. As falas da pesquisadora seguem o mesmo padrão, sendo o nome substituído por pesquisadora. Desta forma, quando um trecho for apresentado, este será representado como o trecho de exemplo destacado abaixo:

Miranda **P198**: É aquilo né, nada de ilhas cercadas de gente por todos os lados.

Legenda: (**P**) representa o período da discussão em que foram abordadas vivências do pós isolamento, “Miranda” representa o sujeito de pesquisa que está falando e (198) é a posição em que esta fala do sujeito apareceu na discussão.

Portanto, com esta organização será possível identificar qual dos três momentos se refere à fala, qual sujeito está falando, e em que momento a fala surgiu na discussão. Uma vez que esta pesquisa visa olhar para as emoções, que são imprescindíveis nas relações sociais como dito por Maturana (2002), o método de análise escolhido para garantir esta visão foi o da Análise Textual Discursiva (ATD). Segundo Moraes e Galiuzzi (2006), este método é uma ferramenta aberta, que precisa de muita reconstrução, principalmente entre as vivências do sujeito e a análise, sendo acompanhada por um conjunto de emoções. Desta forma, este método abre diversas possibilidades de interpretação, sobretudo em uma pesquisa que visa considerar as vivências do outro, como vemos neste trabalho.

A ATD transita entre duas formas de análise, são elas a de conteúdo e a de discurso, relacionadas à interpretação do autor e as condições do texto, e possui três etapas em seu processo: **unitarização**, **categorização** e o **meta-texto**. A

unitarização, ou desmontagem dos textos ocorre a partir de uma leitura de forma intensa e profunda nos materiais, em que os textos são diferenciados por unidades de significado, que podem gerar outros conjuntos, buscando os fenômenos estudados (Moraes; Galiuzzi, 2006; Moraes, 2003). Este momento ainda implica em uma separação entre as perspectivas do pesquisador e os resultados reais da coleta obtida. Logo,

[...] isto implica um esforço de colocar entre parênteses as próprias ideias e teorias e exercitar uma leitura a partir da perspectiva do outro. Isso é especialmente recomendado em pesquisas de cunho etnográfico e fenomenológico em que é importante valorizar a perspectiva dos participantes (Moraes, 2003, p. 193).

Permitindo assim que configuremos as relações sociais desta pesquisa, de acordo com o proposto por Maturana (2002) e enriquecendo os dados coletados. Para isso, pré-analisamos os dados brutos do trabalho e realizou-se um processo de destaque dos trechos que abordam questões importantes para o desenvolvimento da pesquisa, e que expressavam a experiência dos sujeitos. A princípio, no processo de unitarização, estes trechos foram separados por três domínios: **I-PRÉ ISOLAMENTO**, abordando temas relacionados ao período antes do isolamento social, **II-ISOLAMENTO**, que evidenciavam experiências que foram vivenciadas no distanciamento social e podem retratar mudanças significativas nas emoções dos sujeitos, e **III-PÓS ISOLAMENTO**, que apresenta experiências sobre o pós distanciamento social e pode estar agregado a reflexões, relacionando momentos anteriores, que já estavam determinados com a organização do roteiro. Segundo Moraes (2003), ao pré-determinarmos categorias de organização, no caso deste trabalho estabelecemos domínios, desenvolvemos um processo dedutivo, podendo por meio dele enriquecer a percepção sobre os dados que serão analisados, trazendo maior precisão para que sejam aperfeiçoados.

Durante esse processo, iniciou-se a **categorização**, reunindo os conjuntos de significado semelhantes gerando vários níveis de categorias, buscando relações entre as unidades, combinando-as e classificando-as para compreender como se agrupam em conjuntos mais complexos de categorias (Moraes; Galiuzzi, 2006; Moraes, 2003). Ao longo deste caminho, ocorreram diversas comparações nomeando, assim, as primeiras categorias do trabalho relacionadas aos domínios pré-estabelecidos, como

apresentado no **QUADRO 2**, sendo neste processo utilizado um modo indutivo por levar em consideração as informações contidas nos dados como abordado por Moraes (2003). Em vista disso, os trechos selecionados foram adicionados as categorias que geraram, criando três quadros que retratam os três domínios mencionados e foram organizados no **APÊNDICE E, F e G**.

QUADRO 2: Categorias empíricas elaboradas por ATD a partir da transcrição do grupo focal com professores e entrevistas com as merendeiras.

DOMÍNIOS	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA
I – PRÉ ISOLAMENTO	1. As relações entre professor e aluno antes do isolamento	Experiências que evidenciam interações entre professor e aluno
	2. Emoções quanto a iminência do isolamento	Experiências relacionadas às medidas de isolamento
II - ISOLAMENTO	3. Vivências pessoais	Relato de experiências pessoais vividas no isolamento
	4. Vivências relacionadas ao estudante	Relato de experiências vivenciadas pelo contato com os estudantes
III - PÓS ISOLAMENTO	5. Relações com os estudantes	Vivências com os estudantes no retorno
	6. Experiências no retorno	Relato de vivências sobre si ou colegas no retorno
	7. Reflexões	Pensamentos que expressam experiências sobre o processo que passaram

As relações recursivas desenvolvidas entre esses dois primeiros processos, o de unitarização e categorização, geram um exercício na escrita, que segundo Moraes e Galiuzzi (2006) e Moraes (2003), deslocam-se do empírico para a abstração teórica e vice-versa, emergindo uma compreensão diferente do todo, construindo o último processo deste método de análise, o **meta-texto**. Desta forma, neste trabalho o meta-texto encontra-se escrito junto aos resultados e discussão trazendo fluidez aos temas abordados. Contudo, estes processos ainda geram um quarto elemento chamado de processo auto-organizado, pois, do ciclo de produção emergem novas compreensões que geram resultados criativos e originais, que não são previstos (Moraes, 2003).

No percurso da pré-análise notou-se um distanciamento entre a complexidade dos sujeitos e a organização nos domínios escolhidos, trabalhando com períodos estáticos e não considerando a fluidez das experiências vivenciadas. Para Moraes

(2003), estes momentos caracterizam-se como *tempestades de luz*, pois emergem de um meio caótico e desordenado, a partir de flashes que iluminam os fenômenos investigados. Deste modo, os domínios de **PRÉ-ISOLAMENTO**, **ISOLAMENTO** e **PÓS ISOLAMENTO**, foram substituídos por domínios denominados de **EXPLICAÇÃO**, **EMOÇÃO** e **REFLEXÃO**, além de reestruturar as categorias, constituindo novas organizações dos dados, como apresentado no **QUADRO 3** abaixo.

QUADRO 3: Organização dos dados em novos domínios e categorias.

DOMÍNIOS	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
EXPLICAÇÃO	1. Vivências com os alunos	Relatos que evidenciam interações com os alunos, em sala de aula e no ensino a distância
	2. Vivências pessoais	Relatos que evidenciam vivências pessoais
EMOÇÃO	3. Sensações/ações pessoais	Descrição de sensações/ações de suas vivências
	4. Sensações/ações dos alunos	Relatos de interpretação das sensações/ações de contato com as experiências dos alunos
REFLEXÃO	5. Reflexões sobre os outros	Descrição de pensamentos em movimento sobre os colegas ou alunos
	6. Reflexões sobre si	Descrição de pensamentos em movimento sobre si

Buscando, a partir destes trechos uma discussão que entrelace as experiências, as emoções e as reflexões, mesmo estas sendo mencionadas em momentos da discussão que se tratava de um período diferente da pandemia, pois, como seres multidimensionais (Maturana, 1995), podemos fazer diferentes relações, podendo assim possibilitar uma conversa entre essas experiências diferentes, independentemente se estão em um mesmo domínio ou não. Desta maneira, podemos proporcionar a reflexão a partir de relações de convivência como proposto por Dávila e Maturana (2009), para constituir um espaço educativo desde o processo de coleta até a análise da pesquisa, conversando entre os dados e a teoria.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por sermos seres sociais, segundo Maturana (2002), ao nos depararmos com momentos em que podemos expor nossas experiências e vivências, tanto individuais

quanto relacionais, somos capazes de nos sentirmos confortáveis em expressar nossas emoções. Sendo que estas permanecem guardadas no íntimo de nossos seres por termos sido ensinados por meio de nossa cultura, como discutido por Damásio (2021), a agir com racionalidade e suprimir as emoções. Deste modo, a nossa socialização nos foi privada em um momento de fragilidade e reflexão, sobre situações que ocorriam ao nosso redor e no mundo, quando a pandemia do COVID-19 nos isolou dentro de nossas casas, afetando as nossas emoções.

Ao revisitarmos nossas experiências somos capazes de reviver e refletir sobre os acontecimentos e as diferentes emoções suscitadas naquele meio. Contudo, nossas experiências não são externalizáveis, portanto, não são capazes de demonstrar o que experienciamos. As outras pessoas só são capazes de compreender nossas experiências quando buscamos revisitá-las em nosso íntimo e explicá-las em um caminho de idas e vindas sobre o que experienciamos. Na prática, Maturana (2002) diz que a explicação é a única capaz de expressar a experiência, pois, fazemos parte da linguagem e por meio dela somos capazes de elucidar explicações e reflexões. As experiências que ocorreram antes, ao longo ou depois da pandemia do COVID-19 emergiram dos professores e merendeiras por meio da conversação. Essas, e muitas outras experiências ficam marcadas em nossas lembranças e relembra-las nos permitem visitar emoções ou até mesmo sentir novas a partir do processo de explicação e reflexão. E são por meio delas, que de acordo com Maturana (1995), conseguimos perceber e identificar as mudanças no outro, distinguindo seus domínios de ação.

Ao retornarmos ao nosso passado para reviver momentos que se fazem distantes da nossa rotina podemos seguir diferentes caminhos e traçar idas e vindas, que nos fazem reviver sempre de maneira diferente esses momentos. Durante este processo estamos explorando outros modos de enxergar aquela situação, assim, fazemos emergir emoções, reflexões e explicações. Todo esse movimento é um processo de observação, que dialoga com Maturana (2001, 1995) e ocorre por operarmos como sistemas vivos na linguagem. No **QUADRO 4** apresentamos momentos que foram explorados ao longo das discussões proporcionadas neste trabalho e que desencadearam pensamentos em movimento, isto é, reflexões, explicações e emoções relacionadas aos alunos.

QUADRO 4: Explicações, emoções e reflexões das experiências dos professores e merendeiras relacionadas aos alunos.

DOMÍNIO	EXPLICAÇÃO	
CATEGORIA	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
1. Vivências com os alunos	Relatos sobre os alunos em sala de aula	<p>NatháliaA13: “(...) era uma coisa normal, um relacionamento sadio, respeito, de boa.”</p> <p>MirandaA35: “(...) muito difícil para dar aula também (...).”</p> <p>RosaA36: “(...) problemas na sala teve, tinha (...)ainda temos e teremos, por que todo mundo é diferente.”</p> <p>MirandaA51: “A relação era boa né, existia aquela troca de conhecimentos né, aluno-professor. Então, o aprender, o ensinar é difícil. Você tem que estar sempre se virando ali, você entra numa sala uma situação, você na outra é outra completamente diferente (...).”</p> <p>AlexA52: “(...) já tínhamos nossos problemas em sala de aula, os problemas deles né que traziam de lá pra cá, veio a pandemia só piorou. (...) aí na escola ele vem como um; aqui pelo menos eu tô livre (...).”</p> <p>MirandaI160: “(...) eles voltaram muito preguiçosos, não precisa pensar, quer tudo pronto, tem que ler e entender o que tá ali.”</p> <p>WilliamP204: “(...) está sendo difícil por questão das agressões.”</p> <p>WilliamP211: “(...) a questão do convívio entre eles mesmo, que tá sendo muito difícil.”</p> <p>MirandaP226: “Eles desaprenderam a conviver né, a conviver, desaprenderam(...).”</p>
	Relatos sobre as interações com os alunos	<p>AlexA52: “(...) ele não tinha mais a escola (...).”</p> <p>MirandaI96: “Você recebe, (...) você vê tá com aquela carinha, não tem o que comer, que mora aqui, não é fácil. Mas, foi difícil foi.”</p> <p>NatháliaI14: “(...) então mudou aquele contato físico que a gente tinha com eles, com os alunos, (...), tudo isso foi bem difícil.”</p> <p>AlexI114: “(...) mandava pros prôs, tem como disponibilizar alimentos pra tais pessoas, pra igreja, pra isso e aquilo (...).”</p> <p>Miranda I160: “(...) aí você veio hoje prô, que delícia, abraça. Sabe, isso é tão bom, ouvir deles (...). (...) que bom que você veio também.”</p> <p>WillamI161: “(...)como foi o seu dia? Eles ficam, ô professor, isso daqui ninguém nunca falou isso pra mim.”</p> <p>JulianaP28: “(...) o aluno não te vê tanto tempo ele vai querer correr te abraçar né (...).”</p> <p>NatháliaP35: “(...) muitos alunos que vem pra escola também quer desabafar né (...). (...) vem pra escola pra desabafar com o professor, com a tia da merenda, ou com a tia do pátio.”</p>

	Relatos sobre como ocorria o ensino a distância	<p>Rosal72: “(...) porque se não fosse o aplicativo a defasagem seria maior ainda né (...). (...) muitos não tinham internet adequada, muitos tinham dificuldades por conta disso (...).”</p> <p>Williaml87: “(...), mas assim, a respeito dos alunos em si era muito difícil (...). (...) professor não tem nem como, porque eu estou aqui dentro de casa, estou passando necessidade, dificuldade financeiramente, tá meu, minha cabeça não está pra aula.”</p> <p>Alexl114: “(...) nem todos tinham internet (...) batiam na nossa porta, tem como você me ajudar? (...) uns que tinham atividade zerada, quando dava meia noite, se acordava no outro dia tinha atividade.”</p> <p>Mirandal136: “(...) o complicado ali foi o aluno né, acompanhar, nós acompanhamos, mas e o aluno? É muito horrível.”</p> <p>Williaml142: “(...) aqui é outra realidade, e assim não tinha como (...). (...) não tinha nem como cobrar assim do aluno a questão do ensino.”</p> <p>Rosal147: “(...) ele tinha muita dificuldade de acessar, mesmo a gente explicando online tudo (...).”</p>
DOMÍNIO		EMOÇÃO
CATEGORIA	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
2. Sensações/ações dos alunos	Relatos de interpretação das sensações/ações de contato com as experiências dos alunos	<p>AlexA52: “(...) nós já tínhamos nossos problemas e eles voltaram com um a mais (...).”</p> <p>RosaA66: “(...) aquilo é maravilhoso, a sala cheia, cheia de aluno.”</p> <p>Rosal74: “(...) era uma, um cômodo pra oito, nove crianças foi um sofrimento pro aluno (...).”</p> <p>JulianaP30: “Feliz né, ver eles falando que tava com saudade da gente né (...). (...) aí fala nossa tia eu estava morrendo de vontade de comer a sua comida, nossa tia vocês faz falta (...).”</p> <p>RosaP184: “(...) tá nesse jeito assim de angústia, dá pra perceber uma angústia dentro do ser humano né, dentro da pessoa.”</p>
DOMÍNIO		REFLEXÃO
CATEGORIA	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
3. Reflexões sobre os outros	Descrição de pensamentos em movimento sobre situações ou colegas e alunos	<p>RosaA36: “(...) por que eles voltaram tão angustiados? Por que eles voltaram tão problemáticos? Porque ninguém aqui no Brasil está acostumado a viver em isolamento (...).”</p> <p>WilliamA39: “(...) o pré isolamento ele nos trouxe um momento, a fragilidade (...).”</p> <p>WilliamA54: “(...) o difícil era saber o que os alunos estavam vivenciando.”</p> <p>Julianal26: “(...) será que aconteceu com algum aluno que pegou covid, será que né morreu.”</p> <p>Rosal151: “(...) porque tudo que o aluno quer é ser escutado. De verdade, eu acho que até a gente né.”</p>

		<p>WiliamI85: “(...) era um conflito direto praticamente né, de você achar, até mesmo de você conversar com os alunos (...).”</p> <p>WiliamI89: “Pra nós é difícil, e o outro lado era mais difícil ainda (...).”</p> <p>MirandaI90: “(...) tem que ter né, um momento com esses alunos que estão isolados, vamos fazer uma festa junina online.”</p> <p>AlexI119: “Mas, infelizmente muitos alunos não teve isso né, perderam a mãe, o tio, o primo, o irmão.”</p> <p>AlexI135: “(...), mas não era aquela realidade, era outra, então a gente tinha que se adaptar aqui (...). (...) se eu seguir lá, num dá, num dá eles não vão aprender né, não totalmente.”</p> <p>WiliamI142: “(...) acho que isso que o professor tá falando não condiz com a nossa realidade com os alunos aqui periféricos né (...).”</p> <p>NatháliaP21: “(...) será que vamos ter a vida né que a gente tinha, aquela convivência com os alunos.”</p> <p>MirandaP212: “(...) antes pelo menos você conseguia ali ó respeito (...).”</p> <p>RosaP221: “Então, se mexeu com a gente, quem dirá na cabeça dessas crianças (chorando).”</p> <p>RosaP184: “Infelizmente, nem todos nessa situação tiveram acesso (...). (...) isso é fato, escola sem gente é escola sem vida, né? (...) como ele viveu muito tempo em isolamento social ele se fechou parece pro mundo.”</p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os trechos selecionados para compor o **QUADRO 4** apresentam alguns caminhos percorridos por Miranda, Rosa, Wiliam, Alex, Nathália e Juliana, buscando elucidar suas experiências com os alunos. Olhando para os primeiros trechos citados podemos observar relatos relacionados aos alunos em sala de aula, os educadores professores citam suas dificuldades com o ensino, como exemplificado por Miranda e Rosa nos trechos “(...) muito difícil para dar aula também (...) - A35.” e “problemas na sala teve, tinha (...) - A36”. Ambas, abordam as dificuldades do educador professor relacionadas ao tempo anterior à pandemia, que identificamos por meio das letras “A” nos excertos. No entanto, identificamos o uso da palavra “também” e “teve, tinha” em suas falas. A utilização no primeiro caso faz perceber que a Miranda traz uma conotação de comparação em sua fala, que pode remeter entre a dificuldade de dar aula antes e a que encontra agora após a pandemia. Já na segunda situação, quando Rosa emprega o verbo no passado, “tinha”, nos direciona a entender que antes tinham dificuldades, contudo, em sua fala pode estar fazendo, assim como Miranda, uma

comparação com o tempo atual, nos dizendo que as dificuldades encontradas antes não se equiparam com as de agora.

No entanto, na continuação do trecho Rosa complementa a questão da dificuldade, “(...) *ainda temos e teremos, por que todo mundo é diferente - A36*”. Essa compreensão é importante por trazer a reflexão de que a dificuldade está na diferença entre os alunos. Deste modo, a dificuldade está na complexidade das relações e em reconhecer o outro, independente das nossas expectativas, que segundo Maturana (2002), é a verdadeira relação social fundada no amor. Essas explicações nos permitem perceber que recorremos a caminhos que façam o outro compreender nossas experiências e reflexões. Como observamos nos trechos destacados, as educadoras podem estar buscando, por meio dessas palavras, exemplificar na linguagem as experiências que tiveram com os alunos que se assemelham as dificuldades das relações encontradas após a pandemia. Comparação igualmente evidente na fala do professor Alex, “(...) *já tínhamos nossos problemas em sala de aula, os problemas deles né que traziam de lá pra cá, veio a pandemia, só piorou - A52*”. Nesta fala Alex aborda a dificuldade em sala de aula como um problema relacionado as experiências familiares dos alunos, que não conseguiam ser separadas no convívio escolar. Contudo, ao complementar sua fala faz uma comparação com a situação atual “*veio a pandemia, só piorou*”. Deste modo, ele destaca que após a pandemia os problemas, que podem ser familiares ou não, dentro de sala de aula encontram-se ainda mais acentuados.

Seguindo essa linha de raciocínio o educador aprofunda suas reflexões, sobre as dificuldades em sala de aula, ao relatar “(...) *nós já tínhamos nossos problemas e eles voltaram com um a mais (...) - A52*”. A reflexão dele nos remete a complexidade humana e de que estamos imersos em emoções que nos movem e direcionam nossas ações. Maturana (1995), afirma que como humanos somos multidimensionais, deste modo, não há como esperar que nossos alunos sejam os mesmos ou não tragam para sala de aula suas experiências familiares e da sua realidade social e cultural, assim, como nós também não somos capazes de fazê-lo. Deste modo, devemos reconhecer a pessoa como inteira, corpo e mente, como discutido por Jarvis (2013). Conseqüentemente a riqueza nessas falas está além de percebermos o entrelaçamento nas relações entre momentos do passado e atuais dos sujeitos, mas, mostram-se indispensáveis para compreendermos o humano, suas relações e como

a linguagem surge do compartilhar, assim como discutido por Maturana (2002), destacando como somos complexos a ponto de não conseguirmos separar momentos de nossas experiências.

Além de trechos relacionados as dificuldades das interações com os alunos, Nathália e Miranda trouxeram uma perspectiva diferente. Em sua fala Nathália aborda a relação com os alunos como algo normal antes da pandemia, associando ao uso das palavras “sadio”, “respeito” e “de boa”. O trecho destacado traz o seguinte contexto “(...) *era uma coisa normal, um relacionamento sadio, respeito, de boa - A13*”, por meio dele percebemos que a merendeira busca nessas palavras uma forma de exemplificar de que forma era essa relação. No entanto, por mais que empregue essas palavras, a relação com os alunos mostra-se em sua fala de forma idealizada desconsiderando a complexidade das relações humanas, pois, o que consideramos como uma relação “normal”, o fato de não haver conflitos? A ausência de conflitos ou a presença deles não podem nos direcionar a pensar em relações ditas como “normais” ou não. Pois, como discutido no parágrafo anterior somos seres multidimensionais, logo, as relações humanas ocorrem de forma complexa e desencadeiam diversas emoções, que foge da normalidade declarada na fala de Nathália.

A educadora Miranda, contudo, aborda uma relação interessante sobre os momentos anteriores a pandemia, iniciando a fala assim: “*A relação era boa né, existia aquela troca de conhecimentos né, aluno-professor - A51*”, apresentando uma conexão entre a troca de conhecimentos e a interação educador professor e aluno, que segundo ela, configura-se como boa. No entanto, a interação entre educador e aluno comentada por Miranda refere-se, neste trecho, apenas ao conhecimento, distanciando-se das relações sociais como aquelas em que reconhecemos o outro como legítimo outro na convivência por meio de uma emoção particular, o amor, como abordado por Maturana (2002). Ao considerarmos essa interação apenas por meio do conhecimento, desconsideramos sua complexidade e isto a descaracteriza como uma relação social, neste caso pode ser empregado em seu íntimo o desejo de que o aluno contemple suas expectativas, sendo desta forma uma relação não social.

Não podemos afirmar que Miranda considere exclusivamente o conhecimento como essencial para uma relação entre educador e aluno. Visto que, em sua fala

menciona “*troca de conhecimentos*”, sugerindo que há um movimento do educador professor para o aluno e do aluno para o educador professor, assim, podendo reconhecer, como Freire (2011), nossa incompletude como educadores e seres humanos. Podemos por meio desse trecho salientar que Miranda reconhece que na convivência, como educadora, ensina e aprende com seus educandos. Conseqüentemente, somos marcados pela nossa incompletude, sendo assim, devemos reconhecer que nossas experiências nos levam a uma aprendizagem contínua com nossos alunos e que estamos em ininterrupta mudança, como discutido por Madalena Freire (2023) e Jarvis (2013).

Não obstante, ao dar continuidade a fala, Miranda diz: “*Então, o aprender, o ensinar é difícil. - A51*”, reconhecendo mais uma vez as dificuldades enfrentadas em uma sala de aula, no entanto, sua fala pode estar relacionada não somente as dificuldades relacionadas ao aprendizado dos alunos ou a interação com eles, pode estar reconhecendo a dificuldade no papel de ensinar em sala de aula, que é responsabilidade do educador. Deste modo, em sua fala Miranda deixa evidente uma conexão entre a aprendizagem do aluno e do educador professor, indo ao encontro da concepção de aprendizagem de Maturana (2001), que ocorre por meio da convivência. Esta convivência e relação entre educador professor e aluno são indispensáveis para aprendizagem, pois estão relacionadas as pessoas que participam deste processo. Ao terminar o seu raciocínio ela complementa com a seguinte frase “*Você tem que estar sempre se virando ali, você entra numa sala uma situação, você na outra é outra completamente diferente (...) - A51*”. Considerando que somos seres multidimensionais, segundo Maturana (1995), a consciência de que cada sala (cada grupo humano) apresenta uma situação, deste modo, sendo configurações únicas, pode nos levar a reconhecer a particularidade do outro na convivência permitindo emergir da relação a emoção que move o humano, o amor. Por meio, destas pequenas percepções percebemos que a emoção que nos funda, muitas vezes está nas entrelinhas de nossas reflexões.

Por meio destes trechos não podemos retratar com clareza as relações que se davam neste espaço antes da ocorrência da pandemia. Contudo, notamos que as referências utilizadas pelos professores sobre esse período expõem mais as dificuldades, isto é, o lado negativo do que os positivos quando mencionam suas relações com os alunos. O que essas experiências relacionadas as dificuldades

podem nos dizer? Segundo Maturana (2002), nossas emoções estão entrelaçadas ao nosso linguajar e podem nos tocar de diferentes maneiras por meio do conversar. Deste modo, os professores descreveram as suas experiências anteriores à pandemia entrelaçadas a emoção atual que estão experienciando em suas salas de aula. Externalizaram com facilidade emoções negativas dos momentos anteriores estabelecendo comparação com as emoções do momento atual que vivem. Este entrelaçamento torna-se evidente quando olhamos para os excertos de Miranda quando diz “(...) eles voltaram muito preguiçosos, não precisa pensar, quer tudo pronto (...) - I160”, “Eles desaprenderam a conviver né, a conviver, desaprenderam - P226”, e de William “(...) está sendo difícil por questão das agressões - P204”, “(...) a questão do convívio entre eles mesmo, que tá sendo muito difícil - P211”.

A partir desses trechos podemos identificar com clareza, nas falas dos educadores, algumas das dificuldades que têm sido encontradas em sala de aula. No período após a pandemia, foram destacadas dificuldades como o desinteresse, evidenciadas pelo uso da palavra “*preguiçosos*”, “*agressões*” e as relações entre os próprios alunos no “*convívio*”. Essas percepções ilustram que estamos tendo dificuldades em conviver com o outro, logo, estamos encontrando dificuldades no educar, pois, segundo Maturana (2002), educar se faz no conviver e é um ato contínuo. Na própria fala de Miranda essa compreensão fica clara no uso da palavra “*conviver*”, no entanto, ela direciona a dificuldade apenas para os alunos ao dizer “*eles desaprenderam*”. Voltando o nosso olhar para a educação, na pandemia, todos passaram pelo isolamento social e experienciaram este momento de modos diferentes. Consequentemente, todos nós podemos ter desaprendido a conviver. Assim, as dificuldades que percebemos em nossos alunos com facilidade, como as agressões e a dificuldade no convívio ou o desinteresse, evidenciam a nossa fragilidade e dificuldade em encontrar alternativas para solucioná-las, pois, também desaprendemos a lidar com essas situações.

Durante essas idas e vindas de experiências que correlacionam o antes e o depois da pandemia, percebemos momentos de reflexão sobre essas comparações trazendo à tona, que esses educadores têm se questionado sobre essas mudanças. Quando Miranda relata “(...) antes pelo menos você conseguia ali ó, respeito (...) - P212”, percebemos um estranhamento entre as atitudes dos alunos quanto ao professor hoje, relacionado ao que era estabelecido antes. Ao falarmos em respeito

esperamos que o outro reconheça o nosso espaço, nossos limites, nos reconheça por inteiro, para que continuemos nos sentindo bem naquele meio. Logo, o respeito é um dos traços presentes nas relações sociais, pois, para respeitarmos o outro precisamos reconhecê-lo e aceitá-lo. O reconhecimento de que falta respeito revela que como educadores estamos sendo negados, e para Maturana (2002), ao negarmos o outro o destruimos e criamos uma barreira na legitimidade da convivência, que reflete no descontentamento expressado por Miranda. Segundo Madalena Freire (2023), lidar com frustrações, desprazeres e o sofrimento, como nesta experiência de negação dos alunos para com os educadores, expondo a realidade, abre a possibilidade ao aprendizado, conosco e com o outro e nos impulsiona a crescer.

Seguindo esses questionamentos sobre as dificuldades encontradas pelos alunos na convivência com os educadores professores, Rosa em uma de suas reflexões se questiona “(...) *por que eles voltaram tão angustiados? Por que eles voltaram tão problemáticos?* - A36”. Essas perguntas vão ao encontro de toda nossa discussão, uma vez que, nos direciona a pensar as mudanças que ocorreram e que evidenciaram as dificuldades na convivência atual. Ao certo, nunca teremos a certeza de quais mudanças trouxeram as dificuldades que enfrentamos hoje, mas, podemos buscar encontrar algumas dessas problemáticas. Como humanos nos desenvolvemos na convivência, como discutido por Maturana e Dávila (2006), convivência que foi prejudicada no período de isolamento e nos distanciou de relações fora do nosso convívio familiar.

A educadora Rosa, busca responder sua própria pergunta relacionando os problemas dos nossos alunos as características do povo Brasileiro, quando responde a si mesma assim, “*Porque ninguém aqui no Brasil está acostumado a viver em isolamento (...) – A36*”. A resposta que ela se deu nos faz entender que o brasileiro é um povo que não sabe viver em isolamento, que no mundo as outras nações já vivem essa realidade. No entanto, este pensamento é um equívoco, mediante ao fato de que como humanos somos seres sociais, mas não o somos o tempo todo, segundo Maturana (2002). Logo, o isolamento afeta ao humano e não a uma parte da sociedade. Assim, é evidente que a maior dificuldade encontrada atualmente é a convivência: Como respeitar, reconhecer e aceitar o outro se desaprendemos a conviver? Como cobrar dos alunos atitudes que como adultos temos falhado?

Compreendemos, assim, a importância da convivência no desenvolvimento humano, pois, sem ela não somos capazes de aprender e nosso lado intrinsecamente social se perde dentro de nós mesmos e encontramos dificuldades de nos relacionar com o outro. Considerando, como Maturana (2002), que a emoção move o humano, que emoções suscitadas nestes alunos e educadores os fizeram e fazem agir desta maneira em sala de aula, marcando suas experiências. Uma das percepções de Rosa expressa justamente as emoções que podem ter sido suscitadas pelo isolamento, mediante a seguinte frase “(...) tá nesse jeito assim de angústia, dá pra perceber uma angústia dentro do ser humano né, dentro da pessoa - P184”. Além da emoção, percebemos em sua fala um movimento que parte dela para o outro ao considerar a “angústia” como pertencente as pessoas que passaram por este momento, configurando também um movimento de reflexão. Diferente da primeira discussão em que ela menciona a palavra “angústia” se referindo apenas aos alunos, “(...) por que eles voltaram tão angustiados? (...) – A36”, que discutimos antes. Neste movimento de retomar um pensamento que já havia utilizado, a professora reestrutura o seu raciocínio e conduz a percepção de angústia, que antes era apenas dos alunos, para as pessoas, reconhecendo-se nessa emoção.

A relação entre o linguajar e o emocionar dessa educadora despertou sua reflexão que, segundo Maturana (1995), faz emergir emoções, percorrendo um pensamento que surgiu no outro e passou a ser parte dela. Estas emoções suscitadas por ações contraditórias de aceitação e rejeição, para o autor, remetem ao sofrimento. Sofrimento que é evidenciado ao tratarmos de angústia, insegurança, medo. É que a própria Rosa destaca sobre os alunos, “(...) como ele viveu muito tempo em isolamento social ele se fechou parece pro mundo. - P184. Nesta fala provavelmente a professora busca compreender o motivo da mudança dos alunos, das angústias e coloca no isolamento social um movimento de reclusão do ser sociável do aluno, daquele aluno que estava aberto a falar de si e a experienciar o mundo sem medo. São esses momentos de percepção das mudanças que ocorreram que nos fazem capazes de ensinar, pois, como dito por Madalena Freire (2023), a aprendizagem é movida por mudanças e são por meio delas que podemos ensinar e aprender, construindo-as.

As mudanças dos alunos percebidas pelos educadores e destacadas nos trechos anteriormente discutidos apontam para algumas das possíveis causas dessas

transformações. As dificuldades, então, relatadas por eles quanto a convivência dos alunos e a fragilidade na busca de solucionar estes problemas, nos levaram a destacar como causa a sensação de angústia, medo e insatisfação, suscitados pelas experiências pandêmicas e que ainda hoje estão marcadas nas pessoas. Essas emoções e muitas outras não foram externalizadas e trabalhadas durante o isolamento. Resgatando algumas situações abordadas pelos professores sobre o ensino a distância conseguimos retratar essas e outras dificuldades. Olhando, por exemplo, para a fala do professor William que diz: “(...), *mas assim, a respeito dos alunos em si era muito difícil (...). (...) professor não tem nem como, porque eu estou aqui dentro de casa, estou passando necessidade, dificuldade financeiramente, tá meu, minha cabeça não está pra aula - 187*”. Este trecho retrata uma de muitas realidades que podem ter feito parte do dia a dia de muitos alunos em diferentes escolas brasileiras durante a pandemia.

Olhando essa realidade percebemos que muitas emoções foram desencadeadas em nossos alunos ao longo do tempo em que estivemos em isolamento social, assim como em nós. Por meio dessa explicação podemos destacar algumas delas que identificamos como fazendo parte das experiências das pessoas tais como, o medo, angústia, insatisfação, a solidão e a impotência. Nesta fala destacamos dois pontos essenciais. O primeiro ponto é o reconhecimento por parte do educador da dificuldade do momento para os alunos. Neste reconhecimento do espaço do outro, buscando explicar a experiência que o outro viveu a partir do que foi relatado para si vemos um movimento de reflexão que poderia passar despercebido. Considero como um momento de reflexão, pois para Maturana (1995), a reflexão está além de um movimento de ir e vir, pode estar relacionado com o ato de descrever experiências nos levando a valorizar espaços que nos encontramos, envolvendo nosso operar no amor por meio da simpatia e do afeto. Processo que podemos observar no relato descrito pelo educador, ao colocar-se no lugar do aluno para externalizar uma experiência que não era sua, mas passou a ser quando fez sentido para si.

O segundo ponto é o caminho de explicação seguido pelo professor William, em que ele escolhe algumas palavras específicas para externalizar o motivo de o momento ser difícil para os alunos trazendo a referência “*minha cabeça não está para aula*”. A frase pode fazer alusão ao fato de o aluno não ser capaz de desfazer-se de

suas emoções naquele momento para concentrar-se nos estudos. Este trecho evidencia que relacionamos o curso de nossas ações, conhecimento e aprendizado a razão, assim, como discutido por Damásio (2021). O educador Wiliam, então, deixa implícito que o aluno naquele momento não conseguiria estudar, ou até mesmo aprender, pois, sua razão não estava ali. No entanto, não sendo a razão o que nos move, naquele momento o aluno estava envolto por emoções que o moviam em outra direção. Deste modo, esse aluno poderia estar mergulhado em emoções como a frustração, insatisfação, mergulhado no sofrimento, que segundo Maturana (1995), relacionam-se ao fato de vermos o descumprimento de algo, ou valores culturais. Neste caso seriam a falta do dinheiro e do alimento que podem ser reconhecidas nas palavras *“financeiramente”* e *“necessidade”*.

Outros trechos retratam essa mesma realidade e são abordados por Miranda ao dizer *“Você recebe, (...) você vê tá com aquela carinha, não tem o que comer, que mora aqui, não é fácil. Mas, foi difícil foi - I96”* ou de Alex, *“mandava pros prôs, tem como disponibilizar alimentos pra tais pessoas, pra igreja, pra isso e aquilo - I114”*. Destacamos da fala de Miranda e Alex partes importantes sobre as experiências de alguns alunos nesse contexto pandêmico, *“não tem o que comer”*, *“tem como disponibilizar alimentos”*, mostrando a fragilidade e a dificuldade destes momentos para eles e suas famílias. O aprendizado de conteúdos neste momento torna-se secundário, pois, em primeiro lugar deve vir a pessoa como um todo, em sua inteireza, como diz Madalena Freire (2023). Neste ponto vem a importância da reflexão do mundo em que vivemos como educadores, como destacado por Maturana (2002). Ao desconsiderar essa realidade e muitas outras nesse período delicado da pandemia, cobrando a realização de tarefas, nós como professores podemos ter negado aos alunos o reconhecimento de seu ser como todo, ser esse que não tinha a capacidade de resolver as complicações da vida adulta, mas a experienciaram profundamente na convivência.

Neste tempo podemos ter deixado escapar momentos ainda mais delicados como os destacados por Alex, *“Mas, infelizmente muitos alunos não teve isso né, perderam a mãe, o tio, o primo, o irmão - I119”* e Rosa *“(...) era uma, um cômodo pra oito, nove crianças foi um sofrimento pro aluno (...) – I74”*. Como adultos sofremos durante o isolamento social, pois perdermos pessoas, deixamos de fazer coisas comuns do nosso dia a dia, de ver pessoas que não moram conosco, mas, participam

do nosso convívio e nossos alunos perderam o mesmo. Difícil não se colocar no lugar de milhares de alunos que passaram por inúmeras experiências, que não podiam resolvê-las e apenas as experienciaram, não tendo com quem compartilhá-las. Uma das falas de Alex retrata justamente essa preocupação com a socialização do aluno, “(...) *ele não tinha mais a escola (...)- A52*”, não poderia mais sair dos problemas que encontrava em casa.

Este contexto é reforçado na fala de Nathália “(...) *muitos alunos que vem pra escola também quer desabafar né (...). (...) vem pra escola pra desabafar com o professor, com a tia da merenda, ou com a tia do pátio - P35*”. Neste momento fica evidente que na convivência com o aluno, no processo de aprendizagem não são apenas os professores que participam da construção desse indivíduo, mas, todos aqueles que fazem parte desse processo de convivência como as merendeiras, os agentes de organização escolar, coordenadores, vice-diretores e diretores. Segundo Maturana e Dávila (2006), todos os adultos que participam do meio de convivência da criança são responsáveis por seu aprendizado, pela disposição de um ambiente propício ao desenvolvimento desse ser humano. Por meio de suas explicações, esses professores e merendeiras, ao relatar as histórias de seus alunos se colocaram no lugar de cada um deles. De acordo com Maturana (2002), neste processo elucidamos nossas reflexões e estas podem estar voltadas ao nosso fundamento humano, o amor, ao despertar o afeto e a empatia. Como podemos perceber nas falas desses educadores ao reconhecer o sofrimento dos alunos.

Para Rosa, em uma de suas falas as mudanças que ocorreram nos educadores, ou adultos, equiparam-se com as que ocorreram com os alunos ao expressar “*Então, se mexeu com a gente, quem dirá na cabeça dessas crianças (chorando) - P221*”. Esta fala expressa uma preocupação que pode ser complementada com a colocação da educadora merendeira Juliana, “*será que aconteceu com algum aluno que pegou covid, será que né morreu - 126*”. Essas preocupações com os alunos deixam claro que como adultos nos preocupamos e responsabilizamos por seus ambientes de convivência. Não obstante, as experiências externalizadas por meio de explicações como essas nos fazem refletir sobre nossas responsabilidades quanto educadores em um momento sensível como este na vida de milhares de alunos. Como abordado por Dávila e Maturana (2009), é evidente que os educadores conhecem suas responsabilidades sobre a aprendizagem de seus

alunos, mas, neste momento como podemos firmar espaços de aprendizagem e suscitar o desejo pelo conhecimento enquanto os alunos estavam imersos em diversas emoções, que os levavam em diferentes domínios e provavelmente não temos a capacidade de mensurar.

É nítido que esses educadores conheciam a realidade dos seus alunos e deixam claro em suas falas várias vezes a dificuldade de ensinar no período de isolamento social. Por exemplo, o professor William buscando contextualizar a situação da comunidade ao dizer “(...) *aqui é outra realidade, e assim não tinha como (...). (...) não tinha nem como cobrar assim do aluno a questão do ensino - I142:*”, e é complementado pela fala da professora Miranda, “(...) *o complicado ali foi o aluno né, acompanhar, nós acompanhamos, mas e o aluno? É muito horrível - I136*”. Embasado nesse contexto nos deparamos com uma realidade conflitante entre a continuação da aprendizagem em um período de isolamento e as dificuldades geradas pela pandemia nos lares dos alunos. Reflexões como essas nos fazem questionar o papel da educação em situações adversas como na pandemia, em tragédias naturais ou sociais, a emoção deve continuar sendo negligenciada nestes momentos em benefício do conhecimento escolar? Sendo a emoção parte do processo de ensino e aprendizagem e o que move o humano.

Esses educadores trazem pontuações pertinentes nesse sentido, como quando retomamos no trecho de Alex “*não tinha nem como cobrar*”, deixando claro que a aprendizagem escolar naquele momento não era o principal. A aprendizagem ocorre pela convivência, logo, a convivência neste período foi privada e em alguns casos pode não ter existido, portanto, como a aprendizagem pode ter ocorrido se houve poucos espaços de convivência. A aprendizagem de conteúdos foi afetada neste momento, e iremos discuti-la mais adiante, no entanto, a aprendizagem sobre o humano foi aflorada neste período. Para Madalena Freire (2023), o educador não é responsável apenas pelo conhecimento, no ato de educar, mas pela pessoa humana, que se estabelece por meio de uma complexidade de aprender, transformar, conhecer e crescer. Assim, mesmo sem a intencionalidade de educar, a aprendizagem humana acontece.

Conseqüentemente, percebemos que o educador, neste momento adverso em seu trabalho de educação escolar, foi capaz de, em diversos momentos, colocar-

se no lugar do aluno e reconhecer as dificuldades que enfrentavam podendo evidenciar a postura necessária ao educador, como a descrita por Maturana (2002). Para o autor um educador precisa apresentar uma postura reflexiva do mundo, respeitando e aceitando a si e ao outro. Em alguns questionamentos como o de Miranda, em parte do trecho citado anteriormente, *“nós acompanhamos, mas e o aluno?”*, caracteriza uma preocupação por parte do educador com seu aluno, que é indispensável na convivência, principalmente em relações sociais, mostrando a realidade dos alunos com quem tinham contato. Ou em outras falas como *“(...) o difícil era saber o que os alunos estavam vivenciando. - A54”* do Wiliam. Reflexões como essas, suscitadas por meio da interação com os alunos, fazem emergir de forma natural, isto é, biológica, a emoção que nos funda, o amor. Sendo esta espontânea e acontecendo por acontecer e permanecendo enquanto permanece, segundo Maturana (2014), surgindo naturalmente na fala dos educadores professores.

Podemos, então, afirmar que neste período houve aprendizagem? Olhando para esses trechos percebemos que alguns alunos não foram alcançados durante este período de isolamento, considerando a unidade escolar desses educadores em questão, mostrando os obstáculos enfrentados nesse período. No entanto, não podemos afirmar que não houve aprendizado, pois os alunos que foram alcançados podem ter aprendido de alguma forma. Os obstáculos foram expostos por Rosa no trecho *“Infelizmente, nem todos nessa situação tiveram acesso (...) - P184”*. Portanto, não podemos afirmar que a aprendizagem de conteúdos escolares ocorreu, mas também não podemos afirmar que ocorreu com todos os alunos. Ao considerarmos que a aprendizagem é transformar-se em decorrência de interações decorrentes, como para Maturana (2001), neste período poucas interações entre alunos e educadores ocorreram por meio de um encontro síncrono ou assíncrono. Sendo que a maior parte das famílias não possuíam acesso aos meios disponibilizados pela escola, como abordado por CETIC (2019) e IBGE (2018).

A fala de um dos educadores deixa essa defasagem clara e escancara a realidade de uma escola em que os alunos não tinham acesso a tecnologia, *“(...) nem todos tinham internet (...) batiam na nossa porta, tem como você me ajudar? - I114:”*, destacado por Alex. Em sua fala ainda deixa explícito que aqueles que possuíam acesso realizavam em horários diferentes dos disponibilizados pela escola como na continuação do trecho *“(...) uns que tinham atividade zerada, quando dava meia noite,*

se acordava no outro dia tinha atividade - I114". Outra professora ainda retrata sobre o acesso aos aplicativos, *"(...) ele tinha muita dificuldade de acessar, mesmo a gente explicando online tudo (...) - I147"*, trecho explicado por Rosa. A partir dessas falas destacamos os problemas, mas não conseguimos enxergar se surgiram soluções, se esses alunos que não acessaram de alguma maneira foram contatados. Resgatando algumas falas e até mesmo a do educador Alex, notamos que aqueles que moravam próximo aos educadores professores conseguiram algum contato e de alguma maneira, mesmo que reduzida, tiveram alguma proximidade com a escola, ou com os educadores mesmo que não acessando as plataformas disponibilizadas.

No entanto, fica a pergunta, e os alunos que não acessaram e não possuíam educadores ou colegas próximos para manter algum contato, para manter-se vinculado de alguma maneira a escola, como ficaram? Não ficaram, pois sobre esses alunos não temos dados concretos, mas sabemos, de acordo com Stevanim (2020), que a exclusão digital foi avassaladora. O despreparo da educação ficou evidente, principalmente em relação a momentos como o da pandemia do Covid-19, que pode ter deixado marcas que ainda não sabemos a dimensão e a profundidade. Como adultos somos responsáveis por articular os espaços de aprendizagem dos estudantes, como destacam Maturana e Dávila (2006), principalmente quanto professores, mas, neste período não fomos capazes de proporcionar com clareza espaços com esse intuito. Contudo, neste período em que a sociedade se encontrava em incertezas e marcada por emoções como a angústia, medo, desespero, e sofrimento o ensino de conteúdos era essencial?

Um dos excertos nos faz pensar sobre essas questões e é destacado por Rosa, *"(...) porque se não fosse o aplicativo a defasagem seria maior ainda né (...) - I72:"*. Logo, percebemos que na frase de explicação da professora é perceptível que hoje, no retorno para a escola, há uma defasagem, mas que ela atribui ser menor por conta do uso do aplicativo disponibilizado pelo estado, o CMSP. Voltando a discussão anterior em que reconhecemos a aprendizagem como um processo que ocorre por meio das interações recorrentes, o aplicativo realmente foi o responsável pela provável diminuição na defasagem? Discordo completamente, o uso do aplicativo possibilitou a proximidade de alguns alunos com o conteúdo, mas, considerando que a aprendizagem ocorre por meio da convivência, não foi o responsável pela diminuição da defasagem. De acordo com Dávila e Maturana (2009), as tecnologias

são secundárias à aprendizagem, logo, devemos considerar as emoções. O uso das tecnologias evidenciou, apenas, a importância na entrega dos conteúdos expondo como se este fosse garantia de um processo de ensino e aprendizagem, (Stevanim, 2020).

A fala de alguns professores discordam dessa colocação feita pela educadora Rosa, como a fala do Alex *“(…), mas, não era aquela realidade, era outra, então a gente tinha que se adaptar aqui (...). (...) se eu seguir lá, num dá, num dá eles não vão aprender né, não totalmente. – I135”* ou a do Wiliam *“(…) acho que isso que o professor tá falando não condiz com a nossa realidade com os alunos aqui periféricos né (...) - I142”*. Ambas as falas evidenciam a discrepância entre o que era abordado pelos professores no aplicativo e a realidade dos alunos que esses educadores trabalhavam na convivência. As discrepâncias podem estar relacionadas a diversos fatores, neste caso, eles podem estar se referindo as defasagens de aprendizagem que os alunos já possuíam quanto aos conteúdos, que dificultavam o acompanhamento das aulas disponibilizadas no aplicativo. Estas colocações se aproximam do pensamento de Madalena Freire (2023), de que estabelecemos vínculos e por meio deles aprendemos. Assim, na fala desses educadores identificamos que vínculos foram estabelecidos com os seus alunos, os fazendo reconhecer que aquilo que estava sendo discutido no aplicativo não seria compreendido por seus alunos.

Partindo deste pensamento, o que poderia ter influenciado de alguma maneira na aprendizagem dos alunos, trazendo essa sensação de diminuição da defasagem podem ter sido as poucas relações estabelecidas entre educadores e alunos neste período, mesmo que de modo virtual, ou entre os familiares, lembrando que nem todos os alunos tiveram acesso a essas interações. E o principal, algumas dessas relações não foram virtuais, como explicadas pelos próprios educadores. As emoções que fizeram parte da experiência dos alunos, que conseguimos elucidar mediante a algumas explicações externalizadas por esses educadores, nos permitem inferir que elas foram capazes de promover mudanças no modo como esses alunos enxergam o conhecimento, a escola, o aprendizado e até mesmo os educadores professores. Para Maturana e Verden-Zöllner (2021), a mudança no emocional é capaz de mudar uma cultura, logo, as emoções que nos marcaram durante este tempo de pandemia e podem ainda estar guardados em nosso íntimo podem ter interferido no modo como

hoje nos relacionamos em sala de aula, como ensinamos, e principalmente na cultura da comunidade educativa.

Essas emoções que relatam o sofrimento foram tão fortes e intensamente experienciadas que poucos trechos relatados expressam emoções relacionadas aos alunos que não sejam insatisfação, angústia, medo. Em três falas em especial identificamos emoções opostas as que já discutimos. No trecho “(...) *aí você veio hoje prô, que delícia, abraça. Sabe, isso é tão bom, ouvir deles (...). (...) que bom que você veio também – I160*” da educadora Miranda, destacamos o uso das palavras “*delícia*” e “*bom*” expressando uma interação de afeto com os alunos, e uma ação concreta que é o ato de abraçar. Neste ir e vir de pensamentos de Miranda, percebemos que ela destaca a importância para si de viver esse momento, de ouvir essas palavras, trazendo significado a sua experiência e usando-as para externalizar. Essa fala corrobora com a compreensão de que somos seres sociáveis, de que no nosso íntimo de forma intrínseca ainda suscitamos o ato de compartilhar e da carícia presentes em uma cultura matrística, assim como discutido por Maturana e Verden-Zöller (2021).

Este pensamento vai ao encontro da fala de Juliana ao expor “(...) *o aluno não te vê tanto tempo ele vai querer correr te abraçar né (...). - P28*”. Por mais que o sofrimento tenha sido uma das emoções mais externalizadas ao falar de suas experiências, essas falas empregam em suas entonações uma leveza e carregam uma grande importância. Ambas as falas destacam como as emoções nos motivam, nos preenchem e são externalizadas carregando quem somos. Corroborando com a fala de Rosa “(...) *aquilo é maravilhoso, a sala cheia, cheia de aluno - A66*.” Esta carícia não faz parte apenas do toque físico, mas do tocar que presenciamos na presença do outro em nosso dia a dia, nas expressões, nas palavras, na complexa relação que estabelecemos com o outro. Segundo Maturana (2002), esses toques provocam mudanças estruturais que tem a ver com quem as experienciamos, mas também causam mudanças em quem as provocam, proporcionando uma perturbação mútua. Nesta fala de Rosa vemos por meio do uso da palavra “*maravilhoso*” um estado de contentamento, uma emoção que a toca na felicidade de estar com seus alunos, de vê-los em sua sala de aula e isso a move, modificando sua expressão e a linguagem que utiliza para explicar sua experiência.

Estes momentos de perceber a importância que o outro tem para nós e o quanto somos importantes para o outro nos permitem experienciar o pertencimento, o reconhecimento e aceitação de nós mesmos, nos aproximando do amor, e de relações sociais que são as que nos fundam como humanos. Deste modo, falas como a do educador Wiliam expressam a importância desse reconhecimento para com os alunos ao dizer, “(...)como foi o seu dia? Eles ficam, ô professor, isso daqui ninguém nunca falou isso pra mim. - 1161”. Ou por meio de falas como a da professora Rosa “(...) porque tudo que o aluno quer é ser escutado. De verdade, eu acho que até a gente né - 1151”. É a partir de falas como essas que percebemos que muitas vezes em sala de aula falta a percepção mútua de quem faz parte desta relação, educador e aluno. Isto é, o reconhecimento do ser inteiro aluno por parte do educador e do ser inteiro educador por parte do aluno, como abordado por Maturana (2002), ao descrever as relações sociais como aquelas que aceitam o outro como legítimo outro na convivência. Em todas essas falas e experiências é evidente a importância de ser percebido, aceito pelo outro, como humano, sendo assim indispensável em sala de aula.

A percepção e aceitação do outro nos permitem ser reconhecidos e viver relações sociais, isto é, no amor. No entanto, segundo Maturana (2002), por mais que sejamos seres sociais não o somos constantemente. Segundo o autor, assim como ser social faz parte do humano ter momentos de individualidade também, pois, esses momentos se alternam e nos encontramos inteiramente presentes no entrelaçar desses domínios. Deste modo, em muitos momentos esses educadores professores e merendeiras se depararam com reflexões e experiências sobre si mesmos, sobre ações pessoais que não dizem respeito a escola, mas podem estar entrelaçados a ela e como seres inteiros não há possibilidade de distinção ou separação. Estes movimentos produziram trechos que foram destacados no **QUADRO 5**, abordando justamente momentos de reconhecimento sobre si dos sujeitos que transitam da explicação, da emoção e da reflexão.

QUADRO 5: Excertos que evidenciam explicações, emoções e reflexões sobre si dos sujeitos.

DOMÍNIO	EXPLICAÇÃO	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE

1. Vivências pessoais	Relatos que evidenciam vivências pessoais	<p>WilliamA39: “Então, pra nós foi uma, aliás pra mim foi uma questão de muita dificuldade, de ver a minha mãe, minha vó, né, fechados, (...) não poder nem chegar próximo deles.”</p> <p>Rosal70: “Você voltou pra dar aula, você trabalhou muito mais em casa do que no presencial.”</p> <p>Rosal76: “Ainda que tinha sobrecarga de trabalho, porque ali a gente é mãe, a gente tem que lavar roupa, tem que limpar a casa.”</p> <p>Rosal159: “(...) igual chegou a uma amiga nossa aqui que faleceu (voz embargada). (...) ela morreu, mas ela ainda tá viva aqui dentro, ela tá viva no coração de um monte de gente.”</p> <p>NatháliaP23: “(...) que eu cozinho, eu gosto, gosto muito de cozinhar, gosto do que eu faço e é com amor e carinho pra eles mesmo (...).”</p> <p>RosaP221: “(...) minha mãe teve crise de depressão no início da pandemia.”</p>
DOMÍNIO		EMOÇÃO
CATEGORIA	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
2. Sensações/ações pessoais	Relatos de sensações/ações de suas vivências	<p>AlexA32: “Né, agora ferrou tudo, aí veio aquele medo né. (...) Aí já veio aquele susto (...). (...) teve um dia que eu fiquei tipo apavorado. (...) eu pensei que ia ter uma crise de ansiedade, (...), uma crise de pânico, por causa disso, eu comecei a pensar né.”</p> <p>MirandaA35: “(...) aí fiquei em casa foi aquele pânico (...). Primeiro dia que avisou foi assim, a_pa_vo_ran_te! (...) Aí em casa eu sentia os sintomas, eu começava a sentir os sintomas, crise de choro (...).”</p> <p>WilliamA39: “(...) já tinha receio, tinha medo, a gente ainda tinha esperança de que não fosse acontecer o isolamento social. (...) a questão do pré isolamento foi uma angústia.”</p> <p>Julianal22: “(...), mas é muito triste ficar em casa isolada né, falar por celular.”</p> <p>Rosal72: “(...) é eu sofri demais. E aí você entrou no choque, eu entrei num choque tremendo. (...) o isolamento já foi horrível (...).”</p> <p>Williaml85: “(...) no isolamento eu tive a honra, a ddiva de ver a minha filha nascendo.”</p> <p>Rosal76: “(...) a gente não conseguia atingir todo mundo. (...) pra quem gosta de dar aula é angustiante (...).”</p> <p>Mirandal92: “Tinha um olhar, foi muito emocionante, de olhar.”</p> <p>Mirandal94: “Oi prô! E aquilo ali foi maravilhoso (...).”</p> <p>Alexl119: “Então, gente foi horrível, terrível, foi apavorante.”</p> <p>Alexl131: “(...) alguém tem o áudio do sinal tocando que eu tô com saudade de ouvir o áudio(...).”</p> <p>MirandaP187: “(...), mas eu amei tá olhando olho no olho, é bom né, isso é muito bom.”</p>
DOMÍNIO		REFLEXÃO

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
3. Reflexões sobre si	Descrição de pensamentos em movimento sobre si	<p>WilliamA39: “(...) como nós podemos ser tão fortes e não podemos demonstrar a fragilidade pra eles né, e ao mesmo tempo tão fraco. (...) foi um dos piores momentos, porque eu não sabia o que fazer, o que transmitir, e o que que ia acontecer (...)”</p> <p>Williaml85: “(...) era um conflito direto praticamente né, de você achar, até mesmo de você conversar com os alunos (...)”</p> <p>Rosal72: “(...), mas, o período de isolamento pra mim foi fundamental pra descobrir novas coisas na área da tecnologia(...)”</p> <p>Mirandal90: “(...) tô em casa vou ter que dar aula. (...) você tem que lidar com tudo aquilo.”</p> <p>Alexl153: “Não desistir, não sei né, mesmo na dificuldade toda que passamos, eles passaram né (...)”</p> <p>Rosal154: “(...) eu gosto de ter contato, de conhecer cada um, de conversar com cada um, dialogar.”</p> <p>RosaP184: “(...) eu por mais difícil que seja prefiro mil vezes a bagunça, a desorganização do que o vazio, o vazio que não tem ninguém dentro da sala de aula.”</p> <p>RosaP196: “Eles dependem de nós, assim como a gente depende deles.”</p>

Ao longo de todas as experiências externalizadas pelos educadores professores e merendeiras sobre os alunos percebemos o percorrer de diferentes caminhos que começam no outro e em alguns momentos fazem parte deles mesmos na linguagem, na reflexão. Podemos perceber que ao falar do outro eles encontram muita facilidade, principalmente para externalizar as dificuldades que estavam enfrentando. No entanto, ao longo desse processo momentos de reflexão, experiências e emoções sobre si foram emergindo naturalmente, enriquecendo as falas, a conversa e a compreensão de como esses momentos ficaram marcados em suas lembranças.

Em alguns desses momentos esses sujeitos se encontraram confortáveis para partilhar experiências que diziam respeito aos seus familiares, externalizando emoções que muitas vezes permanecem guardadas no mais profundo das suas individualidades. Como destacado por Rosa, “(...) minha mãe teve crise de depressão no início da pandemia – P221”, e por Wiliam, “Então, pra nós foi uma, aliás pra mim foi uma questão de muita dificuldade, de ver a minha mãe, minha vó, né, fechados, (...) não poder nem chegar próximo deles - A39”. Percebemos na fala de Wiliam uma

mudança que parte da percepção dos outros e passa para si. Esta mudança no pensamento, de forma rápida, reforça a discussão de Maturana (2002) ao enfatizar que mesmo sociais somos seres individuais. Neste momento, tanto Rosa quanto Wiliam reconheceram-se individualmente, tirando a reflexão do nós para si, experienciando a sua dificuldade em ver familiares isolados, depressivos, sem poder ter contato.

Não podemos identificar este movimento de seus pensamentos como egoísmo, ou como imposição de autoridade, estabelecendo suas experiencias como mais difíceis que a de outras pessoas, como muitas vezes enfatizado na cultura patriarcal discutida por Maturana e Verden-Zöllner (2021). A partir dessa reflexão percebemos que o educador se reconhece e aceita a si mesmo, sem desfazer da dor do outro, caminho importante para estabelecer relações sociais que emergem do amor. Em outra fala Wiliam expõe sua experiencia quanto as dificuldades de como se dirigir aos alunos mesmo passando por momentos pessoais complicados, externalizados na fala “(...) *foi um dos piores momentos, porque eu não sabia o que fazer, o que transmitir, e o que que ia acontecer (...) - A39*”. Esta realidade nos demonstra que como educadores muitas vezes buscamos caminhos para não interferir na aprendizagem de nossos alunos.

O próprio Wiliam aborda no início do trecho anterior, “(...) *como nós podemos ser tão fortes e não podemos demonstrar a fragilidade pra eles né, e ao mesmo tempo tão fraco – A39*”. Como abordado por Nias (1996), somos cobrados a manter o controle de nossas emoções, desconsiderando que como seres humanos somos movidos justamente por elas, como discutido por Maturana (2002). Deste modo, a crença de que somos capazes de separar nossos problemas pessoais, nossas emoções, de nossas relações com os nossos alunos não nos considera como pessoas inteiras, como abordado por Jarvis (2021). E ao não sermos reconhecidos e enxergados pelos outros temos dificuldade em nos reconhecemos como humanos, como pessoas que ativamente se envolvem na aprendizagem dos alunos. Dentro dessa relação devemos considerar todas as emoções que possam estar envolvidas e sejam particulares dessa interação ou que venham de outras experiências que já tivemos.

Com isso, devemos aceitar que nossas emoções nos movem e modificam nossas relações, mas não justificam relações que humilham, agredem ou ferem o

outro. Esta preocupação em não saber o que comunicar demonstra a nossa fragilidade na sinceridade com os nossos alunos, devemos ser capazes de compartilhar nossas emoções e incertezas e mostrar que como adultos temos momentos de insegurança e por meio delas aprendemos a lidar com diversas situações. Neste caso em específico estávamos experienciando um momento que ninguém tinha conhecimento e não se sabia como agir, sentir ou solucionar e precisávamos mostrar com sinceridade para os alunos, além da fragilidade a oportunidade de refletir e discutir sobre o assunto pensando no bem-estar emocional de todos. É nas interações que nos reconhecemos e reconhecemos o outro, no amor, que expandem e consolidam a convivência, segundo Maturana (2002).

Assim sendo, muitos desses educadores professores reconhecem suas emoções sob a perspectiva de suas experiências. Em uma delas Wiliam nomeia a emoção que foi suscitada por conta da possibilidade de ocorrer o isolamento social, sendo ela identificada por ele como medo, e vemos no trecho “(...) *já tinha receio, tinha medo, a gente ainda tinha esperança de que não fosse acontecer o isolamento social. (...) a questão do pré isolamento foi uma angústia – A39*”. Além da angústia e do medo, vemos em sua fala o apontamento para a “*esperança*” de não ser necessário o isolamento, evidenciando uma mistura de emoções transitórias. Esta fala traz sentindo a nossa discussão por demonstrar que as emoções transitam de um domínio de ação a outro e estiveram presentes em todas as etapas da pandemia emergindo, ainda hoje, nos fazendo reviver nossas experiências. Podemos destacá-las também em outras falas como a de Alex, “*Né, agora ferrou tudo, aí veio aquele medo né. (...) Aí já veio aquele susto (...) - A32.*”, ou de Miranda, “*(...) aí fiquei em casa foi aquele pânico (...). Primeiro dia que avisou foi assim, a_pa_vo_ran_te! (...) - A35*”.

Esses trechos nos esclarecem a participação das emoções na construção humana, e principalmente no desenvolvimento humano. Para Maturana (2001), temos que assumir o papel das emoções na reflexão humana, social e ética. Desta maneira, devemos assumir o papel das emoções na educação e sua influência nas relações entre alunos e educadores e na aprendizagem. Assim, a emoção como motor das ações humanas, nos permite identificar a insegurança e tantas outras emoções, que externalizam o sofrimento da falta de controle sobre as situações e principalmente do não saber agir, e nos guia em um caminho de compreensão das relações humanas. Pois, como adultos e principalmente educadores somos ensinados a controlá-las e

não a compreendê-las ou compartilhá-las. As emoções podem emergir de situações de tristeza e frustração, como dito por Da Fonseca (2016), que nestes trechos percebemos e identificamos por meio de momentos de reflexão. Deste modo, devemos nos perguntar o que nos impede de permitir que essas emoções nos conduzam a educar e construir relações pautadas no reconhecimento do outro e de nós mesmos? Sendo que, segundo Maturana (2002), a experiência não está na linguagem, mas a explicação sim e ao externalizá-las permitimos que o outro faça parte de nossa experiência.

Deste modo, quando esses educadores usam os termos “*aí veio aquele medo né*” e “*foi aquele pânico*”, nos introduzem em um contexto que era exclusivamente deles, fazendo com que nos coloquemos em seus lugares por meio da reflexão, que é apenas possível na linguagem. E então nos perguntamos por que não introduzir os alunos nessa explicação das nossas experiências, para que façam o movimento de colocar-se no lugar do outro. Dando continuidade na leitura dos trechos percebemos que ambos recorrem ao uso de diversas palavras para expressar o que experienciaram e, desta maneira, detalham suas emoções. Alex diz “*(...) teve um dia que eu fiquei tipo apavorado. (...) eu pensei que ia ter uma crise de ansiedade, (...), uma crise de pânico, por causa disso, eu comecei a pensar né - A32*” e para Miranda “*Aí em casa eu sentia os sintomas, eu começava a sentir os sintomas, crise de choro (...) - A35*”.

Compreendemos, que eles citam mudanças em seu funcionamento biológico por conta das emoções que estavam sentindo naquele período, como mencionado por Alex ao trazer a “*ansiedade*” e Miranda ao dizer “*sintomas*”. Logo, percebemos que as emoções, assim como são capazes de modificar nossas ações, atuam em conjunto com o funcionamento biológico do nosso corpo, como abordado por Maturana (2001, 2002). Esta reflexão nos faz derrubar a dicotomia entre mente e corpo, entre razão e emoção, permitindo reconhecer que somos um todo complexo e aprofundar o entendimento de que a emoção está completamente relacionada com nosso bem-estar e não se desassocia do nosso corpo como um todo.

Não obstante, outras falas retratam a percepção de sofrimento com relação a ausência de convivência, desencadeadas pela pandemia do Covid-19. Podemos identificá-las nas falas de Juliana “*(...), mas é muito triste ficar em casa isolada né,*

falar por celular – 122”. Esta fala expressa a importância das relações, da convivência, reforçando a nossa discussão. Outras falas como a de Rosa e Alex complementam a fala de Juliana, e são apresentadas nos trechos “(...) *é eu sofri demais. E aí você entrou no choque, eu entrei num choque tremendo. (...) o isolamento já foi horrível (...) – 172*” e “*Então, gente foi horrível, terrível, foi apavorante – 1119*”. Já reconhecemos em outros momentos o quanto o isolamento mudou as relações e as emoções humanas, identificadas aqui nas experiências de alunos e educadores. No entanto, agora faz-se necessário reconhecer a importância de revisitar, por meio dos sujeitos, estas experiências e o quanto estes movimentos podem ter os ajudado a compreender suas emoções.

Segundo Maturana (2002, p. 89), “(...) não compreendemos como o viver depende do conversar e como o conversar depende do viver”, deste modo, esses momentos foram importantes para que eles pudessem refletir sobre suas experiências e por meio das palavras compreender-se. Os trechos que destacamos são enriquecidos pelo uso das palavras “*triste ficar em casa*”, “*eu entrei num choque*” e “*foi apavorante*” escolhidas por Juliana, Rosa e Alex, pois, por meio dessas palavras todos buscam exemplificar suas experiências para que possamos compreendê-las. No entanto, não explicaram apenas para nós o que tinham experienciado, mas nomearam para si mesmos as emoções e ações que os fizeram experienciar aquela situação. Percebemos este movimento em outras falas como na de Rosa ao colocar “(...) *eu por mais difícil que seja prefiro mil vezes a bagunça, a desorganização do que o vazio, o vazio que não tem ninguém dentro da sala de aula - 184*”.

Em sua reflexão a educadora percebe que para ela a presença dos alunos é mais importante do que qualquer dificuldade encontrada em sala de aula. Este reconhecimento da presença do outro é de extrema importância em uma relação social, é indispensável, pois, segundo Maturana (2002), precisamos querer fazer este tipo de reflexão e para fazê-la é necessário partir da legitimidade do outro. Em outro trecho mais adiante, essa educadora aborda o motivo pelo qual essa presença é indispensável, ao dizer “(...) *eu gosto de ter contato, de conhecer cada um, de conversar com cada um, dialogar - P154*”. Logo, a ausência para ela tem o significado de vazio, pois, seus alunos são únicos para si, são reconhecidos e legitimados por ela, tendo cada um o seu espaço na relação com Rosa.

Devemos ter cuidado ao falar de legitimar os alunos e reconhecê-los para não confundir com o entendimento de conhecimento íntimo, precisamos reconhecer que não possuímos o tempo e a capacidade de nos aprofundarmos no conhecimento total de nossos alunos. Quando dizemos que Rosa reconhece e legitima seus alunos é no sentido de compreender que são complexos, que possuem suas peculiaridades, suas diferenças, e por meio de sua fala identificamos esses traços. Em outros trechos ela retrata seu posicionamento quanto educadora e como se sentiu ao ter dificuldades de estabelecer contato com seus alunos. Ela coloca “(...) *a gente não conseguia atingir todo mundo. (...) pra quem gosta de dar aula é angustiante (...) – 176*”. Neste caso, sua angústia está atrelada ao ensino e à dificuldade de ensinar, que reforça o aspecto levantado por Stevanim (2020), na dificuldade de acesso dos alunos. O professor Wiliam complementa a fala de Rosa ao explicar esse contato com os alunos em relação a aprendizagem, “(...) *era um conflito direto praticamente né, de você achar, até mesmo de você conversar com os alunos (...) - 185*”, logo, a dificuldade não estava apenas atrelada ao acesso, mas também a realização daqueles que possuíam o acesso.

De alguma maneira, as conversas proporcionadas neste trabalho podem ter gerado mudanças nos pensamentos e perspectivas desses educadores, permitindo um novo olhar para o que já havia acontecido a algum tempo. Novas emoções ou o reconhecimento de emoções que estiveram presentes foram expressas no conversar, enfatizando, segundo Maturana (2001), que os espaços de convivência se fundem nas emoções. Desta forma, não apenas eles conseguiriam encontrar novas perspectivas sobre o ocorrido como nós podemos refletir e buscar compreender o quanto esses momentos significaram para eles e para nós. Com isso conseguimos entender o que, Maturana (1995), quer dizer com conversar como dar voltas com o outro, pois, estamos envolvidos mutuamente na linguagem por meio de nossas emoções e ao conversar fluímos de nós para o outro e do outro para nós em um acoplamento mútuo.

Além das dores individuais representadas por cada um deles, em uma das falas vemos um destaque importante sobre a comunidade educativa, que nos faz questionar as emoções suscitadas neste espaço. Rosa retrata em sua fala um momento difícil que a escola passou com a perda de uma das pessoas que participavam ativamente da vida da unidade escolar, em sua fala ela retrata “(...) *igual chegou a*

uma amiga nossa aqui que faleceu (voz embargada). (...) ela morreu, mas ela ainda tá viva aqui dentro, ela tá viva no coração de um monte de gente - 1159". Como discutimos antes com relação as perdas que tantos de nós podemos ter tido neste tempo, e o quanto isso pode ter influenciado nossas emoções, o quanto não influenciou os espaços educativos com as perdas de colegas. Para Maturana (2002), perder a convivência nos traz a enfermidade e o sofrimento, então, quanto sofrimento, quanta enfermidade essas perdas, e essa perda em especial não causaram. E por fim como influenciaram nas relações humanas e o quanto a ausência de conversas, reflexões sobre as perdas não dificultaram o entendimento dessas emoções.

Em contrapartida, ao invés de espaços de diálogo e partilha das experiências vemos em algumas falas a cobrança quanto ao trabalho e a sobrecarga deste período. As falas de Rosa *"Você voltou pra dar aula, você trabalhou muito mais em casa do que no presencial – 170"* e *"Ainda que tinha sobrecarga de trabalho, porque ali a gente é mãe, a gente tem que lavar roupa, tem que limpar a casa – 176"*, esclarecem como nos anulamos para que tudo acontecesse o menos possível fora do controle, mas este já não existia nessa realidade. Esta insatisfação com o controle e a responsabilidade como adultos é retratada também por Miranda ao dizer *"(...) tô em casa vou ter que dar aula. (...) você tem que lidar com tudo aquilo – 190"*. O interessante nesta fala é destacarmos as frases *"vou ter que"* e *"você tem que"*, que demonstram a falta de opção quanto a situação que se encontravam e o pensamento de que havia a obrigação de cumprir com todas as responsabilidades como se ainda estivessem no ensino presencial.

Por meio dessas falas percebemos que em nós está enraizada a obrigação de agir racionalmente mantendo um controle emocional, como abordado por Nias (1996), e que neste momento não fomos abraçados e orientados a seguir novas perspectivas que considerassem a situação atual da pandemia, para ambos os lados, educadores e alunos. Desta forma, percebemos o quão cruel emocionalmente este momento foi para todos aqueles que fazem parte da comunidade educativa, e o quanto a cobrança desgastou as interações e as relações humanas e, conseqüentemente afetou o ensino e prejudicou as aprendizagens. Para Stevanim (2020), o foco no conteúdo e as diversas cobranças que se mantiveram do ensino presencial para o remoto destacaram os problemas que a educação já encontrava. Contudo, este momento poderia ter sido a oportunidade de que como comunidade

educativa pudéssemos nos debruçar sobre os problemas e repensar possibilidades que abraçassem as dificuldades do ensino presencial e as dificuldades que estavam sendo encontradas no ensino remoto. De acordo com Madalena Freire (2023), como educadores ao lidarmos com as frustrações podemos usá-las como motor para aprendermos e ensinarmos. Então, devemos nos perguntar o que tiramos desse momento de isolamento social, o que aprendemos com ele e para onde ele nos move hoje.

Contudo, percebemos que não foram relatados pelos educadores a presença de espaços para discussões sobre as experiências do isolamento no retorno as aulas, eles não tiveram a possibilidade de discutir, refletir e explicar as emoções que suscitaram. Oportunidade que foi proporcionada por esta pesquisa permitindo, assim, apresentar reflexões, explicações e elucidar emoções que estiveram guardadas. Do mesmo modo que não houve momentos para compartilhar as dores e sofrimentos, espaços para partilhar momentos de alegria e esperança que trouxessem conforto não tiveram vez. No entanto, em algumas falas desses educadores encontramos momentos de luz, que os fazem olhar para experiências que trouxeram como aprendizado, perspectivas e novos olhares.

Um desses trechos é destacado pelo educadora professora Rosa ao relacionar o período como um processo de aprendizagem pessoal dela com o uso da tecnologia, “(...), mas, o período de isolamento pra mim foi fundamental pra descobrir novas coisas na área da tecnologia(...) – 172”. Por meio dessa reflexão percebemos que podemos ter aprendido no isolamento social, mas não nos demos espaços e possibilidades para reconhecê-los. Para Madalena Freire (2023), são esses momentos de reflexão em relação a prática que conduzem a nossa formação permanente, pois, como educadores estamos em constante aprendizado. Por outro lado, o aprendizado não ocorreu de forma exclusivamente profissional, este se estendeu ao crescimento pessoal, possibilitando reconhecer outros momentos como importantes.

Para Wiliam a importância esteve em reconhecer a oportunidade de estar ao lado de sua filha recém-nascida, e nos partilhou essa importância, “(...) no isolamento eu tive a honra, a dádiva de ver a minha filha nascendo - 185”. Indispensável perceber em sua fala que sem a pandemia ele teria tido pouco tempo ao lado de sua filha, muito provavelmente por conta do trabalho e da diferença entre licenças maternidade e

paternidade. Por meio de falas como essas reconhecemos a importância das relações familiares, da presença da família na criação e formação de uma criança desde o seu nascimento, como é destacado por Maturana (2002), e reafirmamos o aprendizado pela convivência experienciado pelos adultos. Além do olhar para a família, vemos em alguns trechos a importância do contato com alunos e o que foi suscitado, relatados por Miranda, *“Tinha um olhar, foi muito emocionante, de olhar – 192”, “Oi prô! E aquilo ali foi maravilhoso (...) – 196”*.

A partir dessas falas destacamos a complexidade das relações e como podem ocorrer, mostrando o quanto significam para nós, em nossa construção e aprendizagem humana. O fato de Miranda reconhecer no *“olhar”* e na saudação *“oi”* uma emoção, demonstra a linguagem como aquela que flui das interações, sem precisar de símbolos, como discutido por Maturana (2002). Estabelecemos por meio dessa perspectiva a magnitude das interações no período de isolamento e o quanto elas podem ter proporcionado momentos de afago, conforto, permitindo reconhecer o outro. A educadora Miranda reforça essa perspectiva ao relatar o retorno *“(…), mas eu amei tá olhando olho no olho, é bom né, isso é muito bom – P187”*. Da mesma forma que as palavras nos tocam, como dito por Maturana (2001), o olhar é capaz de nos tocar por fazer parte da linguagem, e nos fazer elucidar ou reavivar emoções como as destacadas por Miranda como *“maravilhoso”* e *“amei”*.

Outras falas são capazes de nos conduzir à nostalgia e reportar o que o espaço escolar significa e as características que possui nos deixam marcas, podendo parecer, às vezes, coisas simples ou até desnecessárias. A fala de Alex chama atenção ao destacar justamente o papel de uma dessas características *“(…) alguém tem o áudio do sinal tocando que eu tô com saudade de ouvir o áudio(...) – 1131”*. Engraçado alguém sentir falta de um sinal, que dita as horas e o cumprimento de regras de entrada e saída ou trocas de aula, que nos remete a compromisso e dever. No entanto, o ouvir desse sinal possui outro significado intrínseco, o de movimento, circulação de pessoas, da existência de uma escola viva, repleta de experiências a se compartilhar e viver. Assim como diz Maturana (2002), a educação, o educar é um processo contínuo, logo, nossas lembranças são marcadas por experiências que relacionam pessoas a experiências sensoriais como sons, imagens, cheiros.

Esses momentos podem ser reconhecidos também em falas como a da educadora merendeira, em que percebemos a sua entrega para que os alunos se

sintam acolhidos por meio da refeição “(...) *que eu cozinho, eu gosto, gosto muito de cozinhar, gosto do que eu faço e é com amor e carinho pra eles mesmo (...) – P23*” como mencionado por Nathália. A partir dessas falas reconhecemos as relações para além da interação verbal ou física, identificamos no cuidado, no gesto, no ato de servir a legitimação do outro. Por mais que em sua fala muitas vezes traga a menção a si, utilizando o termo “*eu*”, nos reportando ao individualismo, devemos nos atentar que podemos nos relacionar com os outros de diversas formas, desde que nessa relação reconheçamos o outro como legítimo, sem esperar nada em troca, para que flua e aconteça. Retomando o que é discutido por Maturana e Dávila (2006), a socialização, relação e desenvolvimento humano está pautado na carícia, no descascar das sementes dos primeiros hominídeos, portanto, está relacionado ao cuidado com a alimentação.

Por mais que as dificuldades tenham sido exploradas, discutidas e participado de um processo de reflexão intenso dos sujeitos, elas trouxeram além de sofrimento, o reconhecimento do aprendizado pela experiência. Na fala de Alex “*Não desistir, não sei né, mesmo na dificuldade toda que passamos, eles passaram né (...) – I153*”, o termo “*não desistir*” representa a resistência, e por parte desse educador vem o reconhecimento de que tudo que passamos não é o fim em si. Esta fala pode nos direcionar a refletir sobre a educação, sobre a aprendizagem e fazer-nos questionar, o que é desistir? Dentro desse contexto apresentado pelo educador professor, imerso em um contexto pandêmico, esse educador pode estar se referindo a não desistir de tentar ensinar, ensinar a aprender, ensinar a esperar, mesmo com a distância. E porque não dizer que mesmo não tendo ocorrido interações recorrentes no período de isolamento, essas persistências e resistências em contatar os alunos, mesmo que para realização de tarefas não foi um ensinar a persistir.

Este persistir emprega muito além da educação, reconhece a relação entre educadores e alunos, compreende a participação de todos na aprendizagem, pois, se algum deles houvesse desistido dessa relação hoje provavelmente ela não existiria, teria sido rompida de alguma forma. Mesmo havendo mudanças nas emoções, mesmo havendo mudanças nas relações humanas na cultura da comunidade educativa, essas se reestabeleceram. Portanto, por mais que identifiquemos as dificuldades, reconhecemos que a comunidade educativa se mantém por meio da relação de alunos e educadores e a aprendizagem ocorre envolta nessa convivência.

Percepção que é destacada por uma das educadoras ao externalizar *“Eles dependem de nós, assim como a gente depende deles – P196”*. Não olhemos para a relação de dependência levantada por ela, como aquela que não nos permite andar com nossas próprias pernas, mas aquela que reconhece que o educar não se faz sozinho, como abordado por Maturana (2002). Façamos essa relação, pois, o ensinar e o aprender é difícil, complexo, por ser feito por pessoas que participam desse processo e estão imersos em emoções que os movem.

Portanto, por meio de diversas reflexões e discussões aqui estabelecidas fomos capazes de compreender e reconhecer a importância do conversar nas relações humanas, além de destacar, enfatizar a relevância das emoções no movimento e construção dessas relações. Por meio das falas dos educadores conseguimos dar voz e representar as experiências pessoais deles e dos alunos, assim como da comunidade educativa e as nossas, que foram suscitadas por meio deles. Percebendo por meio do caminho de reflexões desses sujeitos as emoções, possibilitando nos reencontrar com nossas próprias experiências e indo além da escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da conversa e das emoções que permearam esta investigação, podemos perceber que as emoções são indispensáveis e estão ativamente presentes na vida humana e foram percebidas tanto antes, quanto durante todo o processo de isolamento social, causado pela pandemia da Covid-19, marcando conversas e maneiras de agir. Essas emoções foram expressas por meio da explicação das experiências dos educadores professores e merendeiras e apresentadas, discutindo a relação com os alunos e o reconhecimento de si mesmos. Deste modo, conseguimos por meio da análise das falas dos sujeitos educadores participantes desta pesquisa, identificar que ocorreram mudanças nas relações interpessoais presentes na comunidade educativa por conta do isolamento social. Isto se deu, pois, a fala dos educadores enriqueceu grandemente a percepção de que as emoções estão ativamente presentes na relação com os alunos.

Os educadores nomearam algumas emoções identificadas por eles como medo, angústia, sofrimento, com o auxílio dos relatos que traziam e comparavam momentos antes e pós pandemia. Identificamos mudanças nas relações, na perspectiva dos educadores professores, pela falta de respeito, isto é, falta de reconhecimento como legítimos, como pessoas inteiras. Já as educadoras merendeiras não trouxeram ponto de comparação sobre essas mudanças, talvez pelo fato de terem tido pouco contato com os alunos no período de isolamento. No entanto, em suas falas relatam a importância da presença desses alunos na comunidade educativa. Assim, na discussão percebemos a presença de outras emoções expressas nas entrelinhas, como a insegurança, o controle e a insatisfação.

O despertar dessas emoções e as relações que não dicotomizaram momentos das experiências desses educadores nos permitiu compreender a complexidade e importância de estabelecer um paralelo entre todas as experiências, incluindo as nossas. Esse movimento era estabelecido regularmente por esses sujeitos trazendo comparações entre suas experiências atuais e passadas. Identificar as emoções foi indispensável para compreender o que era explicado por cada um desses educadores e para contextualizar, discutir, norteando nossas construções e reflexões. Deixando evidente, a discussão de Maturana (2002), de que revisitamos nossas vivências para explicar situações que experienciamos, logo, ao decorrer da reflexão sobre os sujeitos

e sobre suas experiências, as perspectivas e reflexões desta professora-pesquisadora, que vos fala, foram sendo também explicadas e externalizadas, construindo um fluir único. Não somente a quem escreve se limitam estas reflexões, mas sobre quem as lê e experiência, de início como espectador, no entanto, ao decorrer ganhando significado e compreensão únicas e exclusivamente suas, fazendo assim, com que esse trabalho ganhe vida.

Os diferentes trechos analisados e destacados na fala dos educadores nos fizeram compreender que a aprendizagem escolar neste período teve um papel secundário no sentido de conteúdos, pois a cobrança sobre ela continuava, mas o olhar para os alunos os direcionou em uma outra perspectiva. A aprendizagem, deste modo, não deveria ter sido o foco no período de isolamento e por meio das reflexões apresentadas pelos educadores permitiu-nos questionar o acesso a educação pelos alunos, o apoio aos educadores e a abertura de espaços para adaptação das realidades dos alunos e dos educadores. Compreendemos que os educadores professores estiveram próximos dos processos de adaptação dos alunos quanto ao ensino remoto, identificaram suas dificuldades ao mesmo tempo em que buscavam compreender o espaço em que estavam inseridos. Neste contexto, os educadores se debruçaram sobre suas fragilidades e dificuldades, as cobranças que sofreram e as emoções que foram suscitadas por todas essas experiências.

Deste modo, evidenciamos que as emoções estão conectadas e diretamente relacionadas as relações e construções humanas, de forma que, reafirmando a visão de Maturana (2002) quanto a nossa multidimensionalidade. Por meio da discussão também conseguimos destacar a nossa dificuldade em explicitar nossas emoções por meio da descrição usando apenas os nomes que usamos no cotidiano, sendo mais incomum descrever as ações que nos foram despertadas, e assim fica evidente a relação desta dificuldade com a supervalorização da razão em detrimento da emoção tão presente na cultura patriarcal. No entanto, quando nos encontramos imersos em experiências que nos fazem refletir e nos reportam a momentos que vivemos com significado, temos mais facilidade em nomear as emoções. Como ocorre em trechos de Miranda, Rosa, Alex ao trazer as emoções *“medo”, “angústia”, “sofrimento”*.

Portanto, as reflexões aqui suscitadas nos fizeram perceber que o entendimento de nossas emoções é indispensável para o desenvolvimento humano e

em particular o de nossos alunos, para o crescimento dos educadores e para a comunidade educativa, assim como indicado pela proposta teórica da Biologia do Amar de Maturana (2002). Pois, assim como discutimos, a pandemia nos conduziu a desaprender a conviver, a relacionar, e principalmente a encontrar soluções para essas dificuldades. Contudo, também nos proporcionou momentos de colocarmos-nos no lugar do outro, de reconhecer ao outro, nos proporcionando um modo de conviver que é intrínseco ao humano, o amor, nos direcionando mais próximos de uma relação social, como discutido por Maturana (2002).

Não obstante, estas discussões e reflexões despertadas primeiramente pelos educadores e organizadas nesta produção, despertaram na autora emoções referentes a cada etapa do processo. Em um primeiro olhar o despertar da inquietação de pensar e refletir sobre a ausência de espaços de conversa na comunidade educativa, principalmente após os momentos de isolamento, que conduziram na produção deste trabalho. Mas, ao debruçar sobre as falas e experiências de cada educador que se entrelaçavam com as minhas experiências, estes me proporcionaram reviver emoções que estiveram guardadas em mim como educadora, no mesmo processo que eles vivenciaram. Vejo esse revisitar como pesquisadora em um sentido diferente por buscar não influenciar as experiências desses educadores com as minhas próprias, contudo, em nenhum momento estas estiveram separadas. Compartilho da dor e sofrimento em não se sentir reconhecido como legítimo outro na convivência com meus alunos, ao não experienciar o respeito, ou ao ser cobrada e sobrecarregada de racionalidade, mesmo sendo movida pela emoção como ser humano.

Compartilho as dores da perda de colegas e amigos próximos que marcaram e marcarão nas minhas experiências. Entretanto, o que mais compartilho com esses educadores é a persistência. Persistência a meu ver que nos direciona a tirar a fantasia da comunidade educativa e revelar que a educação é construída por pessoas que sentem, se emocionam, e são movidas por essas emoções para aprender, ensinar, construir e reinventar. Persistência ao permitir que as emoções sejam pauta para compreender a reflexão, e as relações, como proposto por Maturana (2002), considerando e valorizando a realidade das comunidades educativas, os educadores e os alunos. Este processo não é simples, não é fácil, é complexo e doloroso, pois nos deparamos com as frustrações. Frustrações essas que são emoções e que devem

nos mover e não direcionar a estagnação, como discutido por Madalena Freire (2023). Desta maneira, esta discussão não termina aqui, ela começa, possibilita, abre portas para uma educação emotiva, pautada no amor e no reconhecimento inteiro do outro. Esta produção impulsiona para a construção de novos questionamentos, novas intervenções, novas propostas que podem ou não ser concretas, mas que escancarem a realidade da educação, dos educadores e alunos.

O movimento de reflexão oportunizado nessa pesquisa faz com que nós revisitemos nossas experiências, reflitamos sobre momentos que talvez já houvéssemos refletido, mas não sobre a mesma perspectiva, por meio do olhar de educadores que revisitaram suas experiências e refletiram sobre elas. Sendo assim, esses momentos que proporcionamos podem ter gerado uma intervenção, direcionando-os a ter um novo olhar sobre seus alunos, sobre as relações, sobre si mesmos, a refletir sobre novas perspectivas, assim como em nós. Estas discussões permitiram que além dos momentos difíceis e das emoções de sofrimento, emoções de alegria e euforia fossem externalizadas ao perceber momentos de aprendizado e relações que traziam conforto e reconhecimento. Portanto, dentro desse contexto se torna indispensável em comunidades educativas, criar e oportunizar momentos de diálogo e abertura para que os educadores e os alunos possam expressar e elucidar suas emoções, quanto as suas experiências, visando sempre um olhar cuidadoso e que legitima o outro, no amor, como proposto na Biologia do Amar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 14 ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo Focal Estratégia Metodológica Qualitativa: Um Ensaio Teórico. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>>. Acesso em: 07 mar. 2022
- Atribuído à Paulo Freire. POESIA: A ESCOLA. **Armazém de texto**, 2018. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>>. Acessado em: 13 jun. 2022.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- BROWN, C; VALENTE, S. Tamo junto (Não desista) (part. Lexa). **Letras, s/data**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/carlinhos-brown/tamo-junto-nao-desista-part-lexa/>>. Acessado em: 13 jun. 2022.
- CETIC. **TIC Kids Online Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>> Acesso em jan. 2022.
- CLARK, H. H. *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. Tradução: Nelson de Oliveira Azevedo e Pedro M. Garcez **Cadernos de tradução (Porto Alegre). Porto Alegre, RS**, n.9, p. 1-74, 2000. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/249229/000290368.pdf?sequence=1>. Acessado em: 15 jun. 2023
- DA FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. psicopedag.** São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- DA SILVA, D. S. S. A ColInfo no contexto dos professores da SEDUC: um estudo de caso sobre o uso do aplicativo CMSP. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1634>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução: Dora Vicente, Georgina Segurado. 3ª ed., 11ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- DÁVILA, X. MATURANA, R. H. Hacia una era post posmoderna em las comunidades educativas. **Revista Iberoamericana de educación**, n.49, p. 135-161, 2009.
- DEBATE: é certo abrir bares e restaurantes e manter escolas fechadas? **Tribuna de Jundiaí**, 2021. Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/educacao/educacao-publica/debate-e-certo-abrir-bares-e-restaurantes-e-manter-escolas-fechadas/>>. Acessado em: 13 de junho de 2022.
- DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade**, v.10, n.2, p. 1-12, 2000.

FREIRE, I.; BAHIA, S.; ESTRELA, M. T.; AMARAL, A. A Dimensão Emocional da Docência: Contributo para a Formação de Professores. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, n. 46-2, p. 151-171, 2014. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_46-2_8>. Acesso em: 7 nov. 2022.

FREIRE, M. **Educador, educa a dor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, C. The interpretation of cultures. New York: Basic Books, 1926. Trad. parcial bras.: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HARARI, Y. N. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf>

IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.35, n.2, p. 115-21, jun. 2001.

JARVIS, P. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: aprendendo a ser eu. In: KNUDI ILLERIS (Org). **Teorias Contemporâneas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, cap.2, p.31-45, 2013.

KNORR-CETINA, K. A Comunicação na Ciência. In: GIL, F. **A Ciência Tal Qual se Faz**. Edição João Sá da Costa Lisboa, p.375-393, 1999.

LANÇADO programa para incentivar permanência nos anos finais do ensino fundamental. Gov.br, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/03/lancado-programa-para-incentivar-permanencia-nos-anos-finais-do-ensino-fundamental>>. Acessado em: 13 de junho de 2022.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional Sobre Pesquisa E Estudos Qualitativos**, v. 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais.Bauru: USC, 2004, 10p.

MATURANA, R. H. **A ontologia da realidade**. Organização e Tradução: Cristina Magro, Miriam Graciano, Nelson Vaz. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MATURANA, R. H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução Cristina Magro, Víctor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, R. H. **Desde la biología a la psicología**. Editorial Universitaria, 2006.

MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução José Fernando Campos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MATURANA, R. H. **La realidad ¿objetiva o construida?** I fundamentos biológicos de la realidad. México: Anthoropos, 1995.

MATURANA, R. H.; DÁVILA, X. Biología del conocer y Biología del amar: desde la matriz biológica de la existencia humana. **Revista PRELAC**. Proyecto Regional para América Latina y el Caribe, Santiago Chile, n. 2, p. 30-39, febrero 2006.

MATURANA, R. H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do Humano**. 6ª edição. São Paulo: Palas Athenas Editora, 2021.

MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Unesp, 2002.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, p. 117-128, 2006.

NIAS, J. Thinking about Feeling: the emotions in teaching. **Cambridge Journal of Education**, v.26, n.3, p. 293-306, 1996.

NYHARD, L.K. Historiography of the History of Science. In: Lightman, Bernard. **A Companion to the History of Science**. Wiley Blackwell, p.7-22, 2016. Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/orochinho/comments/guqroj/eu_estava_na_aula_online_e_isto_me_aparece/>. Acessado em: 13 jun. 2022.

RAMILO, M. C.; FREITAS, T. Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In: **Língua portuguesa: estruturas, usos e contrastes**. (Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto). CLUP: Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-redip-transcricao.pdf>>. Acesso em: 31 de out. 2022.

SOUZA, E. P. de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 17, n. 30, p. 110-118, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>>. Acesso em: 18 jan. 2022

STEVANIM, L. F. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

ZUCOLOTO, K. A. Ensino remoto durante a pandemia da covid-19 – o vírus como pedagogopedagogo / Remote teaching during the covid-19 pandemic - the virus as a pedagogue. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 52048–52059, 2021. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30313>. Acesso em: 31 jan. 2023.

APÊNDICE A - Roteiro grupo focal

O roteiro está dividido em três partes que chamaremos de **período pré isolamento**, **período de isolamento** e **período pós isolamento**.

1) Período pré isolamento

Observe a **Figura 1 e 2** e expresse o que você sente:

Figura 1: Alunos sem máscara, sentados em fileiras, utilizando os materiais escolares



Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/03/lancado-programa-para-incentivar-permanencia-nos-anos-finais-do-ensino-fundamental>>. **Acessado em:** 13 de junho de 2022.

Figura 2: Sala de aula com carteiras e lousa, sem ou com pouca tecnologia.



Disponível em: <<https://minhabiblioteca.com.br/blog/pesquisa-aponta-que-apenas-64-do-tempo-em-sala-de-aula-e-para-transmissao-de-conteudo/>>. **Acessado em:** 13 de junho de 2022.

2) Período de isolamento

Observe a **Figura 3** e expresse o que você sente:

Figura 3: Representação do período de isolamento em que professor e estudante assistiam juntos aulas ao vivo preparadas por outro professor e interagiam via chat.



Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/orochinho/comments/guqroj/eu_estava_na_aula_online_e_isto_me_aparece/>. **Acessado em:** 13 de junho de 2022

Acompanhe a letra da música abaixo e expresse o que você sente ao ouvi-la:

Tamo junto (Não desista) (part. Lexa) – Carlinhos Brown

Mais, cara, mais, cara (oh, oh)
 Mais, cara, cara, mais, cara, cara
 Mais, cara, mais, cara, cara

Não abandone o seu futuro (oh)
 Dê duro, lute por ele (você não tá sozinho)
 Não abandone o seu destino
 Só o ensino te leva lá (você não tá sozinho)

Não abandone você mesmo
 Recarregue pra recomeçar (você não tá sozinho, você não tá sozinho)
 Agora tá difícil, irmão, aprender com a escola de mão
 Mas vai passar, mas vai passar
 Quem não parar, vai chegar lá

Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação

Se não dá pra ir pra escola agora
 Não deixe a escola ficar longe de você
 Ligue, clique, se conecte
 Não desista do direito, seu direito de aprender

Ruxell No Beat

O mundo parou, parou
 Mas ninguém vai te parar, parar
 Tá chato, tá (tá, tá, tá, tá, tá, tá)
 tá dureza, tá (tá, tá, tá, tá, tá, tá)
 Mas uma certeza tenho, tenho
 Quem não parar, vai chegar lá, meu bem
 Meu bem

Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação
 Não desista, resista, sim
 Não desista, desista, não
 Não desista do seu futuro
 Não desista da educação

Não abandone o seu futuro
 Dê duro, lute por ele (resista, resista)
 Não abandone o seu destino
 Só o ensino te leva lá (resista)

Não abandone você mesmo
 Recarregue pra recomeçar, ah, ah
 Agora tá difícil, irmão, aprender com a escola de mão
 Mas vai passar, vai passar
 Quem não parar, vai chegar lá

Letra disponível em: <<https://www.letras.mus.br/carlinhos-brown/tamo-junto-nao-desista-part-lexa/>>. **Música disponível em:** <<https://www.youtube.com/watch?v=kiz5mFkOqn0>>. **Acessado em:** 13 de junho de 2022.

3) Período pós isolamento

Acompanhe a leitura do poema abaixo e expresse o que você sentiu ao ouvi-lo:

Material de apoio: poema

Poema: A Escola é – Atribuído à Paulo Freire

Escola é...
o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.
O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Atribuído a Paulo Freire. **Disponível em:** <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/posia-escola-paulo-freire-com.html>>. **Acessado em:** 13 de junho de 2022.

APÊNDICE B - Roteiro entrevista semiestruturada

Entrevista semiestruturada

A entrevista está dividida em três partes que chamaremos de **período pré isolamento**, **período de isolamento** e **período pós isolamento**.

1) Conte um pouco quem você é, o que você faz na escola?

2) Período pré isolamento

- a. Como era o trabalho para você antes da pandemia?
- b. Como você se sentia com relação aos estudantes antes do isolamento social?

Observar a **Figura 1** para auxiliar na resposta:

Figura 1: Alunos sem máscara, na fila para pegar a merenda.



Fonte: autoria própria.

3) Período de isolamento

- a. O que você sentiu no período em que teve de estar longe das pessoas, dos colegas, dos estudantes?
- b. Você teve contato com algum estudante durante o tempo de isolamento? Como foi esse contato?
- c. Qual a sensação de ver o pátio da escola vazio? pensando no longo tempo em que ele permaneceu assim?

Observar a **Figura 2** para auxiliar na resposta:

Figura 2: Pátio da escola vazio.



Fonte: autoria própria

4) Período pós isolamento

- a. Quando você retornou para escola? Como você se sentiu?
- b. Quando os estudantes retornaram, quais foram as suas sensações?
- c. Como os estudantes retornaram? Eles estavam diferentes?
- d. Qual o maior desafio que você tem enfrentado nesse pós isolamento?
- e. Acompanhe a leitura do trecho abaixo e expresse o que você sente ao ouvi-la:

“Educar es un proceso de transformación en la convivencia de todos los actores involucrados y, si queremos que nuestros niños y niñas crezcan como seres autónomos en el respeto por sí mismos y con conciencia social, tenemos que convivir con ellos respetándolos y respetándonos en la continua creación de una convivencia en la colaboración desde la confianza y el respeto mutuos”

“Educar é um processo de transformação na convivência de todos os atores envolvidos e, se queremos que nossos meninos e meninas cresçam como seres autônomos no respeito por si mesmos e com consciência social, temos que conviver com eles respeitando-os e respeitando-nos na contínua criação de uma convivência na colaboração a partir da confiança e do respeito mútuos” – Tradução Livre

Humberto Maturana y Ximena Paz Dávila. Desde la matriz biológica de la existencia humana. **Revista PRELAC**, Chile, 2006, n.2, p.30-39.

APÊNDICE C - Transcrição grupo focal

Grupo posicionado em meio círculo, com a pesquisadora sentada na ponta. Ela inicia a gravação:

Pesquisadora1: Quero agradecer primeiro a presença de vocês. É muito importante para mim ter vocês aqui, vocês sabem que eu tenho um carinho por vocês. Escolhi vocês a dedo porque eu sei que (risada), os profissionais que vocês, as pessoas que vocês são e vocês vão contribuir também com o meu trabalho. Né! Como eu entreguei para vocês o termo de consentimento lá explica mais ou menos o meu projeto, mas só pra vocês entenderem, eu preciso gravar tanto visualmente, quanto só o áudio né pra eu poder conseguir ver depois e utilizar as informações no meu projeto. Aí aquilo que vocês não quiserem por exemplo que entre na descrição, ou que faça parte do meu projeto, eu vou enviar isso pra vocês, daí vocês vão poder olhar o que foi transcrito, o que vocês falaram e aquilo que vocês não concordarem vocês podem retirar. E aí eu não vou utilizar no meu trabalho, então vocês têm o direito de falar eu não quero responder isso, eu não quero falar sobre isso, ou eu não sei o que falar. Vocês têm o direito de escolher o que vocês vão falar ou não, tá? Vocês têm total liberdade.

Pesquisadora2: É então, meu trabalho, ele é sobre as relações, né! Sobre as relações interpessoais no ambiente escolar após o isolamento social na pandemia da Covid-19 a luz da Biologia do Amar. E o que que significa isso, né! Depois da pandemia a gente teve um longo processo de retorno, em que a gente se questionou bastante o que a gente estava fazendo na educação, e uma das coisas que me incomodou bastante foi que a gente retornou e parecia que não tinha acontecido nada, né! Então a gente retornou como se nada tivesse acontecido e a pandemia foi só um processo e as pessoas faleceram, perdemos pessoas importantes, inclusive aqui na escola. Parece que no outro dia a gente acordou e a pandemia tinha acabado e nada tinha acontecido e a gente teve que voltar para o trabalho, é com força né? Com medo? E a gente teve que tá aqui e a gente não teve tempo pra conversar, pra falar sobre o que a gente sentiu, sobre o que a gente passou. E aí essa foi uma das minhas angústias, e também um dos motivos pelos quais eu quis fazer esse trabalho.

Pesquisadora3: Então, o objetivo do meu trabalho é compreender as mudanças emocionais vivenciadas no ambiente escolar após o isolamento na pandemia da

Covid-19, usando como referencial teórico a obra de Humberto Maturana. É, o Humberto Maturana é um autor Chileno, muito importante na minha trajetória acadêmica, quando eu tava na graduação, ele foi um autor que eu usei muito na produção do meu TCC né. E o que ele fala mais ou menos, ele traz uma nova visão para a Biologia, uma nova forma de você olhar, por exemplo, para os seres vivos. E aí isso foi no começo dá, vamos dizer assim, no começo não, mas mais pro final das produções dele né. Quando ele estava mais próximo assim, quando ele começou a amadurecer um pouco o entendimento dele, ele começou a voltar o entendimento dele para a educação. Ele começou a pensar de que forma a educação deveria ser realizada e aí de alguma forma o que ele traz acaba tocando um pouco, por que ele fala que o que move a gente na verdade não é a razão, e sim a emoção. E a principal emoção que nos move é o amor né. Então isso e toda essa literatura dele é o que me movimenta ultimamente, é com o que eu gosto de trabalhar. Um autor super conceituado assim, vamos dizer na área da Biologia né, e está sendo bem reconhecido agora. Ele faleceu recentemente, tinha mais ou menos noventa e poucos anos. Então a obra dele é bem extensa, traz bastante coisa e aí a partir disso né, a partir dessas inquietações eu fui juntando a com b e deu c né? Então eu vou trabalhar com essas emoções, com o que vocês colocarem aqui, com o que a gente colocar aqui, pra tentar mostrar também pras pessoas um pouco do que foi esse momento tão importante na nossa vida. E o quanto isso modificou a gente pra bem, pra mal, como que foi e em que situação, certo?

Pesquisadora4: Antes da gente começar, eu queria que cada um falasse aí um pouquinho de quem é você? É sobre como é a sua trajetória assim, não precisa se estender muito, pode ser algo pontual, algo que você acha assim mais importante e resume sobre quem você é.

Os participantes se olham, abrem sorrisos

William5: Bom, posso começar?

Pesquisadora6: Pode

William7: Bom, meu nome é William né, eu tenho 34 anos, é sou uma pessoa bem acolhedora. Gosto muito de ser [..], lidar com o próximo, e a minha questão meio pessoal hoje, é o tema principal da questão da agressão, até mesmo das obras do Humberto é amar o próximo, sempre adorei amar o próximo. Agora na minha vida

profissional, eu amo o que eu faço, dizia um colega meu na reunião, a profissão não é algo que você escolhe, mas sim ela que te escolhe.

Pesquisadora8: E o que você mais gosta de fazer?

William9: Assim, o que eu mais gosto de fazer é estar ao lado de pessoas, de pessoas, quem eu amo, ou até mesmo pessoas que eu não tenho muito afinidade, mas pra tentar conhecer, até mesmo tentar entender, como que é conhecer uma pessoa que você nunca viu, e como que é fácil lidar com pessoas que você nunca viu, pra tentar ou até mesmo amá-la né. É isso mais ou menos.

Miranda10: Eu sou a Miranda, bom dia, obrigada pelo convite, e sou professora já, estou na fase da aposentadoria, tenho 63 anos, amo muito o que faço. Faço com muito amor, né? Tento entender os alunos, eu acho que a gente tem que mais ouvir do que falar, é uma troca né, professor e aluno. E eu acredito muito nessa pedagogia do amor, tem hora que a gente né, se estressa porque é uma profissão estressante, porém, gratificante demais. A gente vê é, esse aluno caminhando na vida, isso pra mim é, não tem nem explicação, é amor, muito amor no que eu faço.

Pesquisadora11: O que você mais gosta de fazer M?

Miranda12: Eu amo estar com a família, amo viajar, viver. Eu acho que viver, é todo momento é viver, é estar aqui nesse momento é uma vivência muito bacana né, que aí conhecer os colegas, já conhece um pouquinho, mas é todo momento a gente tem que viver. Porque a vida é assim (gesto com as mãos representando o tempo passando), um sopro né. (gesticulando positivo com a cabeça).

Alex13: Sou o Alex, é então como você mesmo disse né com a fala do Humberto a questão do amor né, agir com mais com a emoção do que com a razão né, é a mesma situação aqui da prô né, eu segui essa trajetória que o W falou né, a profissão que te escolhe, ela me escolheu. Tive boas, ótimas influências aqui ó (aponta e segura na Miranda), foi minha prô também né, ela entrava e eu já observava isso desde a minha primeira série ali no Padre Sérgio. O professor entrava e eu já ficava olhando o jeito dele dar aula, o jeito dele tratar o aluno, se tratava mal, não vou ser assim não (franziu a testa e balançou a cabeça em negação). Você tem sempre, tem essa mania de acolher bem, trazer pra mim, mesmo aqueles que dão trabalho tal, o que tá acontecendo? Não é bem assim, porque se perde muito. Que nem ela mesma falou é, a gente quer ver crescer aí fora, não seguir pelo caminho errado. O que eu mais

gosto de fazer na minha vida é trabalhar, estar com pessoas que eu gosto muito, ouvir minhas músicas, viajar sempre que dá né, ir pro cinema que eu adoro um filme também, meu mundo é meio diferente, eu falo que eu sou meio diferente, cada um é né, mas eu tenho minhas peculiaridades aí diferenciadas. Então é mais isso mesmo, sou essa pessoa assim, sou bem acolhedora, carinhosa, é, paciente, não sei de onde vem tanta paciência, não sei da onde que vem tanta porque, até os alunos falam, nossa professor você é muito paciente. Ainda bem né, já pensou se fosse diferente. Então é mais isso mesmo.

Rosa14: Eu sou a Rosa, eu dou aula aqui na escola Jardim Alegria II, quem eu sou? Eu sou uma pessoa que costuma ser forte né, que não desiste muito fácil. Estou coordenadora, não era uma decisão assim que eu queria tomar, mas eu acredito que mudanças faz parte da nossa história né. E tudo que a gente faz assim que é diferente atribui conhecimento [..], no caso da coordenação conhecimento. Eu era antigamente, eu iniciei como faxineira na escola em 2008. Meu sonho era ser professora ou atriz, desisti de ser atriz, por conta de bastante coisas (risada). Aí optei pela profissão de professora, mesmo antes de lecionar eu já ajudei muita gente que é familiares e amigos a ingressar no concurso público, a terminar o ensino médio, mesmo antes de dar aula. É, eu comecei como servente, aí virei inspetora de alunos, depois ingressei como professora e agora estou na coordenação. Amo dar aula, voltaria agora mesmo pra sala de aula sossegadamente. Aliás eu ainda dou aula né, porque no cargo da coordenação a gente pode estar em sala de aula quando tem aula vaga, eu entro dentro da sala, eu dou aula. É, adoro essa parceria aqui, é como todo cargo a gente tem problemas né e tem os, as coisa que são agradáveis né, e a parceria com os nossos professores aqui, eles são, tudo o que eles falaram acho que a gente se identifica com isso, e tudo que eles falou aqui, porque embora a gente seja diferente, grande parte aqui do que eles são em sala de aula é o que nos torna diferente, é o que nos torna com que os alunos ouçam a gente, porque que o aluno ouve a gente, porque a gente escuta eles, porque a gente somos parceiros deles, porque a gente ama o que a gente faz. De verdade, todos aqueles que estão aqui amam o que a gente faz e é isso que torna diferente, é isso que um aluno escuta, é isso que um aluno ouve, é isso que faz a diferença na vida dele. Porque assim como fez a diferença na minha vida eu acredito na educação, eu acredito que a educação faz a mudança na vida de todo mundo, é isso que faz a diferença na vida deles. Muitas vezes muitos

professores reclamam do aluno indisciplinado, é mais esses que estão aqui, é quando recorda um aluno indisciplinado que muda a vida dele, é o que faz a gente crescer de verdade né, porque pegar um aluno que não tem dificuldade nenhuma, pegar um aluno que realiza tudo, um aluno que faz tudo ele vai por sí só, sozinho. Agora quando a gente consegue conquistar um aluno que ele tem dificuldade, que ele é indisciplinado, nossa eu acho que isso daí é o auge da nossa profissão, porque a gente sabe que lá na frente, quando ele chegar na gente lá fora ele vai falar; nossa prô você me incentivou a mudar minha vida. Então, eu acredito muito na pedagogia do amor, eu acredito muito, eu não ouvi ainda história desse autor que a Bia falou, mas eu vou olhar, eu já me interessei.

Pesquisadora16: O que você gosta de fazer R? O que você mais gosta de fazer?

Rosa17: Olha eu amo dar aula, amo, amo trabalhar em grupo, em conjunto, é que nem eu falo, a gente é uma equipe, tem que trabalhar junto, mas eu amo estar em família também. Amo ser mãe, por sinal eu falo assim, por mais problemas que você tiver na vida eu faria tudo de novo, só pra ser mãe e criar meus filhos.

Miranda18: Eu queria ter mais três filhos

Pesquisadora19: Você adota Miranda

Miranda20: Eu já tenho um monte, olha os alunos, ó quantos filhos

Rosa21: Risada

Alex22: Sorri

William23: Era isso que eu ia falar agora

Miranda24: Por isso, é por isso que eu trabalho em projetos né, final do ano tá aí o projeto natal que eu quero tá ali ó, quero proporcionar um momento diferente pra essas crianças, pra essa comunidade, isso faz muito bem pra gente, mais pra gente do que pra eles né, mas eu amo.

Pesquisadora25: Bom, faltou eu. Deixei vocês se apresentarem né (risadas). Bom quem sou eu? Bom eu sou a Beatriz, é tenho 27 anos, tô a quatro anos na educação. Meu sonho quando eu era pequena era ser veterinária, médica, mas aí os anos foram passando, quando a gente chega no terceiro ano parece que é o divisor de águas. Aí eu acho que a educação escolhe a gente porque não sei o que aconteceu no terceiro

ano, parece que foi um brilho mais, e a educação falou mais alto. E eu sempre quis Biologia, ciências era a matéria que eu sempre mais gostei, sempre me peguei mais quando eu era menor né, quando eu estava no ensino fundamental. E aí eu fui fazer Biologia, mas eu queria e bati o pé até conseguir, eu queria fazer tanto licenciatura quanto bacharelado, porque na minha cabeça eu pensava que eu não poderia ser professora se eu não pudesse saber como que é dentro de um laboratório, como que é ser um cientista. E aí só depois com um tempo né aprendendo, e estudando eu percebi que nós professores somos cientistas. A gente acha que ser cientista é tá dentro de um laboratório, cheio de monte de objetos, com um monte de projetos ali voltados pra ciência, pra saúde, mas não, a gente faz ciência na escola, a gente estuda com os nossos alunos. Pois, a gente faz projetos que são ciência né, então ciência não é só o lado saúde, é o lado história, é o lado língua portuguesa, é o lado matemático né. Então, ciência tá em tudo né, então a partir do momento que eu comecei entender o quanto estar em sala de aula era também proporcionar a ciência pros meus alunos foi quando isso começou a mexer mais com o meu coração, e aí eu larguei o laboratório e falei não, é a aula que eu quero. E aí foi aqui, onde eu cheguei, e algo que eu mais gosto de fazer é estar com as pessoas que eu amo, que mexem com o meu coração que me fazem feliz e dar aula né.

Miranda26: E viajar né.

Pesquisadora27: Viajar eu gosto bastante, verdade (risos). Mas são coisas que eu gosto bastante de fazer né. Então, né pra vocês entenderem um pouquinho como vai funcionar, eu dividi em três momentos, o momento em que a gente vai falar do período de pré-isolamento, é o antes, como que era antes, como a gente se sentia antes. Depois no período de isolamento, como foi, como que a gente se sentiu, o que vocês sentiram né. E depois no período de pós-isolamento né, como que está sendo esse pós, porque a gente ainda está no pós.

Alez28: Um pós bem longo

Período pré isolamento: A (antes)

PesquisadoraA29: Então, nesse primeiro momento, nesse período de pré-isolamento. Eu trago aqui uma imagem de uma sala de aula né, ali uma professora com alguns alunos ali prestando atenção e fazendo a atividade. E essa é basicamente a imagem que a gente tem da educação antes da pandemia. E aí eu queria que vocês

colocassem como vocês se sentem, qual é o sentimento, a emoção que vocês tem ao recordar esse momento antes desse bum né, desse momento de isolamento que a gente teve que mudar muitas coisas. Então como que era esse antes de tudo que aconteceu?

AlexA30: Posso

PesquisadoraA31: Pode

AlexA32: Quando eu vi o primeiro anúncio né, inclusive eu tava passando em frente a televisão ai eu vi o Tédra, o Tédra lá da OMS falando né o surto de covid tudo mais, até falei, comentei com a minha mãe, falei assim, se esse homem declarar pandemia, eu creio que fosse só uma epidemia que é mais ali (gestos com a mão fechando um círculo), a gente já fica ali preocupado, mas se ele falar pandemia, ai pronto. Nunca tinha ouvido falar sobre essa questão mesmo de corona vírus, e depois mesmo eu vim descobrir que existem outros, mas exatamente esse teve todo esse processo. Então, depois de uns dias o cara tava dando entrevista de novo, aí uma prô la da outra escola; ó o ministro lá, a OMS declarou pandemia. Né, agora ferrou tudo, aí veio aquele medo né, aí você já começa a pensar na família, começa a pensar no trabalho, em você, né e fica essa questão. Virou o ano, janeiro, fevereiro a gente em sala de aula, já começou naquela situação. Aí março e tava se espalhando, se espalhando, primeiro caso no brasil e tudo mais. Aí já veio aquele susto, eu fui uma daquelas pessoas, que não entenderam muito bem, tanto que teve um dia que eu fiquei tipo apavorado, eu pensei que ia ter uma crise de ansiedade, por causa, uma crise de pânico por causa disso eu comecei a pensar né. Aí a gente imagina, já vem na nossa cabeça aquelas questões de filme, de série e tudo mais, mas não, aí depois eu sentei tudo direitinho, falei não, vamo vê como vai ser isso daí, então, esse pré isolamento aí. Aí acabou tendo que ficar em casa, os alunos saíram primeiro, a gente ainda continuou vindo, trabalhar até um período, até que todo mundo em casa, aí já vai pro próximo.

PesquisadoraA33: Não, e qual foi assim a sua, o que você sentiu assim, e o que você sentia na sala de aula nesse período tipo antes dessa pandemia, como que era essa sensação antes de tudo isso acontecer?

AlexA34: Era o medo, o medo desse como as famílias lidariam com isso, porque umas tem muitos filhos, então, é mais trabalho ali com relação a manter isolado, distanciado,

é tomar as devidas precauções ali de mão, álcool. Mas a questão de quando eles estavam vindo ainda, essa questão do, de tratar isso na escola, como a gente ia desenvolver esse trabalho, ter essa conversa com os alunos. Então, o medo não só comigo, era o meu trabalho, era o maior ali, mas é isso.

MirandaA35: Quando era antes tudo normal, né, entre aspas, muito difícil pra dar aula também, não porque está agora depois do isolamento que mudou, não mudou, tínhamos as nossas dificuldades de dar aula né, mas nada tal, por quê. Aí uma semana antes aula tudo bem, normal, trabalhamos, quando chegou na semana que a televisão começou a mostrar e as crianças já vinham e levaram tudo no oba oba, se entendeu. Aí ele pegava no outro e falava, a vou te passar, aí aquele que era mais assim, prô eu vou morrer, falei não um dia todo mundo vai morrer né. E aí veio, me lembro dia 16 de março viemos pra escola e aí foi todo mundo ficar em casa, aí você imagina pra passar pras crianças, eles ficaram apavorados, saíram aqui né foram embora tudo, naquela gritaria, outros levando tudo na brincadeira, e eu falei meu Deus, o que será de mim, por que até então eram os idosos, né seriam os idosos que estavam em risco. Falei pronto, idoso e quem tem mais de sessenta anos fica em casa, aí fiquei em casa foi aquele pânico, e aí você vê os vizinhos sumiu do mundo, nem na rua ia, porque ninguém sabia como funcionava, como seria essa doença. Aí em casa eu sentia os sintomas, eu começava a sentir os sintomas, crise de choro, aí veio a aula online e aí começou, chamada de vídeo, tal, mas não foi a mesma coisa, foi muito triste. Primeiro dia que avisou foi assim, a_pa_vo_ran_te! Mas a gente tinha que viver aquilo, até quando não sabíamos, quem voltaria, e perdemos muita gente né. Então esse, foi apavorante, meu Deus, gosto nem de lembrar (Balançando a cabeça em negação, lábios juntos com um sorriso fechado)

RosaA36: Bom, o pré a gente ainda tava com aluno, enquanto com aluno, o professor e o brasileiro ele tem costume de viver em sociedade, isso é fato, a gente não ta preparado pra uma pandemia. Na verdade, eu acredito que muito o que ocasionou o problema psicológico, neurológico nos estudantes advém do que tá acontecendo aqui. Por que eles voltaram tão angustiados? Porque eles voltaram tão problemáticos, porque ninguém aqui no Brasil está acostumado a viver em isolamento, a gente é um país que é muito aberto né, é muito carinhoso, muito, é muita festa, é muitas culturas e investimentos ao público e a gente não ta acostumado com o isolamento. O pré isolamento a gente ainda tava em sala de aula, e ninguém esperava que de uma hora

pra outra a gente ia ter esse isolamento. Porque o que tinha pra gente de informação até então, que tava em outros países, a gente acreditava que ia chegar até na gente, mas, a gente na verdade tinha aquela pontinha de esperança de que não fosse ocorrer, e aí a gente teve momentos em sala de aula ainda né. Os alunos perguntavam, a gente ainda tinha algumas dúvidas, enquanto professor a gente tinha dúvidas, imagina eles, se ia mesmo acontecer ou se não ia. Então, a gente conversava, dialogava com eles, falava, que podia acontecer, mas não tinha certeza. Enquanto, o pré a gente ainda tava na sala de aula, já tinha receio, tinha medo, a gente ainda tinha esperança de que não fosse acontecer o isolamento social. Então, é, problemas na sala teve, tinha, ainda temos e teremos, por que todo mundo é diferente.

PesquisadoraA37: Sim.

RosaA38: A gente, enquanto, [..], na própria casa é no próprio relacionamento humano com seus filhos, com seu marido, com a sua família, é a gente tem aquelas crises não tem, não tem momentos de crise, então em uma sala com trinta pessoas diferentes a gente vai ter isso também, isso é fato. Então, anteriormente tinha problema, a gente tinha só que eu acredito que agora, você vai fazer a fala daqui a pouquinho né, então a gente entra nisso daqui a pouco.

WilliamA39: A respeito do pré isolamento né, o famoso antigo normal, é que pra mim cara, quando aconteceu o pré isolamento eu estava começando na educação. Então tipo, tava tudo muito novo, então, tendo um convívio com os alunos né, a situação mais, a questão do pré isolamento foi uma angústia, por que igual a prô falou, por que a angústia? Porque o, o público alvo era pessoas maiores de sessenta anos né, e as pessoas que eu mais amo na minha vida tem mais de sessenta anos. Então, pra nós foi uma, aliás pra mim foi uma questão de muita dificuldade, de ver a minha mãe, minha vó, né, fechados, até mesmo fechadas, meus dois avós também né, não poder nem chegar próximo deles. E o pior ainda foi o que de, de tá querendo ver eles lidar com a comunicação, com a tecnologia, isso foi pior. Mas agora a respeito dos alunos dentro de sala de aula é igual a prô falou, os alunos era várias perguntas né, vários porque e os o ques né, e nós também estávamos sem saber o que estava acontecendo, mas assim o pré isolamento ele nos trouxe um momento, a fragilidade, acho que, como nós podemos ser tão fortes e não podemos demonstrar a fragilidade

pra eles né, e ao mesmo tempo tão fraco. Mas, assim, o pré isolamento na minha questão de vida foi um dos piores momentos, porque eu não sabia o que fazer, o que transmitir, e o que que ia acontecer, esse foi o pré isolamento pra mim.

PesquisadoraA40: Se vocês tivessem que usar uma palavra pra definir esse período assim antes, qual palavra vocês, é usariam pra definir esse momento, esse sentimento, que vocês sentiam? Tipo

WilliamA41: Eu vou falar assim primeiramente igual todos vocês falaram, viva o hoje, viva o hoje, que amanhã só pertence a ele, amar mais, amar mais o próximo

PesquisadoraA42: E a palavra, uma única palavra assim que você

WilliamA43: Amor

PesquisadoraA44: E vocês?

MirandaA45: Cumplicidade né, cumplicidade também, amor

PesquisadoraA46: E você A?

AlexA47: Também, eu me lembro até hoje o que eu falei na, lá no PPA né, [.], eles tavam saindo e eu falei gente se cuidem em se cuidem. Cuidem de vocês, cuidem dos seus familiares, muitos foram embora [.], a palavra é essa mesmo

PesquisadoraA48: E você Rosa?

RosaA49: É empatia né, se colocar no lugar do outro, que é assim, é a gente teve varias indicações de protocolo de segurança, é e a gente passou isso pra eles, que como a gente está em um país em que realmente a gente não ta preparado pro isolamento social, é a gente tinha que colocar na consciência, pra eles, pra que eles não fossem o tempo todo pra rua, pra que eles respeitassem os mais velhos, pra que eles percebessem que, tinha muita gente indo trabalhar gente, ia ter que trabalhar. É, alguns parou, parou, mas teve muitas gente que foi trabalhar, e aí vinha pra casa e tava um senhor de idade como falou todo mundo aqui, que foram os primeiros né que ficou mais, é como que se diz? Isolados, que teve que ficar mais isolado, ia tinha que proteger, esses senhores de idade né, pra proteger tinha que usar o protocolo de segurança. Então, imagina se colocar no lugar dele.

PesquisadoraA50: E aí ainda pensando nesse período de pré isolamento, como que a gente poderia dizer em relação ao espaço de sala de aula, esquecendo um pouco

do período de pandemia, assim, do pré pandemia assim. Como que era esse espaço em sala de aula, como que era a relação de vocês com os alunos, antes disso tudo acontecer, antes da gente imaginar que ia existir uma pandemia?

MirandaA51: A relação era boa né, existia aquela troca de conhecimentos né, aluno-professor, difícil, um aprendizado muito duro, árduo né, porque aluno é aluno, ele só passa assim de um ano pro outro né, mas é a mesma coisa né. Então, o aprender, o ensinar é difícil. Você tem que estar sempre se virando ali, você entra numa sala uma situação, você na outra é outra completamente diferente, e é a mesma aula, né. Então, é era complicado, mas prazeroso.

AlexA52: Aí vem aquela questão também é, a pandemia ela veio acrescentar um problema a mais na vida deles né, a gente, nós já tínhamos nossos problemas em sala de aula, os problemas deles né que traziam de lá pra cá, veio a pandemia só piorou. É muitos alunos, nossa realidade é que, aqui pra ele é um momento de paz né, as vezes chega em casa e tem um problema lá com o pai, com o padrasto, com a madrasta, aí na escola ele vem como um; aqui pelo menos eu tô livre, mas já sabendo. Aí teve que ficar em casa, então ele não tinha mais a escola, então assim, eles voltaram é, fiz uma comparação com o pré, nós já tínhamos nossos problemas e eles voltaram com um a mais, de toda essa questão do estar em casa.

PesquisadoraA53: Aham

WilliamA54: A questão do período do pré isolamento né como foi, foi tenso, foi difícil, porque era, nesse caso era poucos alunos né, mas aí os alunos que estavam também, eram os alunos que queriam focar mais, também, o difícil era saber o que os alunos estavam vivenciando naquele momento lá dentro da residência deles né. Como que era aquela questão [..], essa era a questão.

PesquisadoraA55: Quer comentar alguma coisa?

RosaA56: Você mostrou uma sala de aula cheia, e uma sala de aula vazia e a gente tá falando de um pré isolamento ainda.

PesquisadoraA57: É

RosaA58: Esse é um

PesquisadoraA59: É eu, é na verdade eu trouxe essa imagem mais no sentido de a gente pensar na disposição da sala de aula, como que era essa sala de aula antes da

gente imaginar a pandemia, entendeu? Porque por exemplo, ali que a gente traz, a gente percebe que a gente tem por exemplo uma lousa e as carteiras né.

RosaA60: Vazio, é uma sensação triste, gente. É isso que eu queria dizer, porque, é, como é um pré né, a pandemia não aconteceu ainda, então não tem carteira vazia ainda

APesquisadoraA61: É porque aqui eu quis trazer a disposição do ambiente né, como que era esse ambiente antes da gente entrar na pandemia, pensando tipo

RosaA62: A gente antes.

APesquisadoraA63: Pensar no recurso, por exemplo desse ambiente, como que era os recursos que a gente tinha antes desse período de pandemia, mais nesse sentido assim.

RosaA64: Então o recurso, a metodologia, o professor ele trabalha em sala de aula, né, e totalmente de forma diferenciada. O professor que é meio tradicional, que agora tá tendo várias transformações né, que tem que ter, que o aluno é do século XXI, não é aluno do século XIV, não é aluno do século XVI. Então, a mudança tem que existir

PesquisadoraA65: Sim

RosaA66: Mas, assim, eu olho pra quela sala de aula antiga, eu olho pra essa aqui, meu eu sou, aquela transformação, aquilo é maravilhoso, a sala cheia, cheia de aluno, vai ter problema vai, mas você olha pra uma sala de aula vazia, da uma angústia, um desespero, aí vai entrar no que a gente vai conversar daqui a pouquinho sobre o isolamento

Período de isolamento: I

PesquisadoraA67: Aham, sim, é o que a gente vai entrar agora. E aí então, é, vocês colocaram esse momento de pré isolamento, trouxeram bastante sobre a sensação que a gente tinha né, do como foi receber a notícia do isolamento, e eu também me recordo de quando a gente estava na escola que a gente fez ações pra tentar explicar o que era Covid, e aí os alunos fizeram cartazes e a gente espalhou pela escola, e a gente não sabia muito bem o que fazer, como remediar, e a gente foi encontrando as nossas formas né de tentar lidar com essa situação. E aí veio o momento de isolamento, e aí nesse momento de isolamento que a R mesmo falou aí, a gente tinha salas completamente vazias, então a gente não tinha os alunos. Então tipo, como que

foi esse momento de agora eu tô em casa, porque a gente voltou pra casa né, a gente ficou em casa, e a gente recebeu um período ali de férias né, então a gente não tava trabalhando ainda né. Então, no primeiro período ali de isolamento a gente estava em casa aguardando maiores informações, e aí depois desse período que a gente ficou em casa, então, esse período que a gente ficou sem afazeres escolares né, sem trabalho, e depois quando a gente voltou a trabalhar remotamente, como que foi esse momento?

Rosal68: O período em casa de férias uma delícia né gente, quem é que não gosta de férias, férias é maravilhoso, tá com quem você ama, tá lá presente, tá trabalhando com os seus é filhos, marido, enfim, férias é maravilhoso. Agora, quando você entra de férias, que você vai ficar o tempo todo em casa, que na verdade não foi férias.

Pesquisadoral69: É

Rosal70: Você voltou pra dar aula, você trabalhou muito mais em casa do que no presencial.

Pesquisadoral71: Sim

Rosal72: No sentido de que você tava numa transformação tecnológica enorme, tem muita coisa que você não sabia antes da pandemia que você teve que aprender durante a pandemia. É, professores que tinham problema com tecnologia teve que aprender milhões de coisas né, teve que aprender a trabalhar com Teams, teve que aprender a trabalhar com whatsapp, teve que a aprender a trabalhar com é Meet, é então, foram várias transformações em sala de aula, inclusive o Centro de Mídias, que mudou totalmente a vida do professor. Então muita gente achou que o professor tava de boa, que ele tava trabalhando em casa e não tava fazendo nada, eu pelo menos no meu sentido, que ali eu tava enquanto professora, eu ainda não tinha entrado na coordenação, é eu sofri demais. É primeiro, eu tô acostumada com o publico, eu tô acostumada com as pessoas, eu amo isso, se eu não amasse isso eu nem taria dando aula, de verdade, porque, pra tá dando aula você tem que gostar de tudo, você tem que gostar de pessoas. E aí você entrou no choque, eu entrei num choque tremendo, primeiro o isolamento já foi horrível, segundo é, a tecnologia eu tinha muita dificuldade quando eu entrei na faculdade, depois que eu entrei na faculdade eu tive que aprender bastante coisa, mas o período de isolamento pra mim foi fundamental pra descobrir novas coisas na área da tecnologia, porque, que nem eu falei pra mim, o computador

quando eu era mais nova quando eu tinha entrado na faculdade era um bicho, é pra se rir, mas é verdade, e aí eu entrei na faculdade e vi que mudou totalmente meu estilo de vida, tive que aprender um monte de coisas, mas a pandemia foi essencial pra mudança de tudo. Eu assim, pré isolamento foi difícil, foi, mas o período do isolamento pra mim foi o pior, porque, assim, você não trabalha só em casa no sentido de você ter que fazer mudança você, graças a Deus eu sempre fui uma professora que tive muito contato com o aluno. Então, assim grupo de WhatsApp eu mesma montei vários grupos no ensino médio, eu ajudei vários professores, que nem eu acredito que todos esses aqui também ajudaram, porque eles são comprometidos em sala de aula, porque eles são muito ativos e gostam de lidar com alunos, e são muito participativos, e eles tem contato de mãe e pai com eles. Então, essa parte é de construir a sala de aula eu consegui, mesmo porque eu moro na comunidade, então eu conheço muita gente daqui, conheço tio, conheço primo, conheço amigo, conheço vizinho. Então, eu tive essa facilidade aí nesse sentido, mas mesmo nessa facilidade no sentido de montar a sala de aula, os alunos no começo quando eu dava aula no grupo whatsapp, porque muitos não conseguiam atingir o centro de mídias, muitos não tinham internet adequada, muitos tinham dificuldades por conta disso, é fácil você falar assim do centro de São Paulo, onde os alunos têm tecnologia

Pesquisadoral73: Sim

Rosal74: Aqui muita gente mora, gente, é que nem a professora Laura de história, quando ela deu aula ela falou, é, tinha uma aluna que ela ia dar aula, era uma, um cômodo pra oito, nove crianças e ainda assim, não tinha um lugarzinho bonitinho pra estudar. Então foi um sofrimento pro aluno e foi um sofrimento maior pra gente.

Pesquisadoral75: Uhum

Rosal76: Porque primeiro a gente não conseguia atingir todo mundo, e isso pra quem gosta de lecionar, pra quem gosta de dar aula é angustiante, então pra mim o período de pré isolamento foi difícil, mas o isolamento social foi muito pior. Sem contar, fora a angústia e o sofrimento que você não conseguia atingir todos os alunos, porque a gente não conseguiu, a gente correu atras, mas a gente não conseguiu. Muitos assim a gente vai ter que fazer essa recuperação, esse aprofundamento agora, na volta, porque antes não conseguiu. Ainda que tinha sobrecarga de trabalho, porque ali a gente é mãe, a gente tem que lavar roupa, tem que limpar a casa.

Pesquisadoral77: Verdade

Rosal78: Tem que dar conta de marido, a gente tem que dar conta de aula, e mesmo a gente, e olha só gente, a gente que ainda tinha um lugar pra ficar sofreu, sofreu, porque é não foi fácil.

Pesquisadoral79: Não mesmo.

Rosal80: Né, você tinha que dar conta do seu serviço, mas você tinha que lavar, passar, cozinhar, tudo ao mesmo tempo dentro da sua casa.

Pesquisadoral81: E ainda tinha a questão da pandemia ainda, das pessoas.

Rosal82: Analisa, a gente quanto adulto que tinha espaço, que dava pra fazer uma aula assim, mais ou menos diferenciada, num quarto ou num lugar isolado a gente sofreu, imagina aquele estudante que não tinha gente?

Pesquisadoral83: Sim.

Rosal84: Pra mim foi muito pior, o isolamento, olha Deus me livre voltar a passar por isso.

Wiliaml85: É falando de isolamento né, ainda gosto de colocar assim né isolamento versus tecnologia internet né, porque era muito difícil mesmo, era um conflito direto praticamente né, de você achar, até mesmo de você conversar com os alunos, ainda bem que eu estava aqui, estou em grupo muito bom, igual a Rosa falou, que conhece, nossa ela me deu muito suporte, professor vai por aqui, os alunos é assim. É, pra mim o isolamento teve vários aspectos, tanto positivo quanto negativo. Eu gosto de começar a falar como positivo, pra mim o positivo foi em qual questão, meu, no isolamento eu tive a honra, a dádiva de ver a minha filha nascendo né, a Julia, então como pai foi ótimo, mas ao mesmo tempo o lado ruim, que você observava ou via até mesmo nos noticiários, muitas pessoas morrendo, mas não só por questão da pandemia, mas também passando muita dificuldade de necessidade com questão de fome, de comida. E quando você começava a abordar a questão dos alunos, ou até mesmo falar com os alunos, ô isso virtualmente.

Pesquisadoral86: Uhum

Wiliaml87: ô me ajuda, vamo, tô aqui pra te ajudar, o professor tá aqui, vamos assistir as aulas, enfim, as respostas dos alunos, não todos, mas muitos alunos falou assim:

professor não tem nem como, porque eu estou aqui dentro de casa, estou passando necessidade, dificuldade financeiramente, tá meu, minha cabeça não está pra aula. Então, a dificuldade começa daí, foi uma das piores respostas, sabendo que você estava no seu lar, na sua casa, tinha alimentação, tinha emprego, e muitos pais, mães, perderam o emprego, os alunos sem alimentação que, todo mundo sabe que tem muitos alunos que vem no ambiente escolar, que faz aquela, só aquela alimentação, aqui dentro do ambiente escolar e dentro de casa passa uma dificuldade tremenda. Mas, a questão do isolamento foi difícil mano, muito difícil. Agora, igual o que a Rosa falou, nós homens, nós não conseguimos fazer as múltiplas tarefas né, igual vocês, imagina, você está no ambiente da sua casa e ter que ser mãe, pai, enfim, tudo ao mesmo tempo e ainda conciliar o seu profissionalismo, isso é muito difícil. Mas, é aquilo que eu volto ainda a falar mano, cada um né aqui está, cada um faz o que ama, mas assim, a respeito dos alunos em si era muito difícil, se era difícil pra eles, também era pro nosso lado. Que nem eu, não tenho muita agilidade, não tenho muito, minha conectividade assim questão da internet, precisava de ajuda, pedia ajuda, e também a questão da internet também falhava muito, você tava na reunião né, com os professores, coordenadores e diretores e a sua própria internet caia.

Pesquisadoral88: Atrapalhava

WiliamI89: Pra nós é difícil, e o outro lado era mais difícil ainda, então o isolamento foi, foi uma das questões que, eu nunca, eu não desejo nem pro meu pior inimigo, foi muito difícil

Mirandal90: Eu me senti assim sabe, sabe quando no meu tempo né a não fez a lição vai ficar de castigo, aí fica lá na frente, eu me senti assim, então, vem cá eu falei tô em casa vou ter que dar aula. Meu filho pegou covid, minha filha, meu genro, meu neto, e eu sendo maior de sessenta anos não podia ter contato com ninguém e aí, e tendo que trabalhar. Tive que ficar com as netas, também estavam em isolamento e ajudar nas tarefas, então, tinha não é, a agenda do meu horário tudo ali, marido trabalha ali num lugar que é CEASA, recebe gente de todo lugar, ele do portão já falava ó, ali você troca a roupa, ali você toma banho. Então, e o aluno, e o pai que chegava mandava áudio pra você chorando, porque o filho tá doente, não tem o que comer, igual o prô falou, e você tem que lidar tudo com aquilo e sua cabeça tem que tá assim, sua cabeça assim. E aí chegou o momento que nós fizemos, eu falei gente

tem que ter né, um momento com esses alunos que estão isolados, vamos fazer uma festa junina online. Eu falei, vamos chamar, ali nós, a gente não se divertiu?

Pesquisadoral91: Nossa, muito

Mirandal92: Tinha um olhar, foi muito emocionante, de olhar

Pesquisadora93: Oi prô!

Mirandal94: Oi prô! E aquilo ali foi maravilhoso, não foi Bia?

Pesquisadoral95: Foi

Mirandal96: Aí a Pamela, tava falando, vamo comigo? E monta charada, e vai aqui, e foi muito gratificante, era só essa forma, né. O vídeo confortava um pouquinho, mas foi difícil foi. Atividade não fazia, você vai fazer o que? Você recebe, você tem a sua casa, você tem a família, você tem o aluno, tem os pais, você vê ta com aquela carinha, não tem o que comer, que mora aqui, não é fácil. De ir na sua porta pedir, pra dar pro filho e você ter que segurar ali e sua casa tá, tendeu, mas graças a Deus, estamos aqui né (voz embargada, lágrimas, enxugando as lágrimas)

Rosa enxugando as lágrimas

Alexl97: Bom já falaram tudo aqui, mas não sei o que falar, mas assim como todos falaram, como todos vão dizer para as próximas gerações como foi difícil né, essa questão de você ter que ficar lá, aprender tudo, muita coisa eu não sabia mesmo, ia perguntando. Nas nossas transmissões, ó vai em tal ícone ali você clica, você consegue abrir, não sei o que, meu áudio não está funcionando, gente eu não tô conseguindo falar aqui. Travava a câmera da coordenadora, do coordenador.

Wiliaml98: Foi mesmo.

Risadas generalizadas

Alexl99: Gente ó, é desliguem os áudios que tá dando_

Rosal100: Interferência.//

Pesquisadoral101: Interferência.//

Alexl102: Desliguem as câmeras.

Pesquisadora103: As crianças passando lá atras né.//

Wiliaml104: Isso que eu ia falar.//

Rosal105: Graças a Deus não deu aquele problema que deu lá na, no, igual ô rapaz que estava na reunião, e era senador, não sei se vocês chegaram a ver na televisão, graças a Deus pelo menos esse problema a gente não teve.

William1106: Em uma dessas aí, meu filho passou pelado atrás de mim.

Alex1107: Aí ó, tá vendo.

Risadas generalizadas

Alex1108: E era, que nem o pessoal/

Rosal109: - É por que era casa né, é.

Alex1110: /O pessoal me perguntava, A você mora num sítio?/

Miranda1111: - É a rotina né.

Alex1112: /Tem um galo cantando. Eu falei não, não é um sítio não, é a galinha, o galo da minha mãe que tá cantando. Era meu sobrinho, era filhos de professores passando, gente chorando, gente pera aí que minha bebê acordou deixa eu ir lá, né. E era; aí esqueci minha panela no fogo, vou correndo, então, teve esses momentos assim né, esses memes né.

William1113: É//

Alex1114: Mas teve aquela questão mais séria também né, nem todos tinham internet, batiam na nossa porta, tem como você me ajudar? Gente, ó, mandava pros prôs, tem como disponibilizar alimentos pra tais pessoas, pra igreja, pra isso e aquilo. Questão dos alunos, uns que tinham atividade zerada, quando dava meia noite, se acordava no outro dia tinha atividade. Às vezes você tava lá com a cabeça, chegava; professor ó tô enviando atividade, você respondia ali né. Então, não deixava passar, né, ia falar gente eu vou atender de tal horário. Tinha professor, colegas, que eram mais regrados né, isso é uma particularidade dele, só atendia no horário da aula. Eu e acredito que todo mundo/

Rosal115: - Eu não consigo

William1116: - Eu também não

Alex1117: /Não dava, chegava mensagem já respondia, tava lá assistindo, via o celular tocando já respondia. Teve um momento que eu parei e falei, não dá, não dá, gente

não dá, eu preciso fazer minhas coisas. Tenho minha mãe que é idosa, tem o meu pai que é idoso, tem eu, tem minha vizinha de noventa, de oitenta e poucos anos que mora com o meu pai, que eu preciso tomar conta do meu pai que é meio né (gesto com as mãos), não vê que tá acontecendo uma pandemia, então tenho que tomar cuidado com ele, com a mãe dele. Ninguém da minha família ali pegou naquela época, minha mãe veio pegar esse ano, depois de tomar, ter tomado as três doses, ia pra tomar a quarta, ela com sessenta e seis (olhou pra cima), sessenta e seis anos, veio pegar graças, fumante, graças a Deus, não deu nada assim grave né, só ficou tossindo muito né_

Pesquisadoral118: Aham.

Alexl119: Não precisou ficar internada nem nada, na hora que eu vi o resultado lá eu olhei pra ela e falei, ela chorando né, e graças a Deus nada. Mas infelizmente muitos alunos não teve isso né, perderam a mãe, o tio, o primo, o irmão, é, não só exatamente pela Covid, mas por problemas psicológicos também, que foram causados por isso, mais os problemas que tinham. Então, gente foi horrível, terrível, foi apavorante. Então, assim, igual eu falei, é isso ficou na história, pra ser divulgada aí pras próximas gerações né, e que não aconteça de novo, que nem a gente se pergunta até hoje, foi um acidente científico? Foi proposital? Né, tem muita gente que cogitou ser uma arma biológica_

Pesquisadoral120: Uhum.

Alexl121: Pode ser ou não.

Williaml122: Tem vários porquês//

Alexl123: Os quatro porquês, que nós temos né?

Mirandal124: Né//

Alexl125: No português, os quatro porquês, mas assim, até hoje não tivemos uma, assim, uma resposta definitiva de o que realmente aconteceu.

Pesquisadora126: Uhum.

Alexl127: Né, então, foi bem apavorante, e tem mais uma circulando por aí não, não, não relacionada com corona né mais, tá aí.

Pesquisadoral128: E aí pensando nisso né, pra esse período de isolamento, eu trouxe aqui uma imagem típica.

Risadas

WiliamI129: É o famoso, ficou famoso.

Pesquisadoral130: É uma imagem típica aqui do nosso trabalho durante esse período de isolamento, e como que era trabalhar com essa tecnologia, lidar com os alunos nessa plataforma, que foi criada especificamente pra isso?

AlexI131: Eu acho que foi aqui no Alegria, não sei se foi lá no PPA que, se não me engano foi a Lidi que falou gente, alguém tem o áudio do sinal tocando que eu tô com saudade de ouvir o áudio, o sinal da escola, e alguém mandou no grupo da escola, o sinal da escola tocando. E essa musiquinha aí do centro de mídias que vai carregar_

Mirandal132: Que vai carregar na vida inteira//

AlexI133: Nós ainda continuamos, estamos né assistindo.

Pesquisadora134: A música já veio aqui na cabeça/

AlexI135: Já vem, os professores ali também aprenderam né. As vezes tinha um problema no microfone ali, pra nós também, ó não consigo entrar, e era os comentários que iam subiam, gente reivindicando aquilo, gente ó, tal lugar, sabe essa interação estadual que tivemos aí né. Esse era o nosso né, mais todo apoio, assim, essa tecnologia que nós tivemos que aprender também né, entrar em tal horário, acompanhar nossas aulas e direcionar nossas atividades pros alunos, pros alunos acessarem né, tem todo um trabalho. Então, o centro de mídias aí ajudou, ajudou bastante né. Infelizmente, nem todos nessa situação tiveram acesso, nem nós, principalmente nós, diferente de algumas coisas que eles colocavam pra que fossem trabalhadas né, mas não era aquela realidade, era outra, então a gente tinha que se adaptar aqui, aqui, porque se eu seguir lá, num dá, num dá eles não vão aprender né, não totalmente, mas. Foi, ainda tá sendo, é que a gente ainda assisti.

Mirandal136: É então, o complicado era aquilo né, os alunos, escreviam coisas nada a ver, aí você tinha lá chama atenção do aluno, você tinha que prestar atenção na aula, e o aluno, pra ele aquilo num, num levou a sério né, a minoria, acho que por sala uns cinco, foi muito né. E era muito, aquela musiquinha na cabeça, falei meu Deus

vou acordar, aí você ligava aquilo, aí você falava não, mas eu acho que o complicado ali foi o aluno né, acompanhar, nós acompanhamos, mas e o aluno? É muito horrível.

William137: É, a plataforma em si ela foi bastante atraente né, uma plataforma que nossa, ainda mais, ainda mais pelo pouco de tempo que teve né, pra estar preparando essa plataforma né.

Mirandal138: Pra adaptar//

Rosal139: Sim//

William140: E teve ótimos professores, mas igual o professor falou aqui/

Rosal141: - O de matemática eu tiro o chapéu.

William142: /Nossa, igual o professor falou aqui né, é mas é, aqui é outra realidade, e assim não tinha como, não dava, não tinha nem como cobrar assim do aluno a questão do ensino. Mas, assim, a questão da plataforma CMSP, é até nós também ficou um pouco vago, até mesmo não sabia o que tava acontecendo ou até mesmo meu, acho que isso que o professor tá falando não condiz com a nossa realidade com os alunos aqui periféricos né, não só aqui é em todo, todo Estado de São Paulo né. Mas assim, a questão do CMSP, o maior violão foi a questão da coletividade da internet pros alunos né. O governo veio disponibilizar chip pós meu, muito depois.

Pesquisadoral143: Sim.

William144: E como nós moramos um pouco mais distante, pra nós veio mais ainda mais tarde, mas se logo no começo eles já tivessem dado os chips, até mesmo o aparelho, algo desse tipo tal pros alunos, um suporte melhor, acho que até hoje nós estaríamos trabalhando com o CMSP, mas claro, dentro do ambiente escolar, mas sendo um carro chefe, tá dentro da sala de aula.

Pesquisadoral145: Uhum.

William146: E é isso o CMSP.

Rosal147: Bem, eu achei um aplicativo essencial né, porque se não fosse o aplicativo a defasagem seria maior ainda né, foi importante porque como diz ele surgiu muito rápido né, então precisava de uma coisa que já tivesse sido efetiva, e já era em Manaus né, já era utilizado, ele só adaptou na verdade pra São Paulo, aqui pra gente. Foi essencial, foi necessário, mas não conseguiu atingir todo mundo, por conta do

que? Por conta de realidade de cada escola que tinha a realidade de cada comunidade. E foi o que aconteceu aqui, depois de todo mundo. É, as aulas não era totalmente no momento das aulas do estudante, e aí o que acontecia, eu dava aula no ensino médio no noturno, os alunos do noturno muitos deles que eu conheço, Guilherme que eu dava aula, Beatriz que eu dava aula, muitos tavam trabalhando pra ajudar em casa, porque tava passando necessidade que entra de encontro com o que o professor falou. E aí a gente pegou essa crise aí também por conta disso, primeiro não era o horário da aula, o aluno entrava as cinco e saia as dezenove no caso, mas o horário de aula do ensino médio era das dezenove as onze horas da noite, as vinte e três, então primeiro não bateu com o horário, mesmo assim a gente fazia o grupo né de WhatsApp, ou ele tentava entrar no horário de aula pelo próprio aplicativo, mas a vídeo aula do aplicativo ele não acessava, ele tinha muita dificuldade de acessar, mesmo a gente explicando online tudo e mas a gente não tinha como ir presencial, pegar cada aluno pra explicar. Eles não conseguiam entrar no horário da aula, e ia assistir aula, acompanhar, como a gente fazia, alguns entravam, no começo a porcentagem de alunos era razoável, que entrou pra acessar, aí depois com o problema social, que eles tiveram que arrumar emprego, que eles tiveram que trabalhar em outros lugares, foram diminuindo.

Pesquisadoral148: Aham

Rosal149: E aí teve uma época em que a gente quase não tinha aluno acessando o centro de mídias, por quê? Por conta da realidade, por conta de problemas, de fases mesmo, de cair a internet, de acesso, e também, porque tinha que trabalhar pra ajudar em casa. E aí a gente teve que fazer o que, recorrer aos outros métodos que era, via link de vídeo aula, que era grupo de whatsapp, e por incrível que pareça nossa realidade, o grupo de whatsapp funcionou um pouco melhor que o próprio centro de mídias. Porque, querendo ou não você enviava algum pdf, ou a própria vídeo aula no grupo de whatsapp e o aluno assistia depois, e as vezes a devolutiva que a gente tinha era no caderno, eles faziam o conteúdo que a gente passava pra eles, o material que tava na aula do centro de mídias, e mandava foto pra a gente do caderno. Então foi aí que a gente teve o retorno.

Wiliam1150: Até então, dentre o, os alunos, como uma boa parte tinha um celular simples, o próprio aplicativo sobrecarregava a memória do celular, e não tinha como

eles terem esse aplicativo dentro do celular, por isso que o whatsapp funcionou corretamente, foi um sucesso, ainda bem que teve esse recurso.

Pesquisadoral151: E aí depois desse período aí eu lembro que a gente passou por um momento muito complicado, que foi busca ativa, e aí pensando nisso eu trouxe algo que ficou de certa forma marcado em relação a esse período que foi a música que foi criada em relação a esse período, que a gente começou a perceber, que o Estado se deu conta, de que a educação, os alunos não estavam tendo acesso, que muitos alunos estavam evadindo, porque a gente não tinha contato, não tinha acesso, a gente não tinha número, e vários alunos estavam começando a evadir, e aí eles começaram a se tocar que eles precisavam cutucar de alguma forma e chamar esses alunos de volta, foi quando a gente teve que, não que a gente não tenha feito, mas a gente intensificou essa busca ativa. Então eu vou colocar a música, e aí da pra gente acompanhar ali o texto e aí quando a música acabar a gente pode colocar um pouquinho o que vocês sentiram também nesse período que a gente precisou intensificar ainda mais essa interação com os nossos alunos.

Música

Miranda cantando a música, lendo a música

Demais acompanhando

Pesquisadoral152: E aí?

Alexl153: Não desistir, não sei né, mesmo na dificuldade toda que passamos, eles passaram né, muitos aí conseguiram se formar, estão na faculdade também, ou em cursos, ou trabalhando, mas não desistir, infelizmente tem o outro lado também né, que acabaram desistindo, sempre tem os dois lados, mas é como tinha falado, era o que a gente tinha falado; não desisti estamos com você, é, a gente pega no pé, manda atividade, mas mesmo que tenha toda a problemática aí trás né, do outro lado é onde você mora, passa um pouquinho por aí vai.

Rosal154: Bom gente, eu costumo falar assim, enquanto eu dava aula antigamente é eu, professor de matemática e português conhece muito mais o estudante, eu poderia dar aula de física, teve um ano da minha vida que eu dei, e eu não gostei. Detestei! Porque, porque eu tinha duas aulas com o terceiro ano com cada estudante, eu não conhecia meu aluno, e eu odiei isso, de verdade eu odiei. Porque, porque eu gosto de

ter contato, de conhecer cada um, de conversar com cada um, dialogar. Eu antigamente, quando não existia esse negócio de habilidades socioemocionais, eu achava que eu perdia meu tempo quando eu pegava uma aula minha, e eu costumava muito fazer isso, pra só conversar com o estudante, conversar, conversar. Eu tinha um 9C, que eu dava aula em três anos atrás, que agora a Kimberly já terminou o ensino médio né, que é a turminha da Kimberly, do Giovani, enfim, é, eles eram uma sala muito difícil, e o comportamento deles eles eram muito agressivos, e eu perdi uma aula só pra falar, falar com eles, eles paravam pra ouvir, porque tudo que o aluno quer é ser escutado. De verdade, eu acho que até a gente né. É, eu costume não só falar, eu odeio falar sozinha, detesto, é por isso que até eu começo a interagir: pelo amor de Deus né, fala aí, eu vou parar vocês falam, a gente continua aí. Então eu fazia muito isso em sala de aula também, é eu fui dar aula agora pro 6A, que é difícil, porque eu entrei na sala, porque eles estavam com comportamento inadequado no pátio, eu fiz todo mundo subir, aí eu fiz todo mundo subir eu falei: agora eu vou dar aula de matemática pra vocês. Aí eles: prô, mas a gente vai ter mais duas aulas com o Fabiano. Eu falei: qual o problema? Vocês vão ter aula comigo também, nós vamos fazer uma aula de conversa e eu vou explicar pra vocês um pouco do conteúdo da página tal, vou fazer um feedback e aí o Fabiano só continua. Eu falei pra Miranda, eu achei incrível, porque é uma sala indisciplinada, mas que quando eu passei a atividade na lousa, todo mundo pediu pra ir na lousa e explicar a matéria. Então me surpreendeu, porque pra mim não importa se a sala é uma sala introvertida, pra mim eu prefiro que a sala seja falante, mas que participe da aula, do que uma sala introvertida que não tem participação nenhuma, porque aí você não conhece o seu estudante, você não sabe a dificuldade que ele tem, como você vai atingir um estudante que ele não fala, que ele não tira dúvida, que ele não questiona, o aluno tem que ser ativo. E aí, aquele tempo que eu achava que eu perdia, na verdade eu já tava trabalhando a habilidade socioemocional, que eu não sabia que existia ainda. Então, acredite no seu futuro gente, eu acredito, eu sou fiel a educação, eu acho que a educação transforma o mundo, transformou a minha vida. Eu tinha lá minha mãe, era empregada doméstica, que eu tenho o maior orgulho dela, eu tenho muito orgulho da minha mãe (olhos cheio de lágrimas), porque foi graças a ela que a gente é o que é, a minha mãe, tinha dificuldade, a gente teve, mas ela sustentou cinco filhos, ela olhava cada caderno todo dia que ela chegava à noite, e ela só teve até a quarta série.

Mas, aquilo foi fundamental na minha vida, eu vejo que isso falta muito nos estudantes, muitos deles não tem esse lado de família, ou perdeu o pai, ou perdeu a mãe, ou pior que isso, as vezes eles tem o pai e a mãe, mas não são presentes/

Mirandal155: - E acaba se perdendo

Rosal156: /Não enxerga eles, aí tem professores que questionam pra mim, fala assim: há, mas é, as vezes eles não me escutam. Mas, muitas vezes eles escutam mais o professor do que a família.

Wiliam157: Com certeza, isso mesmo//

Mirandal158: Sim//

Rosal159: Família que tá em casa, e de verdade o professor acha que não, eu vivo falando isso pros meus professores, quando eu tô em ATPC, o professor faz toda a diferença na vida do aluno, e muitas vezes eles não vai valorizar a gente aqui, vai valorizar a gente lá na frente. Então, não abandone seu futuro, eu falava isso direto, eu tinha um aluno que ele tava com a vó ruim no hospital, que a vó chegou a falecer, igual chegou a uma amiga nossa aqui que faleceu (voz embargada), que quando eu era inspetora, quando eu estudava na escola do lado, que eu sou daqui que nem eu falei, eu estudei aqui minha vida inteira. A Eliana, ela era minha inspetora de alunos na época, a gente conviveu a vida inteira com ela e a gente perdeu, mas aquela mulher ela era cheia de vida, ela era cheia de vida, ela nossa, atendia muito bem o público, um monte de gente aqui conhece ela, um monte de gente amou ela, e é isso que faz a diferença, porque não adianta. Gente, ela morreu, mas ela ainda tá viva aqui dentro, ela tá viva no coração de um monte de gente. E aí eu falo pro meu aluno, aluno lute pelo seu futuro, porque pior que morrer gente, é morrer em vida.

Mirandal160: E é aquilo né, não desistir nunca, porque as vezes eles se deparam com a matéria, há eu não gosto da matéria, você não precisa gostar, tem que aprender um pouquinho, se cada dia você levar um pouquinho aqui ó (indicando a cabeça), vai ter um montão no final do ano. Então, o que eles tem assim, eles voltaram muito preguiçosos, não precisa pensar, quer tudo pronto, tem que ler e entender o que tá ali. E aquele trecho ali ó da música ó, “não desista da educação, se não dá pra ir para escola agora, não deixe a escola ficar longe de você”, nunca, nunca, porque a educação é tudo na vida dele. Eu falo, aqui dentro você tá aqui um período, só que quando você pisar no portãozinho pra fora no ensino médio, aí você vai lembrar; poxa

vida, e o que os prôs me falaram eu não ouvi. E hoje só quer ficar conectado, em coisas que, é momento pra conectar, pra pesquisar, então em sala de aula é momento, então, é bem pouquinho você vai com cada professor, a gente veio aqui pra trabalhar, e as vezes a gente tem que parar pra ouvir né, e assim, eu acho tão bonitinho; aí você veio hoje prô, que delícia, abraça. Sabe, isso é tão bom, ouvir deles, eu falei; que bom que você veio também. Tem alguns que você fala, há veio, mas o que que ele tem em casa, não tem nada, então ele vem e ele vai bagunçar, vai, mas um pouquinho ele leva. Então, eu acho que cada dia um pouquinho, faz a diferença na vida dele, isso é bom demais.

Wiliam161: É a questão também igual a Rosa falou, de os alunos estarem, todos, as vezes tem alunos que estão tristes, mas enfim, uma simples palavra que você fala assim pro aluno, senta assim, na frente dele fala assim; como foi o seu dia? Eles ficam, ô professor, isso daqui ninguém nunca falou isso pra mim_

Mirandal162: Pois é, e um bom dia.

Wiliam163: Ou então, bom dia, boa tarde, como que cês tão? Tá tudo bem com você? Mas, enfim né, a carência também vem dentro de casa, eu tenho filho meu, as vezes nois dá uma escapada, pô, você chega na sua casa que nem, no meu caso, as vezes eu chego em casa não vejo o meu filho né, só vejo ele dormindo, ou outro dia que eu vejo ele, mas naquela correria, enfim. São coisas que você tem que pontuar, até mesmo pra dentro do seu lar, pra você não errar. Mas a questão da busca aí, que você tá querendo passar a mensagem também, naquele período foi muito difícil essa música, foi dentro do período de isolamento, é não desista né, incentivando pra eles não pararem, desistir nunca, tem um ditado que eu carrego pra mim, desistir nunca, lutar sempre, né. E uma outra coisa também, que tá dentro dessa música, um dia no ATPC que nossa coordenadora Rosa, que ela falou assim que nós, nós transmite a energia dentro de sala de aula, se um dia você entra em uma sala de aula pra baixo/

Mirandal164: - Apagado

Wiliam165: /Os alunos vão sentir, agora quando você entra dentro da sala de aula dá o primeiro passo, falo assim, pessoal boa noite, bom dia, enfim, aquela positividade, aquela vibração boa, meu, tudo conspira ao lado positivo, é eu acredito muito nessa questão. Mas assim, é a música é, são, bem forte, e a palavra que eu assim, que me carregou muito dentro dessa música aí foi não desista, não desista, principalmente do

seu futuro, que aqui dentro nois formamos várias profissões, aqui é o carro chefe, não desista.

Rosal166: Nunca//

Wiliam167: Nunca//

Rosal168: Desanimar sim, a gente é humano, enquanto humano a gente vai fraquejar né, mas o segredo é não desistir.

Wiliam169: Não desistir//

Rosal170: Porque quem persisti sempre alcança né, agora se você desistir, se você fraquejar, se você desanimar, você não chega em lugar nenhum. Então, é isso, persistir, é uma música, entra muito em consonância com a música do Raul Seixas né, que ele fala lá na, na, na música é, como é que é? Não é persista, não é persista que nem aí, fala assim, agora me fugiu, vou lembrar a musiquinha daqui a pouco eu falo pra vocês falarem.

IPesquisadora171: Sem problemas.

Rosal172: Mas é show do Raul Seixas também que entra em consonância com isso que não é desistindo, não desanimar e continuar o processo aí e no_. Eu acho que isso é pra vida, não só pra unidade escolar, porque a gente tem, teve, tem quem criou a lâmpada, ele não é um gênio.

Wiliam173: A, é//

Rosal174: Ele não.

Pesquisadora175: Thomas Edson//

Rosal176: Na unidade escolar eu falo assim; é tem professor que fala assim, não é que eu não concorde com isso que eu reivindico, também eu falo; a gente é aquilo que a gente quer ser né, não o que o outro fala da gente.

Pesquisadora177: Sim.

Rosal178: E eu falo pro aluno, muitas vezes ele aqui no ensino médio, ou no ensino fundamental ele não ser bom aluno, não significa que lá na frente eles não vão correr atrás e não ter um futuro brilhante, porque a mudança só cabe a nós, é individual, quando você vai fazer uma avaliação lá fora, externa você não vai estar com seu

colega, não vai estar com o seu amigo, só vai estar com você mesmo. E lá na frente ele pode ver que ele precisa, e ele correr atrás por si próprio, ele ir longe né, a gente tem que analisar esse conteúdo também. É que nem eu falo assim quando eu dava aula de matemática, que tinha aluno que ele não era, não tinha afinidade, não tinha habilidade muito com a disciplina, o que que eu colocava na cabecinha dele, que o básico ele tinha que saber, que nem disse a professora Miranda aqui, ele não precisa ser um gênio de matemática, a gente vai encontrar gente que retem habilidade, óbvio que a gente vai, mas a gente vai encontrar aqueles que tem um pouco de dificuldade também. Ele não precisa ser expert, tirar dez, mas ele precisa entender o básico, e ele vai levar pra vida e é tudo. Tanto no GPS que ele vai abrir o aplicativo que ele vai percorrer que ele precisa de geografia, na matemática tem coisa que ele vai levar pra vida também, porque afinal de contas quem é que não precisa de dinheiro, né? Quem é aqui que não precisa pagar uma condução no ônibus?

Pesquisadoral179: Pois é.

Rosal180: Então, tudo se utiliza, então pelo menos o básico ele precisa aprender

Período de pós pandemia: P

PesquisadoraP181: Bom, e aí pra fechar e a gente falar sobre o período de pós isolamento né, eu trouxe, então, um poema de Paulo Freire pra abrir essa nossa discussão né, e aí eu vou fazer a leitura e vocês acompanham pelo slide, poema: Escola é.

RosaP182: Bonito de ver.

PesquisadoraP183: Então eu trouxe esse poema pra gente abrir, aí o nosso momento de falar sobre esse pós. Como que foi retornar desse isolamento, depois a gente teve que colocar tantas coisas que mexeram com a gente né, que a gente de alguma forma é se sentiu tocado né, como que foi esse voltar, retornar, como a gente se sentiu?

RosaP184: Olha gente, quando a Pê falou pra gente vai voltar amanhã, eu; graças a Deus (risos), isso é fato, escola sem gente é escola sem vida, né? Você olhar prédio, olhar, gente por mais difícil que seja a volta aí, e está sendo, está sendo, não tá sendo fácil não. Eles voltaram mais arredios, eles voltaram, é com a convivência assim que, como ele viveu muito tempo em isolamento social ele se fechou parece pro mundo né, e aí ele voltou, que não me toca pelo amor de Deus, tá bem assim né, não me toca,

não fala direito comigo, tá nesse jeito assim de angústia, dá pra perceber uma angústia dentro do ser humano né, dentro da pessoa. É muitos voltou que nem eu né, graças a Deus que voltou (risos), graças a Deus, e na verdade eles queriam que voltasse, se você for ver muitos dos nossos estudantes na metade do caminho da pandemia se perdeu, eles já estavam desanimados, já estavam desmotivados, e eu não tô falando de assim, porque há professores, toda profissão é o que eu falo, é há profissionais, há profissionais, há profissionais que dão a vida, dão a vida pelo aquilo que tão fazendo, e há aqueles que realmente, eles não se dedicam, porque, você precisa estar bem consigo mesmo, pra passar pro outro, é o que eu falo, se você tá bem com si mesmo, você consegue desenvolver o trabalho, se você não tá bem com si mesmo aí trabalha o lado socioemocional também, porque a gente enquanto gestores, a gente quanto professores, a gente quanto funcionários a gente é humano né, e enquanto humanos se a gente não trabalhar nosso lado socioemocional a gente vai sofrer com isso também, vai haver consequências né. Vai haver consequências pro aluno, vai haver consequências pro colega de trabalho, vai haver consequências com todo mundo. Então, a volta pra mim foi tudo. Tá difícil? Tá, mas é que nem eu falei pra M quase agora, eu por mais difícil que seja prefiro mil vezes a bagunça, a desorganização do que o vazio, o vazio que não tem ninguém dentro da sala de aula.

MirandaP185: E essa desordem, desorganização, a gente aprende muito né, porque é uma situação aqui, é outra acolá, as vezes você chega assim, eu chego assim segunda-feira mesmo; aí nossa tô tão cansada, pega força de um colega, vamo, vamo, vamo amiguinha, vamo embora, vamo embora. Cê entendeu, porque tá difícil e aí você chega é situação dentro da sala de aula, aí você leva pra direção, eles já estão com a cabecinha assim ó (gesto com as mãos na cabeça, encostando e desaproximando) e é tudo (mãos em movimento, uma após a outra), imagina são trinta e cinco alunos em uma sala, quantos professores e quantos alunos têm em cima deles. Então, a gente tem que absorver também essa situação e tentar né, unir as forças que precisamos nos unir

RosaP186: Trabalhar em equipe

MirandaP187: Equipe, que eu acho que equipe é tudo, porque sozinho não vai, e tem gente que não gosta né, dá a mão aqui, não. Ó tal aluno, assim, tá bom vou te ajudar tá, tô lá por quê, porque ele ouve melhor ela, ouve ele, então ali ele vai conseguir me

ajudar, ó o que que você está fazendo ali na sala. Então, é uma equipe mesmo, é pra não sobrecarregar todo mundo, mas eu amei tá olhando olho no olho, é bom né, isso é muito bom.

AlexP188: Isso mesmo, quando, tem um ano já que voltamos? Em agosto do ano passado, você chegar na sala com os três grupos, era A, B, C. Você chegar numa sala, acostumado com trinta, trinta e dois, trinta e cinco né, você chegar e você ver dez, quinze, acho que era oito ou dez aluno por sala, você ficar assim, aquele silêncio. Tivemos, conseguimos atingir melhor do que com uma sala lotada né, mas aí tinha aquele problema também né, o que que trazia de fora? Eles ficavam olhando pra gente com medo, ó era a gente aqui e eles ali separados, a gente andava, porque eu não consigo tem que tá no meio, mesmo se morrendo de medo eu ia lá, ficava longe.

MirandaP189: Muito toque

AlexP190: E andava na fileira sabe, tinha colegas, que nem vi por aí, tudo mais, que ficavam só ali na frente. Mas, aí então, mas assim é, depois foi aumentando os grupos, aí diminuiu pra dois grupos, aí em uma semana era um grupo na outra semana era outro, e aí depois ó agora acabou, é todo mundo. Êêê, já veio eu; gente voltou, voltou!

MirandaP191: Aí vem o vrum (gesto com a mão em movimento para frente), que delícia.

WilliamP192: Normal.

AlexP193: Voltou ao normal entre aspas, porque ainda estamos né, um ano e ainda estamos aí nesse pós né, pós isolamento e com todos os problemas, vieram, a gente tem que correr atrás do que eles não aprenderam ali e trabalhar aqui, fazer busca ativa ainda, é a busca ativa, é trabalhar habilidades que eram pra terem sido trabalhadas no fundamental I e não foram, a gente trabalha no dois, pega o conteúdo do sexto pra trabalhar no nono, porque eles não tiveram lá. Então, sabe, é um trabalho maior mais que tá indo, tá indo e vai refletir lá na frente também, mas esses sextos que estão vindo, esses quintos que vão virar sextos eles já tão, já voltaram, então, já tão com as habilidades aí sendo trabalhadas, a gente reforça aqui. Mas, assim, ainda tá sendo difícil.

RosaP194: Trabalho árduo né, trabalho árduo, mas o segredo tá aí né não desistir, a gente tem que persistir.

AlexP195: Não desistir.

RosaP196: Eles dependem de nós, assim como a gente depende deles.

AlexP197: Isso, e fora o apoio que nós tivemos também né, das famílias né.

MirandaP198: É aquilo né, nada de ilhas cercadas de gente por todos os lados.

AlexP199: Isso, as famílias participaram, aí, ajudaram de casa.

MirandaP200: Trabalhar em grupo né, com amigo.

AlexP201: É isso//

WilliamP202: Eles já falaram praticamente tudo né, mas enfim, esse pós isolamento o famoso é o novo normal né.

AlexP203: Isso//

WilliamP204: Mas assim, é, tá sendo difícil assim, tá sendo difícil, mas ainda volto a falar, igual eles falaram aqui, há eu não via a hora de tá nesse edifício cara, porque difícil estava sendo ser isolado mesmo. Mas assim, agora o dia de hoje está sendo difícil por questão das agressões, eles estão bastante ariscos né, é, mas com esse trabalho que estamos fazendo agora não só na rede estadual como na rede da prefeitura municipal nós vamos ver o resultado futuramente daqui alguns meses, creio eu se Deus quiser

PesquisadoraP205: E se a gente tivesse que fazer uma comparação, um como era a escola antes de tudo isso acontecer e como é a escola agora. A gente consegue encontrar, tem alguma diferença, tem alguma coisa que a gente consegue trazer aí que pontua, algo que de alguma forma mostre que isso aconteceu?

AlexP206: Acho que vai daquilo que eu falei né, nós já tínhamos o problema né, veio a pandemia/

MirandaP207: -Aumentou

AlexP208: /Acrescentou mais um, então, acho que é, tá um pouco mais complicado por causa desse problema, que se não tivesse esse problema ali a pandemia, acho que estaria na mesma situação sabe. Tivemos um interrompimento aí, então, caiu, piorou [.]

PWilliamP209: Os obstáculos estamos começando a vencer.

AlexP210: Isso//

WiliamP211: Esse obstáculo, né, que querendo ou não quando começou as aulas que vieram todos era um obstáculo muito grande, e agora o obstáculo maior que ainda volto a dizer é a questão do convívio entre eles mesmo, que tá sendo muito difícil. Que nem a Rosa falou, se você derrubar um lápis no chão, se você não pega eu não vou pegar, porque não é meu, então, isso daí é uma coisa que machuca baste, pô, que que custa você pegar o lápis do seu companheiro e dar, caiu no chão é seu, né, o companheirismo né o afeto, carinho, mas é essa barreira, nós estamos começando a destruir um pouco, a derrubar um pouco, a questão da individualidade, enfim, dentro de escola não pode ter isso

MirandaP212: Respeito né, eles não tem respeito, antes pelo menos você conseguia ali ó respeito, mas agora, é ele e pronto né.

RosaP213: Eles voltaram muito individualistas né, muitos deles voltou pensando somente neles.

MirandaP214: Agressivos

RosaP215: É o convívio em sociedade parece que se perdeu no caminho.

PesquisadoraP216: Isso é verdade

RosaP217: Isso é verdade né, é fato, é o trabalho vai ser árduo que nem o A disse né, e a gente já tá conseguindo ver uma, uma diferença de comportamento pela conduta também nossa né. É a gente também erra como ser humano né, teve salas que eu entrei algumas vezes que por conta do comportamento inadequado da maioria da sala, a gente nem chegou falando um bom dia, um boa tarde pro estudante, e o que eu costumo muito falar sobre Paulo Freire, porque eu concordo totalmente com a pedagogia dele né, a gente aprende enquanto ensina também. E eu quando entrei na sala que eu cheguei lá e fui, nossa já fui falando, falando, falando, falando, falando, falando, é no intuito de trazer ele pra gente, mas eu até esqueci de como diz o prô de falar uma boa tarde, aí os alunos virou; boa tarde pra você também, que que eu fiz eu comecei a rir, aí eu comecei a rir eu parei voltei e pedi desculpa e aí eu “boa tarde gente”, ai todo mundo falou boa tarde, a gente voltou novamente e aí a gente foi trabalhar o lado emocional do aluno e o nosso também. Porque, o trabalho tá sendo tão árduo, tão árduo, eles estão sendo tão individualistas que as vezes a gente vai lá

pra poder dá, querer trazer ele pra gente e a gente acaba errando também, enquanto ser humano, a gente erra né. Então, o trabalho é pra eles, mas é pra gente também gente, a gente perdeu quem era e não vai ser igual, não tem como ser.

PesquisadoraP218: Não, não vai

RosaP219: Eles perderam familiares, eles perderam amigos, eles perderam parentes, não tem como ser igual, o sofrimento tá aí dentro, ele tá interno. Então, eles vão ter angústia, vão, vão tá sofrendo, a gente tá sofrendo, imagina eles. Eu não cheguei a perder ninguém assim de primeiro grau de parente.

PesquisadoraP220: Parentesco

RosaP221: A minha mãe ficou tão isolada, minha mãe teve crise de depressão no início da pandemia, porque a gente se isolou mesmo dela, porque a gente ficou com medo, com receio de que ela ficasse doente e morresse. Então, o isolamento que, que aconteceu com ela, entrou no estágio de depressão, a gente teve que pagar um psicólogo, um psiquiatra, e teve que tomar medicamento, porque não tava acostumada a ficar sem a gente. E aí do nada, a gente sempre ó, é caminho, a gente chegava passava pela casa dela, e eu ainda faço isso agora direto, que a gente voltou graças a Deus, é passar pela casa dela, da minha sogra e ir pra casa, então, ela me via todo dia, via minha família todo dia, ela parou de ver. Aí ela ficou depressiva, e aí ela teve que voltar a tomar medicação e pra que a gente voltasse lá depois de um ano e pouco pra conseguir ver ela todos os dias. Então, se mexeu com a gente, quem dirá na cabeça dessas crianças (chorando)

WilliamP222: É, é difícil mesmo

RosaP223: Então, é igual? Não, não é igual, mas a gente vai demorar um pouco pra que tudo volte ao normal, se é que vai voltar

WilliamP224: Então, aí é onde que entra o ambiente escolar né, porque aqui dentro da escola, né, não só aqui como todas, é onde que nós professores junto com a gestão, enfim, todo grupo, todo corpo, nós tenta o máximo transmitir a questão do amor e carinho, a questão da perda, a questão da, como posso dizer, é dá tristeza é imensa, mas igual dizia nosso famoso cientista biólogo Humberto, no nosso DNA ele entra a questão do amor, do carinho, do afeto né, e assim, isso daí são, é uma coisa que dá pra ativar e é onde a escola tenta o máximo, mas aí é onde eu tento o máximo assim,

onde que eu paro e penso, infelizmente a nossa tecnologia, internet, ela nos ajuda muito e nesse período de pandemia eles ficaram muito fechados e todos nós sabemos que isso daqui é uma arma, (aponta para o celular) não só uma arma né, pra tipo pra matar, mas também meu, pra devastar pessoas, principalmente os nossos público alvo, que são os jovens. Eles ficaram muito tempo vendo esses vídeos idiotas né, de palhaçada, enfim, mas é o que eles gostam, e quando cai na vida real que é aqui, por exemplo no ambiente escolar onde tem mais amor e carinho, é onde que nós, né, trabalhamos o máximo pra passar pra ele né o que que é você construir, tentar, não parar, enfim, né correr atrás de tudo que você pensa, que você sonha. É difícil, é arduo, sim, mas é um processo de formiguinha e vamos vencer, se Deus quiser, vamos vencer.

Pesquisadora225: Com certeza

MirandaP226: Eles desaprenderam a conviver né, a conviver, desaprenderam, e aí a gente tem esse papel né, uma troca. É você chegar e falar, boa tarde, antes de fazer chamada, a primeira coisa, deixa pra se arrumarem, boa tarde, boa tarde, não ouvi, boa tarde, tudo bem com vocês? Ai logo sabe já vem os problemas, e aí cabe a nós ouvir, depois você faz o que tem que fazer, não é?

WilliamP227: Então, precisa.

MirandaP228: Tem tanto probleminha que eles trazem, não sei

WilliamP229: - A questão do individualismo é muito triste, desculpa ter cortado assim prô, porque, porque aconteceu isso comigo semana passada que eu perguntei o nome de um aluno pro colega, ele falou assim professor eu não conheço, mas como você não conhece, ele tá na sua sala. Então, você como que eles estão, eles estão tipo só pensam neles né, não sabe, como, no nosso tempo nós sabia o nome de todos os nossos colegas, por mais que nós não tínhamos afinidade, mas nós sabíamos ô, ó o Júlio, a ele tá na minha sala, por mais que eu não tenho muita afinidade com ele, mas eu sei que ele estava na minha sala, eu conheço esse colega. E já hoje não acontece mais isso, você pergunta ô cadê a Ana? Professor, quem é Ana? Não, ela estuda aqui na sua sala, tá presente. A professor não conheço não. Como assim? Por que isso?

MirandaP230: Eles tem dificuldade de se tocarem, você vai fazer trabalho em grupo né Bia, é complicado, não querem estar com o outro, porque aí eu não vou com aquele ali, você nem conhece.

WilliamP231: É, é isso mesmo//

MirandaP232: Tá aqui ó, cê entendeu? Não tem, tá difícil.

Pesquisadora233: Sim.

MirandaP234: A gente vai vencer, eu creio.

Pesquisadora235: Muito bem, pra fechar só queria que vocês pontuassem se tem alguma coisa que vocês sentiram falta nesse retorno em relação a vocês. Quando vocês retornaram, vocês sentiram falta de algo, vocês precisavam de algo e isso não foi atendido, ou algo do tipo é, qual foi esse sentimento de vocês como professores nesse retorno, e se vocês sentiram alguma coisa e se sentiram falta de alguma coisa nesse retorno?

MirandaP236: Eu acho esse retorno mais a família né, estar junto com a gente, nós temos nossos problemas. Você chega pra trabalhar o aluno problemático e o pai não corresponde aquilo, eu acho que a família não está junto com a escola, ela debandou, ela jogou o problema aqui, nós estamos nos virando aí conforme né, dançando conforme a música. Então, a família não tá nos ajudando, ela tá jogando aqui e virou a creche né, eu sinto falta da família acompanhar sim, porque trabalhar.

RosaP237: Família, redes sociais, porque assim é o uso da tecnologia, aqueles que tem, por que cá entre nós a tecnologia é essencial? É, eu falo pra eles que eles tem uma arma poderosa que eles não sabem utilizar, é que nem ele falou a aula pra eles é joguinho, é essas coisa, na verdade ela é uma arma poderosa porquê o celular, é quem de nós aqui na época que estudava gente teve que fazer trabalho lá no memorial da américa latina na barra funda, andar a pé, porque minha mãe não tinha condições, ir pra estação de trem pegar o trem lá porque o dinheiro da passagem era curto e fazer trabalho no memorial da américa latina, porque nem uma biblioteca na escola a gente tinha direito. E eles tem uma arma que eles tem tudo aí, eles tem vídeo aula, eles tem como baixar livros pela internet, eles tem tudo, mas eles não sabem utilizar, e aí o que que eles estão fazendo aqui, eles voltaram tão individualistas e tão assim que não pode olhar um pra cara do outro, que eles estão usando a internet na verdade, e isso é coisa que a gente não consegue alcançar, porque se a gente consegue a gente faz todo um trabalho, a gente faz um trabalho em equipe, com os professores de projeto de vida, a gente faz um trabalho em equipe com eletivas, mas tem coisas que não cabem a nós, vem lá de fora, as redes sociais, eles jogam. A gente vai lá, socorro,

uma pessoa que tá brigando lá fora da escola, e as vezes eles nem trouxeram o problema pra gente, nem chegou na direção, nem chegou na coordenação, nem chegou pro pessoal da secretaria, e aí de lá de fora a gente sai correndo, porque aqui é tudo meio doido (risos), graças a Deus por isso, porque a gente vai sair correndo e socorrer o estudante. Mas, aí você socorre o estudante lá fora, porque você tem medo que alguma coisa aconteça com ele e traz ele pra dentro, aí você vai ver as redes sociais, ele tão jogando briga, eles tão jogando confusão. Então, aquilo que era pra auxiliar e ajudar eles, eles tão trazendo pro lado negativo, não pro lado positivo.

MirandaP238: Estão se destruindo//

RosaP239: Então, eu tô sentindo falta como diz a M é de parceria, no intuito de que é a gente não tá aqui pra prejudicar aluno, a gente não tá aqui pra prejudicar profissional, a gente não tá aqui pra prejudicar os pais, mas, que a gente tem que entrar em parceria e em conjunto, sim, e através de projetos como a gente tem feito aqui, fazer com que o aluno entenda que todos são importantes né, que a gente não tem que ser individual, que a gente tem que pensar no outro.

AlexP240: Como a R falou, família tinha que ter voltado também com eles, bem mais presente, mas infelizmente. Há voltou, tó, se virem agora, foi isso que aconteceu, se virem, vocês dão conta que eu não aguento mais aqui em casa, então, toma. Então, não tivemos essa parceria na volta, alguns casinhos, mas não como a gente queria né.

MirandaP241: Os problemáticos, poderiam estar juntos.

WilliamP242: Essa conexão sempre tem que ter né, principalmente agora né, família.

PesquisadoraP243: Então, eu queria agradecer pela participação de vocês, pela disposição de vocês em estar aqui presente, e toparem fazer essa loucura comigo

Miranda244: É com amor, igualzinho, não tem jeito

PesquisadoraP245: E fazerem essa loucura aqui comigo. Então, eu quero agradecer a parceria de vocês por terem topado essa loucura comigo

MirandaP246: foi muito bom

PesquisadoraP247: Vou trabalhar em cima desses dados preciosos que vocês me deram e assim que eu conseguir lidar com tudo isso eu com certeza vou apresentar o

trabalho pra vocês, pra vocês verem o que que a nossa conversa de hoje, e as lembranças do tempo presente mais passado fez, e o quanto isso pode contribuir pra gente no futuro.

APÊNDICE D - Transcrição - entrevista semiestruturada

Entrevista1: Juliana

Pesquisadora1: Então o que eu estou fazendo, estou fazendo mestrado que é um estudo além da graduação normal, e o que eu quero entender? Eu quero entender as relações interpessoais, então entre as pessoas no ambiente escolar relacionadas com o isolamento social da Covid-19, ou como a Covid-19 de certa forma impactou nessas relações por conta do nosso isolamento. E aí nessa luz da Biologia do Amor, significa que eu vou usar um autor específico pra tentar entender o que que essas mudanças, nessas relações aconteceram certo? Então pra gente começar, eu queria que você falasse um pouquinho de você e o que que você faz aqui na escola?

Juliana2: Bom, meu nome é Juliana é sou casada, tenho três filhos, moro no bairro e trabalho como merendeira na cozinha, merendeira escolar, e tenho... é terceirizada né. O estado terceirizou, mas a mesma coisa a merenda continua a mesma coisa né, não mudou nada, só mudou que nós somos terceirizadas agora na cozinha.

Pesquisadora3: Certo!

Juliana3: E é isso!

Pesquisadora4: E você gosta do que você faz?

Juliana5: A eu amo, amo demais, demais, demais. Tão intenso é o que eu faço, né assim. Tem gente que fala assim né: Ah ter o amor, você ter amor por uma profissão as vezes você tem amor pelo dinheiro né, então, as vezes o que você faz se você gosta você vai fazer muito bem, se você faz por fazer não é a mesma coisa, né? Então eu amo cozinhar, tanto na escola, quanto em casa, não medo esforços pra fazer, a é, não interessa, eu vou..., se eu tivesse condições eu queria fazer sabe o que? Sopão pra distribuir pras pessoas.

Pesquisadora6: Ai que legal!

Juliana7: Eu, eu faço isso mais, mais...

Pesquisadora8: Um dia você conseguirá com certeza.

Juliana9: Eu vejo tanta gente fazendo, e é um trabalho beneficente que é muito bonito e assim, ajudar outras pessoas, também com comida né. Então assim, se você sabe fazer uma sopinha, porque não faz uma sopinha pra quem está precisando né?

Pesquisadora10: Com certeza.

Juliana11: É isso.

Pesquisadora12: Obrigada Ju. Então agora, a gente vai falar. Então eu separei a pesquisa em três momentos o período antes do isolamento, o período durante o isolamento e o período depois do isolamento. Em relação ao antes, como que era o trabalho assim, antes da pandemia?

JulianaA12: Era mais panque.

PesquisadoraA13: Mais panque?

JulianaA14: Muita loucura, correria, na pandemia a gente continuou fazendo comida e ficou a mesma coisa, porque, tivemos que fazer as marmitas.

PesquisadoraA15: Certo.

JulianaA16: Tudo bem que teve redução de aluno, mas além da redução de aluno teve as marmita, que a gente cozinhava as comidas né, então, tinha família que vinha aqui levava oito, dez marmitas, mas foi muito bom também. Cozinhamos sempre né, antes, durante e depois continua.

PesquisadoraA17: Certo. Como que você sentia assim a relação dos estudantes antes de acontecer o isolamento social, antes de acontecer a pandemia. Era diferente? Essa relação com os alunos, é, você consegue me falar assim, o que que você vê de diferente de antes com agora?

JulianaA18: Tipo na pandemia mesmo quando estava ali morrendo tanta gente, a gente chegou a ficar, tem hora que a gente tem que parar e não ficar nessa neura né. Porque, não é porque está morrendo tanta gente que a gente vai morrer também, mas, assim, a gente fica meio com pé atrás em abraçar um aluno que o aluno chega pra te abraçar. As vezes ele nem quer ter a máscara, não quer colocar a máscara, mas a gente fica meio assim. Mas, então, vamos confiar que vai dar tudo certo, então, vamo abraçar né, nem todos também, mas alguns. Pra mim continuou, não mudou muita coisa, entendeu, não mudou muita coisa. Só o período que eu fiquei em casa,

onze meses que eu fiquei em casa que não dava pra vir pra escola, então a gente voltou, a gente volta meio receosa, um pouco de medo, mas aos poucos foi voltando ao normal. Tanto que hoje, é aluno que abraça né, sem máscara, mesmo que está voltando agora eu fico meio assim, mas eu tô segura, porque eu tomei quatro doses da vacina se vier a quinta eu vou tomar a quinta dose também, então. E a gente sabe a vacina fica mais imune você não transmite, e se você pegar vai ser fraquinho também né. É uma boa profissão vamos trabalhar e cozinhar.

Pesquisadoral19: Certo. E no período de isolamento, como que você se sentiu nesse momento em ter que se manter longe das pessoas, distante da sua família, distante dos colegas de trabalho?

Julianal20: Pois é, é o que eu acabei de falar né, que a gente ficou em casa onze meses, meu esses onze meses nem mercado eu ia né. Então, eu conversava com gente, que tinha gente que tinha medo de sair de casa, é de pegar condução. De você pegar condução e pegar tudo vazio e todo mundo parecendo que era, você tá com uma doença contagiosa, espirra ou tosse e nossa tá com covid. E era o medo né, então, esse medo né, foi, foi indo e a gente chegou uma hora que a gente vai enlouquecer. Se você não parar e pensar bem o que tá acontecendo você enlouquece, porque foi muito triste né. E você liga a televisão nos jornais é só notícia de ter gente morrendo né, então.

Pesquisadoral21: Só coisa ruim?

Julianal22: Só coisa ruim, aí a gente fica muito com medo, mas é muito triste ficar em casa isolada né, falar por celular. Parente internado e você não poder visitar, isso é triste demais.

Pesquisadoral23: Sim. E você teve algum contato com algum aluno ou algum aluno mora perto da sua casa nesse período de isolamento que você soube de alguma coisa, ou que te contaram alguma coisa?

Julianal24: De aluno não, nadinha...

Pesquisadoral25: E por último, qual que é a sua sensação de olhar para um pátio vazio por tanto tempo, como você se sente olhando pra esse ambiente que pra você é tão próximo?

JulianaP26: Triste né, é muito triste, é uma coisa assim, gente eu nunca vi isso na vida né, principalmente uma escola com tanta gente de repente você vê o pátio vazio e você parar e pensar, meu Deus, o que tá acontecendo, cadê as pessoas, vai voltar ao normal né, será que aconteceu com algum aluno que pegou covid, será que né morreu. Então, é preocupante isso foi muito preocupante mesmo.

PesquisadoraP27: Certo. E aí por último o período sobre o pós isolamento. Quando que você retornou para a escola? Como você se sentiu nesse retorno

JulianaP28: Feliz né por ter voltado a trabalhar e ao mesmo tempo receosa né, porque é o que eu falei o aluno não te vê tanto tempo ele vai querer correr te abraçar né, e será que eu vou poder abraçar essa pessoa né. Ou, ou os pais né já fala não abraça não, fica longe de todo mundo, né então, tem um medo ainda né até você voltar e até você acostumar com tudo de novo é complicado, é muito complicado.

PesquisadoraP29: Certo. E aí quando os estudantes retornaram, quando teve esse contanto, como que foi essa sensação de ver os alunos de volta? De encontrar com eles depois de tanto tempo?

JulianaP30: Feliz né, ver eles falando que tava com saudade da gente né, que tava fazendo falta e principalmente aqueles alunos Bia, que não tem o que comer em casa, aí fala nossa tia eu estava morrendo de vontade de comer a sua comida, nossa tia vocês faz falta. Então, é um presente maravilhoso né voltar e eles estar voltando também e se sentir bem né, ter espaço e se sentir bem também, porque não adianta vir falar assim aí a gente sabe que vem fazer o bem só pra comer, mas também tem que estar bem né, pra você aprender alguma coisa também né, a gente sabe que tá difícil, mas tem que aprender alguma coisa. Não é possível que você vai passar cinco hora dentro de uma sala de aula né, ter outros coleguinhas e você não aprender nada, não alguma coisa você vai aprender. É isso.

PesquisadoraP31: E aí, qual que você acha que foi o maior desafio que você teve que enfrentar nesse pós isolamento?

JulianaP32: Depois que acabou né?

PesquisadoraP33: E qual foi esse, que você acha o maior desafio que você enfrentou quando retornou, teve que lidar com os meninos, e teve...

JulianaP33: Principalmente o medo né, foi muito medo, e não, a gente voltar e todo mundo tá dentro de uma cozinha, quatro pessoas falar assim vamos usar máscara e depois sem os alunos, escola cheia né. Eles sem por máscara né i, será que vai pegar, será, ou então uma pessoa tá resfriada tá com Covid. Aí já começa dar aquele medo né, e ao mesmo tempo você quer tá ficando ali, venha, porque a gente depende do aluno né/

PesquisadoraP34: Com certeza/

JulianaP35: Se não tiver o aluno nós não estamos empregados, então assim, o mesmo tempo que a gente fica feliz assim voltando, a gente voltando né, mais também fica até pegar aquela confiança fica da gente fica receosa com medo ainda, mas depois, depois que tomou todas as doses aí.

PesquisadoraP36: Agora fica mais tranquila?

JulianaP37: Fico tranquila.

Pesquisadora P38: Certo, e aí pra finalizar eu vou ler esse texto que é de um autor e aí você me coloca o que você sentir ao ouvir esse texto: “Educar é um processo de transformação na convivência de todos os atores envolvidos e, se queremos que nossos meninos e meninas cresçam como seres autônomos no respeito por si mesmos e com consciência social, temos que conviver com eles respeitando-os e respeitando-nos na contínua criação de uma convivência na colaboração a partir da confiança e do respeito mútuos”. O que que você acha deste trecho?

JulianaP39: Sim, maravilhoso né um trecho maravilhoso tudo lindo né, mas a gente sabe que bem na prática não é bem assim né, a gente tem aluno bem-educado, aluno mal-educado, então assim, o que a gente quer, o que o professor quer, o que a escola quer? Ensinar, nossa assim, a educação vem de casa/

PesquisadoraP40: Sim/

JulianaP41: O professor tá aqui pra ensinar, o professor faz a parte dele e tem aquele aluno que não faz a parte dele como que fica, né? Então, sim era muito bonito se viesse os alunos bem-educado, né, sentasse, não corresse, tivesse, mas assim sabe, na prática nada disso funciona né, mas sim o professor faz a parte dele né de ensinar e todo professor tem uma participação na vida de algum ser humano né, que eu digo pelos meus filhos que estudaram aqui, tenho três, eu sempre falo. Até hoje não tenho

problema, tive problema né, todos estudavam, e se daqui pra frente foi porque eles quiseram, porque eles teve bom professor na escola do Jardim Alegria, teve uns bons professor e pai e mãe que educou muito bem também né, então assim, graças a Deus eu falo, tenha educação em todo lugar que você chegar, saiba conviver né, respeita o próximo e o resto a gente vai acontecendo aos poucos. Mas é isso, o professor tem um papel muito importante na vida do aluno, e todo mundo né, você foi aluna, você aprendeu pra você hoje ser professora, você aprendeu com o professor, o professor é muito importante, muito importante mesmo. Então, era bom se o aluno soubesse a importância que o professor tem, aí eu sempre falo, principalmente pros da tarde hoje você não respeita, hoje você não possa entender, mas o dia de amanhã vocês vão entender e você vai ver a falta que fez aquela matéria, aquele professor, aquele conselho. Então, tudo isso a gente vai entender que era pro bem, é isso...

PesquisadoraP42: Eu agradeço muito Ju, por compartilhar isso, esses momentos comigo, vai contribuir bastante com o meu trabalho. Sou muito grata!

Entrevista 2: Nathália

Pesquisadora1: Então primeiro antes da gente conversar eu quero que você fale um pouquinho sobre quem você é, e o que que você faz na escola.

Nathália2: Quem eu sou?

Pesquisadora2: É...

Nathália3: A eu sou uma mãe de família né i, com filhos, cinco filhos, quatro netos e sou cozinheira ou merendeira na escola né.

Pesquisadora4: E você gosta do que você faz?

Nathália5: Eu amo, amo, amo, não de verdade, de verdade, de verdade. Eu até comento as vezes com a Patrícia, aí Patrícia uma coisa assim que eu, que sabe assim eu acordo de manhã, porque as vezes você fala assim, você acorda naquele dia com uma preguiça, ai hoje eu não tô afim de trabalhar né, você fica, você fala assim. Todo dia é assim, sabe eu acordo de boa venho com o maior prazer do mundo.

Pesquisadora6: Que gostoso.

Nathália7: De verdade, eu gosto demais. Tem... eu comecei aqui na escola, eu comecei pela prefeitura, eu fiquei um ano e meio pela prefeitura no tempo da dona Neusa, eu comecei como bolsista, como bolsista aí juntou com essa empresa que eu tô agora, já tô com cinco, seis anos e meio aqui na escola, seis anos e meio.

PesquisadoraA8: Certo. É eu dividi em três momentos, em um a gente fala do período antes da pandemia como que é antes, como você se sentiu antes e aí eu vou fazendo as perguntas. Depois só pra eu ir pegando sobre o isolamento e por último sobre o pós isolamento que a gente vive hoje. Então, primeiro, como que era o trabalho pra você antes de acontecer, antes de imaginar que ia surgir uma pandemia.

NatháliaA9: Era normal, normal era né, trabalhoso, gratificante, mas uma coisa normal, nada sabe, fora do normal, era tudo normal, não tinha esse negócio de essa preocupação de usar álcool, nada, esse negócio de estar lavando mão assim né/

PesquisadoraA10: Mais constantemente/

NatháliaA11: Mais constantemente, exatamente, normal, vida normal né.

PesquisadoraA12: E como que você se sentia nesse período antes da gente achar que ia surgir uma pandemia, em relação aos estudantes? E como que era essa relação com o estudantes, antes de acontecer essa pandemia?

NatháliaA13: Antes de acontecer? Também era normal, era, tinha o contato com eles né, não tinha essa preocupação de..., a gente nem imaginava né que esse vírus ia vir pra causar tudo isso que causou né, era uma coisa normal, um relacionamento sadio, respeito, de boa.

PesquisadoraA13: Aí no período de isolamento o que que você sentiu quando você teve que ficar longe das pessoas que você amava, dos alunos, saudade do trabalho?

NatháliaA14: Tudo, tudo, tudo, tudo mudou, tudo mudou, a gente, a gente teve que lidar né com a situação e conviver com aquilo, com esse negócio de tá usando máscara né, a gente nunca imaginou né. É, então mudou aquele contato físico que a gente tinha com eles, com os alunos, com as pessoas próximas né, tudo isso foi bem difícil, mais preciso, preciso, é até por conta do vírus né que é bem complicado.

PesquisadoraA15: Sim, e aí você teve contato com algum aluno nesse período, ou soube de alguma situação de algum aluno nesse período de isolamento?

Nathália16: De aluno? Hum... de aluno não, que eu me lembre não, não Bia. Que eu me lembre de aluno não.

Pesquisadoral17: Certo, e qual que é a sua sensação em ver uma imagem do pátio vazio, o que você sente?

Nathália18: A gente sente saudade, saudade da muvuca né porque eles é são bem agitados, assim, a gente é aprende né conviver com essa agitação, com esse barulho, é com essa bagunça que eles fazem também, a gente vê o pátio nessa situação a gente né sente falta. As vezes é, a gente sente uma calma né, ai que bom né, mas a gente sente falta, sente falta.

PesquisadoraP19: Certo, aí no período de pós isolamento. Quando que você retornou pra escola e como que você se sentiu ao ter que retornar depois desse período de isolamento?

NatháliaP20: Quando? Aí Bia...

PesquisadoraP21: Não precisa de uma data assim, de certa forma como que você se sentiu quando você retornou pra escola?

NatháliaP21: Então, quando eu retornamos é continuou né, continuou esses cuidados todos né de máscara, usar gel, álcool gel tudo, í, sabe uma sensação assim de que aquilo, sei lá, será que vai passar... será que vamos ter a vida né que a gente tinha, aquela convivência com os alunos, foi. Mas, assim já se adaptamos né com a, se acostumando com aquela situação, mas foi meio que difícil também.

PesquisadoraP22: Certo, e aí quando retornou os estudantes né, os alunos retornaram, como que foi vê-los de novo é, como que foi essa sensação de cozinhar pra eles de novo?

NatháliaP23: A como sempre, que nem eu falei pra você, foi é sabe, é um prazer que pelo menos eu tenho assim, que eu cozinho, eu gosto, gosto muito de cozinhar, gosto do que eu faço e é com amor e carinho pra eles mesmo, é muito bom.

PesquisadoraP24: E aí, qual que você acha que foi o maior desafio nesse retorno?

NatháliaP25: Ai, ai, ai, o maior desafio do retorno? Ai Bia agora o que eu respondo pra ti...

PesquisadoraP25: O que você estiver sentindo.

NatháliaP26: Porque quando a gente retornou ainda tinha esse negócio de continuar usando máscara, usando álcool gel, é pedindo também pra que eles colaborassem com isso né, usando, porque o vírus ainda tá aí né. Então, é isso.

PesquisadoraP27: Certo, e aí pra finalizar eu trouxe um texto aí eu vou ler pra você e você pode acompanhar e você me diz o que você acha, se você concorda se não concorda, certo? “Educar é um processo de transformação na convivência de todos os atores envolvidos e, se queremos que nossos meninos e meninas cresçam como seres autônomos no respeito por si mesmos e com consciência social, temos que conviver com eles respeitando-os e respeitando-nos na contínua criação de uma convivência na colaboração a partir da confiança e do respeito mútuos”.

NatháliaP28: Certíssimo, certíssimo, é isso mesmo acho que o respeito tem que partir dos dois lados né, e é... sem o respeito não, hum... sem respeito não dá, eu fiquei nervosa.

PesquisadoraP29: Que isso.

NatháliaP30: Mas é isso, temos que respeitar, isso aí, educar, educação tem que começar de casa.

PesquisadoraP31: Sim.

NatháliaP32: Tem que começar de casa, com os pais e é isso...

PesquisadoraP33: E você acha que a gente consegue de alguma forma colocar isso em prática?

NatháliaP33: Aí, vou ser sincera né, hoje em dia esses alunos tá muito difícil, tá muito difícil e pode-se tentar né, nada está perdido.

PesquisadoraP34: Mas em que sentido? Você pode falar.

NatháliaP35: Educar esses filhos hoje em dia, educar porque é hoje em dia eles num se respeitam mais assim né, pai nem mãe, vice e versa né também e é difícil mesmo tem que ter muita sabedoria, pra saber lidar com a situação, porque os tempos de hoje tá muito, muito difícil mesmo. Acho que tem que ter diálogo não é, com os pais, pai com filho, filho com o pai, professores, com os alunos também. Tem muitos alunos que vem pra escola também quer desabafar né, porque não tem aquela conversa com os filhos em casa né, então, vem pra escola pra desabafar com o professor, com a tia

da merenda, ou com a tia do pátio. Então, é todo um conjunto né pra que possa melhorar, ser melhor...

PesquisadoraP36: Nathália, muito obrigada agradeço bastante.

APÊNDICE E - Excertos selecionados sobre o período de pré isolamento

DOMÍNIO	I - PRÉ ISOLAMENTO	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA	UNIDADES DE ANÁLISE
As relações antes do isolamento	Experiências que evidenciam interações entre professor e aluno	<p>(...) muito difícil pra dar aula também (MirandaA35)</p> <p>(...) a gente ainda tava com aluno (...). (...) o brasileiro ele tem costume de viver em sociedade, isso é fato, (...). (...) problemas na sala teve, tinha (...) (RosaA36)</p> <p>A relação era boa né, existia aquela troca de conhecimentos né, aluno-professor. (...) difícil, um aprendizado muito duro, árduo né. Então, o aprender, o ensinar é difícil. Você tem que estar sempre se virando ali, você entra numa sala uma situação, você na outra é outra completamente diferente (...). (...) é era complicado, mas prazeroso. (MirandaA51)</p> <p>(...) já tínhamos nossos problemas em sala de aula, os problemas deles né que traziam de lá pra cá (...) (AlexA52).</p> <p>(...) então não tem carteira vazia ainda. (RosaA60)</p> <p>(...) muitos alunos que vem no ambiente escolar, que faz aquela, só aquela alimentação, (...) dentro de casa passa uma dificuldade tremenda. (WilliamI87)</p> <p>(...)eu gosto de ter contato, de conhecer cada um, de conversar com cada um, dialogar. (...) Eu tinha um 9C, (...), eles eram uma sala muito difícil, e o comportamento deles eles eram muito agressivos (...). (...) porque tudo que o aluno quer é ser escutado. De verdade, eu acho que até a gente né. (RosaI154)</p> <p>(...) antes pelo menos você conseguia ali ó respeito (...) (MirandaP212)</p>
Emoções quanto a iminência do isolamento	Experiências relacionadas as medidas de isolamento	<p>Né, agora ferrou tudo, aí veio aquele medo né, aí você já começa a pensar na família, começa a pensar no trabalho, em você, né e fica essa questão. (...) Aí já veio aquele susto (...). (...) teve um dia que eu fiquei tipo apavorado. Eu pensei que ia ter uma crise de ansiedade, (...), uma crise de pânico por causa disso eu comecei a pensar né. (AlexA32)</p> <p>Aí ele pegava no outro e falava, a vou te passar, aí aquele que era mais assim, prô eu vou morrer, falei não um dia todo mundo vai morrer né. (MirandaA34)</p> <p>(...) eles ficaram apavorados, (...) outros levando tudo na brincadeira. E eu falei meu Deus, o que será de mim (...), (...)</p>

		<p>os idosos que estavam em risco. (...) aí fiquei em casa foi aquele pânico, (...) aí você vê os vizinhos sumiu do mundo (...). (...) ninguém sabia como funcionava, como seria essa doença. Primeiro dia que avisou foi assim, a_pa_vo_ran_te! (MirandaA35)</p> <p>a gente não tá acostumado com o isolamento. (RosaA36)</p> <p>(...) já tinha receio, tinha medo, a gente ainda tinha esperança de que não fosse acontecer o isolamento social. (...) a questão do pré isolamento foi uma angústia (...). (...) o pré isolamento ele nos trouxe um momento, a fragilidade (...). (...) foi um dos piores momentos, porque eu não sabia o que fazer, o que transmitir, e o que que ia acontecer (...). (WilliamA39)</p> <p>o difícil era saber o que os alunos estavam vivenciando. (WilliamA54)</p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

APÊNDICE F - Excertos selecionados sobre o período de isolamento

DOMÍNIOS	II -ISOLAMENTO	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA	UNIDADES DE ANÁLISE
Vivências pessoais	Relato de experiências pessoais vividas no isolamento	<p>E era o medo né, então, esse medo né, foi, foi indo e a gente chegou uma hora que a gente vai enlouquecer. (...) porque foi muito triste né. (Juliana120)</p> <p>(...), mas é muito triste ficar em casa isolada né, falar por celular. Parente internado e você não poder visitar, isso é triste demais. (Juliana122)</p> <p>(...) principalmente uma escola com tanta gente de repente você vê o pátio vazio (...). (...) cadê as pessoas, vai voltar ao normal né. (...) será que aconteceu com algum aluno que pegou covid, será que né morreu. (Juliana126)</p> <p>Aí em casa eu sentia os sintomas, eu começava a sentir os sintomas, crise de choro (...) (MirandaA35)</p> <p>Vazio, é uma sensação triste, gente (...). (RosaA60)</p> <p>(...) aliás pra mim foi uma questão de muita dificuldade, de ver a minha mãe, minha vó, né, fechados, até mesmo fechadas, meus dois avós também né, não poder nem chegar próximo deles. (WilliamA39)</p> <p>Você voltou pra dar aula, você trabalhou muito mais em casa do que no presencial. (Rosal70)</p> <p>(...) é eu sofri demais. E aí você entrou no choque, eu entrei num choque tremendo, (...) o isolamento já foi horrível (...). (Rosal72)</p> <p>Ainda que tinha sobrecarga de trabalho, porque ali a gente é mãe, a gente tem que lavar roupa, tem que limpar a casa. (Rosal76)</p> <p>(...) a gente que ainda tinha um lugar pra ficar sofreu, sofreu, porque é não foi fácil (Rosal78).</p> <p>(...) no isolamento eu tive a honra, a dívida de ver a minha filha nascendo. (...) como pai foi ótimo, mas ao mesmo tempo o lado ruim, (...) muitas pessoas morrendo (...). Passando muita dificuldade de necessidade com questão de fome, de comida (WilliamI85).</p> <p>(...) a questão do isolamento foi difícil mano, muito difícil. (WilliamI87)</p> <p>(...) foi muito difícil (WilliamI89)</p> <p>Eu me senti assim sabe, sabe quando no meu tempo né a não fez a lição vai ficar de castigo, aí fica lá na frente, eu me senti assim (...). (...) tô em casa vou ter que dar aula. Você tem que lidar tudo com aquilo (MirandaI90)</p> <p>(...)como foi difícil né (...) (AlexI97)</p> <p>Você recebe, (...) você vê ta com aquela carinha, não tem o que comer, que mora aqui, não é fácil. (...), mas foi difícil foi (IMiranda96)</p>

		<p>Mandava pros prôs, tem como disponibilizar alimentos pra tais pessoas, pra igreja, pra isso e aquilo. (AlexI114).</p> <p>(...) não vê que tá acontecendo uma pandemia, então tenho que tomar cuidado com ele, com a mãe dele. (AlexI117)</p> <p>Então, gente foi horrível, terrível, foi apavorante. (AlexI119)</p> <p>(...) foi bem apavorante (...) (AlexI127)</p> <p>(...) igual chegou a uma amiga nossa aqui que faleceu (voz embargada), (...) ela morreu, mas ela ainda tá viva aqui dentro, ela tá viva no coração de um monte de gente. (Rosal159)</p> <p>(...) minha mãe teve crise de depressão no início da pandemia. (...) porque a gente ficou com medo, com receio de que ela ficasse doente e morresse. Então, se mexeu com a gente, quem dirá na cabeça dessas crianças (chorando) (RosaP221)</p>
<p>Vivências relacionadas aos estudantes</p>	<p>Relato de experiências vivenciadas pelo contato com os estudantes</p>	<p>aí veio a aula online e aí começou, chamada de vídeo, tal, mas não foi a mesma coisa, foi muito triste (MirandaA35)</p> <p>(...) ele não tinha mais a escola (...) (AlexA52)</p> <p>(...) muitos não tinham internet adequada, muitos tinham dificuldades por conta disso (...) (Rosal72)</p> <p>(...) era uma, um cômodo pra oito, nove crianças. (...) foi um sofrimento pro aluno (...) (Rosal74)</p> <p>a gente não conseguia atingir todo mundo, pra quem gosta de dar aula é angustiante (...). (...) fora a angústia e o sofrimento que você não conseguia atingir todos os alunos(...) (Rosal76)</p> <p>(...) mas assim, a respeito dos alunos em si era muito difícil (...). (...) professor não tem nem como, porque eu estou aqui dentro de casa, estou passando necessidade, dificuldade financeiramente, tá meu, minha cabeça não está pra aula. (WiliamI87)</p> <p>(...) o outro lado era mais difícil ainda (...) (WiliamI89)</p> <p>(...) o pai que chegava mandava áudio pra você chorando, porque o filho tá doente, não tem o que comer (...) (MirandaI90)</p> <p>(...) tem que ter né, um momento com esses alunos que estão isolados, vamos fazer uma festa junina online. (MirandaI90)</p> <p>Tinha um olhar, foi muito emocionante, de olhar (MirandaI92)</p> <p>Oi, prô! E aquilo ali foi maravilhoso, não foi Bia? (MirandaI94)</p> <p>(...) foi muito gratificante, era só essa forma, né. O vídeo confortava um pouquinho, mas foi difícil foi. De ir na sua porta pedir, pra dar pro filho e você ter que segurar ali (...) (MirandaI96)</p> <p>(...) nem todos tinham internet (...), batiam na nossa porta, tem como você me ajudar? (...) uns que tinham atividade zerada, quando dava meia noite, se acordava no outro dia tinha atividade. (AlexI114)</p> <p>(...) perderam a mãe, o tio, o primo, o irmão, (AlexI119)</p> <p>(...) se você for ver muitos dos nossos estudantes na metade do caminho da pandemia se perdeu, eles já estavam desanimados, já estavam desmotivados (...) (RosaP184)</p>

		<p>Infelizmente, nem todos nessa situação tiveram acesso (...). (...), mas não era aquela realidade, era outra, então a gente tinha que se adaptar aqui (...). (...) se eu seguir lá, num dá, num dá eles não vão aprender né, não totalmente (Alex1135)</p> <p>(...) os alunos, escreviam coisas nada a ver (...). (...) o aluno, pra ele aquilo num, num levou a sério né (...). (...) o complicado ali foi o aluno né, acompanhar, nós acompanhamos, mas e o aluno? É muito horrível. (Mirandal136)</p> <p>(...) aqui é outra realidade, e assim não tinha como (...). (...) não tinha nem como cobrar assim do aluno a questão do ensino. (...) acho que isso que o professor tá falando não condiz com a nossa realidade com os alunos aqui periféricos né (...) (Wiliam1142)</p> <p>(...) porque se não fosse o aplicativo a defasagem seria maior ainda né (...). (...) ele tinha muita dificuldade de acessar, mesmo a gente explicando online tudo (...) (Rosal147).</p> <p>E aí teve uma época em que a gente quase não tinha aluno acessando o centro de mídias, por quê? Por conta da realidade (...) (Rosal149)</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

APÊNDICE G - Excertos selecionados sobre o período de pós isolamento

DOMÍNIOS	III - PÓS ISOLAMENTO	
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA	UNIDADES DE ANÁLISE
Relações com os estudantes	Vivências com os estudantes no retorno	<p>(...) o aluno não te vê tanto tempo ele vai querer correr te abraçar né (...). (JulianaP28)</p> <p>Feliz né, ver eles falando que tava com saudade da gente né (...). (...) aí fala nossa tia eu estava morrendo de vontade de comer a sua comida, nossa tia vocês faz falta (...). (JulianaP30)</p> <p>(...) Eles sem por máscara né i, será que vai pegar, será, (...). (JulianaP33)</p> <p>(...) Por que eles voltaram tão angustiados? Porque eles voltaram tão problemáticos (...). (RosaA36)</p> <p>(...) nós já tínhamos nossos problemas e eles voltaram com um a mais (...). (AlexA52)</p> <p>(...) aquilo é maravilhoso, a sala cheia, cheia de aluno (RosaA66)</p> <p>muitas vezes eles escutam mais o professor do que a família (Rosal156)</p> <p>(...) eles voltaram muito preguiçosos, não precisa pensar, quer tudo pronto, tem que ler e entender o que tá ali. (...) porque a educação é tudo na vida dele. (...) poxa vida, e o que os prôs me falaram eu não ouvi.</p> <p>(...) aí você veio hoje prô, que delícia, abraça. Sabe, isso é tão bom, ouvir deles (...). (...) que bom que você veio também. (Mirandal160)</p> <p>(...) como foi o seu dia? Eles ficam, ô professor, isso daqui ninguém nunca falou pra mim. (WiliamI161)</p> <p>(...) se um dia você entra em uma sala de aula pra baixo/ (WiliamI163) /Os alunos vão sentir (WiliamI165)</p> <p>(...) pessoal boa noite, bom dia, enfim, aquela positividade, aquela vibração boa, meu, tudo conspira ao lado positivo (...). (WiliamI165)</p> <p>(...) Eles voltaram mais arredios (...). (...) como ele viveu muito tempo em isolamento social ele se fechou parece pro mundo né (...). (...) não me toca pelo amor de Deus, tá bem assim né, não me toca, não fala direito comigo (...). (...) tá nesse jeito assim de angústia, dá pra perceber uma angústia dentro do ser humano né, dentro da pessoa. É muitos voltou que nem eu né, graças a Deus que voltou (risos), graças a Deus(...). (...) Tá difícil? Tá (...). (RosaP184).</p> <p>(...) porque tá difícil (MirandaP185)</p> <p>(...) Eles ficavam olhando pra gente com medo, ó era a gente aqui e eles ali separados (...). (...) mesmo se morrendo de medo eu ia lá, ficava longe. (AlexP188)</p>

		<p>(...) todos os problemas, vieram, a gente tem que correr atrás do que eles não aprenderam ali e trabalhar aqui (...). (...) é trabalhar habilidades que eram pra terem sido trabalhadas no fundamental I e não foram (...). Mas, assim, ainda tá sendo difícil. (AlexP193)</p> <p>Eles dependem de nós, assim como a gente depende deles. (RosaP196)</p> <p>(...) agora o dia de hoje está sendo difícil por questão das agressões, eles estão bastante ariscos né(...). (...) tá sendo difícil assim, tá sendo difícil (WilliamP204)</p> <p>(...) o obstáculo maior que ainda volto a dizer é a questão do convívio entre eles mesmo, que tá sendo muito difícil. (...) o companheirismo né o afeto, carinho, mas é essa barreira (...). (...) a questão da individualidade, enfim, dentro de escola não pode ter isso (WilliamP211)</p> <p>Respeito né, eles não tem respeito(...). (...) agora, é ele e pronto né. (MirandaP212)</p> <p>Eles voltaram muito individualistas né, muitos deles voltou pensando somente neles (RosaP213)</p> <p>É o convívio em sociedade parece que se perdeu no caminho (RosaP215)</p> <p>(...) o trabalho tá sendo tão árduo, tão árduo, eles estão sendo tão individualistas (...). (...) querer trazer ele pra gente e a gente acaba errando também (...). (...) já fui falando, falando, falando, falando, falando, falando, é no intuito de trazer ele pra gente (...). (...) aí os alunos virou; boa tarde pra você também, que que eu fiz eu comecei a rir, aí eu comecei a rir eu parei voltei e pedi desculpa e aí eu “boa tarde gente”, (...) e aí a gente foi trabalhar o lado emocional do aluno e o nosso também. (RosaP217)</p> <p>Então, eles vão ter angústia, vão, vão tá sofrendo (...). Eles perderam familiares, eles perderam amigos, eles perderam parentes, não tem como ser igual (...) (RosaP219)</p> <p>a questão da perda, a questão da, como posso dizer, é dá tristeza é imensa (...) (WilliamP224)</p> <p>Eles desaprenderam a conviver né, a conviver, desaprenderam (...). É você chegar e falar, boa tarde, antes de fazer chamada (...). Ai logo sabe já vem os problemas, e aí cabe a nós ouvir, depois você faz o que tem que fazer, não é? (MirandaP226)</p> <p>A questão do individualismo é muito triste (...). (...) eles estão tipo só pensam neles né (...) (WilliamP229)</p> <p>Eles tem dificuldade de se tocarem (...). (...) não querem estar com o outro (...) (PMiranda230)</p> <p>(...) eu acho que a família não está junto com a escola, ela debandou, ela jogou o problema aqui, (MirandaP236)</p> <p>(...) aí você socorre o estudante lá fora, porque você tem medo que alguma coisa aconteça com ele e traz ele pra dentro(...). (...) você vai ver as redes sociais, ele tão jogando briga, eles tão jogando confusão. (MirandaP237)</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		(...) se virem, vocês dão conta que eu não aguento mais aqui em casa, então, toma. (AlexP240)
Experiências do professor no retorno	Relato de vivências sobre si ou colegas no retorno	<p>Feliz né por ter voltado a trabalhar e ao mesmo tempo receosa né (...). (...) tem um medo ainda né até você voltar e até você acostumar com tudo de novo é complicado, é muito complicado. (JulianaP28)</p> <p>(...) foi muito medo (...). (...)a gente voltar e todo mundo tá dentro de uma cozinha (...). (JulianaP33).</p> <p>(...) até pegar aquela confiança fica da gente fica receosa com medo ainda, mas depois, depois que tomou todas as doses aí. (JulianaP35)</p> <p>(...) porque ninguém aqui no Brasil está acostumado a viver em isolamento (...) (RosaA36)</p> <p>(...) a mudança tem que existir. (RosaA64)</p> <p>(...) vai ter problema vai (...). (...) você olha pra uma sala de aula vazia, da uma angústia, um desespero (...). (RosaA66)</p> <p>(...) as vezes eu chego em casa não vejo o meu filho né (...). São coisas que você tem que pontuar, até mesmo pra dentro do seu lar, pra você não errar. (WiliamI163)</p> <p>(...) por mais difícil que seja a volta aí, e está sendo, está sendo, não tá sendo fácil não. (RosaP184)</p> <p>(...) a gente tem que absorver também essa situação e tentar né, unir as forças que precisamos nos unir. (MirandaP185)</p> <p>(...), mas eu amei tá olhando olho no olho, é bom né, isso é muito bom. (PMiranda187)</p> <p>(...) e aí depois ó agora acabou, é todo mundo. Êêê, já veio eu; gente voltou, voltou (AlexP190)</p> <p>Aí vem o vrum (gesto com a mão em movimento para frente), que delícia. (MirandaP191)</p> <p>Trabalho árduo né, trabalho árduo, mas o segredo tá aí né não desistir, a gente tem que persistir. (RosaP194)</p> <p>(...) há eu não via a hora de tá nesse edifício cara, porque difícil estava sendo ser isolado mesmo. (WiliamP204)</p> <p>(...) o sofrimento tá aí dentro, ele tá interno., a gente tá sofrendo, imagina eles. (RosaP219)</p> <p>(...) nós tenta o máximo transmitir a questão do amor e carinho (...). (WiliamP224)</p> <p>nós estamos nos virando aí conforme né, dançando conforme a música. (...). (MirandaP236)</p>
Reflexão do professor	Pensamentos que expressam experiências sobre o processo que passaram	<p>será que eu vou poder abraçar essa pessoa né (...). (JulianaP28)</p> <p>(...), mas também tem que estar bem né, pra você aprender alguma coisa também né (...). (JulianaP30)</p> <p>(...) tem um medo ainda né até você voltar e até você acostumar com tudo de novo é complicado, é muito complicado. (JulianaP28)</p> <p>(...) a gente não tá preparado pra uma pandemia. (RosaA36)</p>

		<p>(...) como nós podemos ser tão fortes e não podemos demonstrar a fragilidade pra eles né, e ao mesmo tempo tão fraco. (...). (WilliamA39)</p> <p>(...) a pandemia ela veio acrescentar um problema a mais na vida deles né (...). (AlexA52)</p> <p>Mas, assim, eu olho pra aquela sala de aula antiga, eu olho pra essa aqui, meu eu sou, aquela transformação (...). (RosaA66)</p> <p>mas o período de isolamento pra mim foi fundamental pra descobrir novas coisas na área da tecnologia. (Rosal72)</p> <p>Então foi um sofrimento pro aluno e foi um sofrimento maior pra gente. (Rosal74)</p> <p>(...) o período de pré isolamento foi difícil, mas o isolamento social foi muito pior. (Rosal76)</p> <p>(...) a gente quanto adulto que tinha espaço, (...) a gente sofreu, imagina aquele estudante que não tinha gente? (Rosal82)</p> <p>Pra mim foi muito pior, o isolamento, olha Deus me livre voltar a passar por isso. (Rosal84)</p> <p>Então, a dificuldade começa daí, (...), sabendo que você estava no seu lar, na sua casa, tinha alimentação, tinha emprego, e muitos pais, mães, perderam o emprego (...). (...) imagina, você está no ambiente da sua casa e ter que ser mãe, pai, enfim, tudo ao mesmo tempo e ainda conciliar o seu profissionalismo, isso é muito difícil. (WilliamI87)</p> <p>Pra nós é difícil, e o outro lado era mais difícil ainda, então o isolamento foi, foi uma das questões que, eu nunca, eu não desejo nem pro meu pior inimigo. (WilliamI89)</p> <p>(...), mas graças a Deus, estamos aqui né (voz embargada, lágrimas, enxugando as lágrimas). (MirandaI96)</p> <p>Não desistir, não sei né, mesmo na dificuldade toda que passamos (...). (AlexI153)</p> <p>(...) acredite no seu futuro gente, eu acredito, eu sou fiel a educação, eu acho que a educação transforma o mundo, transformou a minha vida. (Rosal154)</p> <p>(...) a gente veio aqui pra trabalhar, e as vezes a gente tem que parar pra ouvir né (...). (MirandaI160)</p> <p>(...) porque a mudança só cabe a nós, é individual (...). (Rosal178)</p> <p>(...) isso é fato, escola sem gente é escola sem vida, né? (...). (... por mais difícil que seja prefiro mil vezes a bagunça, a desorganização do que o vazio (...). (...) porque, você precisa estar bem consigo mesmo, pra passar pro outro (...). (...) porque a gente enquanto gestores, a gente quanto professores, a gente quanto funcionários a gente é humano né (...). Vai haver consequências pro aluno, vai haver consequências pro colega de trabalho, vai haver consequências com todo mundo (...). (RosaP184)</p> <p>(...) enquanto ser humano, a gente erra né. (...) eu costumo muito falar sobre Paulo Freire, porque eu concordo totalmente com a pedagogia dele né, a gente aprende enquanto ensina também. Então, o trabalho é pra eles, mas é pra gente também</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>gente, a gente perdeu quem era e não vai ser igual, não tem como ser. (RosaP217)</p> <p>(...) no ambiente escolar onde tem mais amor e carinho (...). (...) o que que é você construir, tentar, não parar, enfim, né correr atrás de tudo que você pensa, que você sonha. (WiliamP224)</p> <p>(...) a gente tem esse papel né, uma troca. (MirandaP226)</p> <p>(...) que a gente tem que entrar em parceria e em conjunto, sim (...). (...) fazer com que o aluno entenda que todos são importantes (...). (...) a gente não tem que ser individual, que a gente tem que pensar no outro. (RosaP239)</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido do Grupo Focal

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Professores

Título: Relações interpessoais entre professores e estudantes durante o período pré, durante e após o isolamento social na pandemia à luz da Biologia do Conhecer

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC/USP) intitulado: *As relações interpessoais de professores e estudantes em um período pré, durante e após o isolamento social na pandemia à luz da Biologia do Conhecer*, da aluna Beatriz Maria Santos Macedo sob a orientação da Profa. Dra. Maria Elena Infante-Malachias. O objetivo deste projeto é compreender as mudanças emocionais vivenciadas por professores de ensino fundamental II, antes, durante e depois do isolamento social na pandemia usando como referencial teórico a obra de Humberto Maturana.

Este estudo revela-se importante, pois traz questões a respeito das emoções vivenciadas em um período de grandes mudanças no mundo, que proporcionou diferentes realidades a professores e estudantes ao longo dos últimos anos desencadeando diversas emoções. As emoções vivenciadas antes, durante e após o período de isolamento mostram-se relevantes por possivelmente terem sido pouco trabalhadas e proporcionarem mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Para o autor Maturana as emoções são o que movem os seres humanos, sendo as principais responsáveis por mudanças de comportamentos e culturas. Os resultados que se desejam alcançar são o de descrever e identificar as emoções expressas pelos professores, discutir e reelaborar com o grupo as emoções vivenciadas e obtidas por meio da transcrição, e analisar os processos de mudanças das emoções e de ensino aprendizagem por meio das concepções de Humberto Maturana pela Biologia do Conhecer.

A coleta de dados começará em maio de 2022 e terminará em agosto de 2022 e se dará de forma presencial, em um ambiente de fácil acesso para todos os participantes. As reuniões serão gravadas para posterior transcrição e serão utilizadas apenas para os fins da pesquisa, sendo os dados mantidos em sigilo e sob responsabilidade do pesquisador.

É importante ressaltar que o projeto prevê como eventual risco o desconforto ao responder as questões propostas pelo pesquisador. Diante desta situação você poderá manifestá-lo e optar por deixar de participar da pesquisa, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem que isso lhe acarrete penalidades ou prejuízos de qualquer natureza. Como benefícios o projeto prevê a contribuição para a área de formação de professores a partir da teoria Biologia do Conhecer. Todo e qualquer tipo de esclarecimento quanto à pesquisa poderá ser fornecido antes, durante ou depois de sua realização. Informamos também que manteremos sigilo de sua identidade e de quaisquer outros tipos de dados confidenciais, cabendo a nós, durante o tratamento do material coletado, alterar nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-lo, provocar-lhe constrangimentos ou prejuízos.

Esta pesquisa não envolverá nenhum tipo de valor econômico, a receber ou a pagar, em decorrência da sua participação e, caso alguma despesa seja gerada, o montante lhe será ressarcido integralmente pelo pesquisador responsável e pela pesquisadora supervisora deste estudo. Caso, você se sinta prejudicado pela pesquisa você terá direito a buscar indenização. Os resultados gerais advindos desse estudo serão utilizados apenas para

compreender as emoções vivenciadas pré, ao decorrer e após um período de isolamento com o olhar da Biologia do Conhecer.

O resultado da pesquisa será enviado para o seu e-mail, após a finalização desta, previsto para setembro de 2022. Caso haja alguma dúvida sobre a mesma, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável por esse estudo através do telefone (11) 96905-0112 e pelo e-mail: mariabeatrizmac@usp.br.

Dúvidas a respeito dos princípios éticos dessa pesquisa também poderão ser enviadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo: Rua Arlindo Bétio, 1000 - Vila Guaraciaba, São Paulo - SP. Telefone: (11) 3091-8154 / E-mail: cep-each@usp.br / homepage: <http://www5.each.usp.br/apresentacao-cep/>. O atendimento pode ser feito de segundas às sextas-feiras das 09:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00, localizado no prédio 11 na sala T14.

Ciente do teor contido neste termo – assinado em duas vias para que ambos o pesquisador e o participante conservem consigo uma cópia física – e tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, **manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa.**

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora

Beatriz Maria Santos Macedo

Mestranda em Ensino de Ciências – PIEC/USP / Pesquisadora responsável

E-mail: mariabeatrizmac@usp.br

Telefone:

Assinatura da orientadora

Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias

Orientadora da Pesquisa

E-mail: marilen@usp.br

Telefone:

**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da entrevista
semiestruturada**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: As relações interpessoais no ambiente escolar após o isolamento social na pandemia da Covid-19 à luz da Biologia do Amar

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC/USP) intitulado: *As relações interpessoais no ambiente escolar após o isolamento social na pandemia da Covid-19 à luz da Biologia do Amar*, da aluna Beatriz Maria Santos Macedo sob a orientação da Profa. Dra. Maria Elena Infante-Malachias. O objetivo deste projeto é compreender as mudanças emocionais vivenciadas no ambiente escolar após o isolamento social na pandemia da Covid-19 usando como referencial teórico a obra de Humberto Maturana.

Este estudo revela-se importante, pois traz questões a respeito das emoções vivenciadas em um período de grandes mudanças no mundo, que proporcionou diferentes realidades ao ambiente escolar ao longo dos últimos anos desencadeando diversas emoções. As emoções vivenciadas antes, durante e após o período de isolamento mostram-se relevantes por possivelmente terem sido pouco trabalhadas e proporcionarem mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Para o autor Maturana as emoções são o que movem os seres humanos, sendo as principais responsáveis por mudanças de comportamentos e culturas. Os resultados que se desejam alcançar são o de descrever e identificar as emoções expressas por pessoas envolvidas no dia a dia escolar, discutir e reelaborar as emoções vivenciadas e obtidas por meio da transcrição, e analisar os processos de mudanças das emoções e de ensino aprendizagem por meio das concepções de Humberto Maturana pela Biologia do Amar. A coleta de dados começará em agosto de 2022 e terminará em setembro de 2022 e se dará de forma presencial, em um ambiente de fácil acesso para todos os participantes. As entrevistas serão gravadas para posterior transcrição e serão utilizadas apenas para os fins da pesquisa, sendo os dados mantidos em sigilo e sob responsabilidade do pesquisador.

É importante ressaltar que o projeto prevê como eventual risco o desconforto ao responder as questões propostas pelo pesquisador. Diante desta situação você poderá manifestá-lo e optar por deixar de participar da pesquisa, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem que isso lhe acarrete penalidades ou prejuízos de qualquer natureza. Como benefícios o projeto prevê a contribuição para a área de formação de professores a partir da Biologia do Amar. Todo e qualquer tipo de esclarecimento quanto à pesquisa poderá ser fornecido antes, durante ou depois de sua realização. Informamos também que manteremos sigilo de sua identidade e de quaisquer outros tipos de dados confidenciais, cabendo a nós, durante o tratamento do material coletado, alterar nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-lo, provocar-lhe constrangimentos ou prejuízos.

Esta pesquisa não envolverá nenhum tipo de valor econômico, a receber ou a pagar, em decorrência da sua participação e, caso alguma despesa seja gerada, o montante lhe será ressarcido integralmente pelo pesquisador responsável e pela pesquisadora supervisora deste estudo. Caso, você se sinta prejudicado pela pesquisa você terá direito a buscar indenização. Os resultados gerais advindos desse estudo serão utilizados apenas para compreender as emoções vivenciadas após um período de isolamento com o olhar da Biologia do Amar.

O resultado da pesquisa será enviado para o seu e-mail, após a finalização desta, previsto para outubro de 2022. Caso haja alguma dúvida sobre a mesma, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável por esse estudo através do telefone (11) 96905-0112 e pelo e-mail: mariabeatrizmac@usp.br. Dúvidas a respeito dos princípios éticos dessa

pesquisa também poderão ser enviadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo: Rua Arlindo Béttio, 1000 - Vila Guaraciaba, São Paulo - SP. Telefone: (11) 3091-8154 / E-mail: cep-each@usp.br / homepage: <http://www5.each.usp.br/apresentacao-cep/>. O atendimento pode ser feito de segundas às sextas-feiras das 09:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00, localizado no prédio 11 na sala T14.

Ciente do teor contido neste termo – assinado em duas vias para que ambos o pesquisador e o participante conservem consigo uma cópia física – e tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, **manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa.**

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora

Beatriz Maria Santos Macedo

Mestranda em Ensino de Ciências – PIEC/USP / Pesquisadora responsável

E-mail: mariabeatrizmac@usp.br

Telefone:

Assinatura da orientadora

Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias

Orientadora da Pesquisa

E-mail: marilen@usp.br

Telefone:

ANEXO C - Termo de Autorização para coleta de dados feita na escola**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

Ilmo. Sr (a)

Nome do Administrador _____

Responsável Administrativo _____

Eu, **Beatriz Maria Santos Macedo** do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo – USP, sob a orientação da Professora Doutora Maria Elena Infante-Malachias, venho solicitar a V. Sa. a autorização para coleta de dados nessa instituição, com a finalidade de realizar a pesquisa de iniciação científica intitulada: **Relações interpessoais entre professores e estudantes durante o período pré, durante e após o isolamento social na pandemia à luz da Biologia do Conhecer**, cujo objetivo compreender as mudanças nas relações interpessoais entre professores e estudantes em um período pré, durante e após o isolamento social na pandemia e suas possíveis interferências no processo de ensino e aprendizagem. A coleta de dados ocorrerá mediante a utilização de gravação por câmeras e descrição por escrito da reunião do grupo focal de professores. Igualmente, assumo o compromisso de utilizar os dados obtidos somente para fins científicos, bem como de disponibilizar os resultados obtidos para esta instituição.

Agradecemos antecipadamente e esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Nome do Administrador (a): _____

Assinatura do Administrador (a): _____

Assinatura da pesquisadora**Beatriz Maria Santos Macedo**

Mestranda em Ensino de Ciências – PIEC/USP / Pesquisadora responsável

E-mail: mariabeatrizmac@usp.br

Telefone:

Assinatura da orientadora**Profa. Dra. Maria Elena Infante-Malachias**

Orientadora da Pesquisa

E-mail: marilen@usp.br

Telefone: (11)